

Fábio Ruela de Oliveira

# História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (1958-1964)

*memória da formação da FCL-UNESP*

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Câmpus de Assis

**Fábio Ruela de Oliveira**

Autor

**HISTÓRIA DA FACULDADE DE FILOSOFIA,  
CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS (1958-1964):**

**Memória da formação da FCL / UNESP**

**Assis**

**Unesp Campus de Assis**

**2020**

**Conselho Editorial**

Karin Adriane H. Pobbe Ramos (Presidente)  
 Carlos Camargo Alberts (Vice-presidente)  
 Álvaro Santos Simões Junior  
 André Figueiredo Rodrigues  
 Carlos Eduardo Mendes Moraes  
 Danilo Saretta Veríssimo  
 Gustavo Henrique Dionísio  
 Lúcia Helena Oliveira Silva  
 Marco Antonio Domingues Sant'Anna  
 Maria Luiza Carpi Semeghini  
 Paulo César Gonçalves  
 Ronaldo Cardoso Alves  
 Rozana Aparecida Lopes Messias  
 Tania Regina de Luca  
 Vânia Aparecida Marques Favato  
 Wilton Carlos Lima da Silva

**Secretário**

Paulo César de Moraes

**Revisão:** Vanessa Kramer **Capa:** Dyener Santos, sobre detalhe de fotografia (Fev. 2020) de Antônio Carlos Frazão.

**Conselho Consultivo**

Adilson Odair Citelli (USP)  
 Antonio Castelo Filho (USP)  
 Carlos Alberto Gasparetto (UNICAMP)  
 Durval Muniz Albuquerque Jr (UFRN)  
 João Ernesto de Carvalho (UNICAMP)  
 José Luiz Fiorin (USP)  
 Luiz Cláudio Di Stasi (IBB – UNESP)  
 Oswaldo Hajime Yamamoto (UFRN)  
 Roberto Acízelo Quelha de Souza (UERJ)  
 Sandra Margarida Nitrini (USP)  
 Temístocles César (UFRGS)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
 Vania Aparecida Marques Favato  
 Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

O48h Oliveira, Fabio Ruela de.  
 HISTÓRIA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS (1958-1964): memória da formação da FCL / UNESP [recurso eletrônico] / Fábio Ruela de Oliveira. Assis: UNESP - Campus de Assis, 2020.  
 231 p. : il.

**ISBN:978-85-66060-37-9**

1. Universidades - História. 2. Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Assis). I. Título

CDD 378.1

*Aos meus pais Jovenil e Leotilha, e ao meu irmão Márcio.*

*À memória do Professor Antônio Augusto Soares Amora.*

*À Faculdade de Ciências e Letras de Assis-SP, fundada em 1958, Campus da Universidade  
Estadual Paulista (UNESP) desde 1976.*

“Todo jovem que se sente atraído para uma carreira acadêmica deve ter muito claro para si mesmo que a tarefa que o aguarda tem duas faces. Ele deve ter qualificações não só como pesquisador, mas também como professor. Essas duas coisas não são nem idênticas nem inseparáveis.” [Max Weber. *A Ciência como vocação*, 1919]

## **Apresentação e agradecimentos**

Este livro é a versão revista da dissertação de mestrado defendida em 10 de setembro de 2002, no Programa de Pós-Graduação “História e Sociedade” da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Campus de Assis/SP, sob o título *História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (1958-1964) – Memória da formação de um instituto superior no interior paulista*, financiada com uma bolsa de 24 meses do CNPq.

Elaborada entre os anos de 2000 e 2002, esta pesquisa começou a ser planejada em 1998, no âmbito do Grupo de Estudo Temático “Experiência Intelectual Brasileira”, coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Eduardo Jordão Machado, que foi o orientador deste trabalho. Sua orientação foi um privilégio e na banca examinadora tive a honra de contar com as arguições das professoras Dr<sup>a</sup>. Anna Maria Martinez Corrêa (UNESP) e Dr<sup>a</sup>. Emília Viotti da Costa (USP), que constituiu uma experiência fundamental para minha formação. Aos três, manifesto meus agradecimentos.

Para a realização deste estudo, foi decisivo o apoio do Projeto Memória dos Institutos Isolados (1923-1976), desenvolvido pelo CEDEM/UNESP, que me possibilitou orientações e o acesso às fontes orais. Outra experiência do processo investigativo, marcante para minha formação, foi ter produzido algumas fontes para a memória da Faculdade de Assis, quando coletei e transcrevi os depoimentos orais de alguns dos primeiros docentes e do deputado José Santilli Sobrinho, autor do Projeto de Lei de criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis.

Procurei respeitar o trabalho defendido, com pouquíssimas alterações do que escrevi quando jovem, entre meus 24 e 26 anos. A estrutura dos capítulos do livro é a mesma da dissertação. Segui as sugestões e observações da banca examinadora e para isso, cortei algumas notas de rodapé ou incorporei-as ao texto principal e atualizei algumas referências bibliográficas. Por sugestão da Prof<sup>a</sup>. Anna Maria, após a defesa inseri dados de mais cinco depoimentos orais do Arquivo do CEDEM/UNESP, sendo eles os de Lourival Dias, Abílio Nogueira Duarte, Maria Amélia Kobal, Jefferson Kobal e João Walter Toscano.

Dezessete anos se passaram, todavia, uma observação atenta demonstra que este trabalho se mantém atual, tendo em vista que obteve uma resenha positiva publicada pelo professor da 1<sup>a</sup> turma de docentes da FFCL de Assis, Dr. Antonio Lázaro de Almeida Prado (2003) e foi citado em dissertações, livros e artigos. (Sales, 2016; Lima & Ribeiro, 2013, p. 37; Ramassote, 2010; Almeida, 2009, p. 103; Christofolletti, 2009)

A Faculdade de Assis foi revolucionária para o ensino superior na década de 1960, caracterizada pela formação de um corpo docente inicial de renome internacional, por promover, em 1961, o Segundo Congresso de Crítica Literária, que reuniu os pesquisadores mais renomados dessa área e empreendeu uma formação humanística no setor das Letras. Ao longo destes mais de 60 anos de existência, a Faculdade de Assis criou tradição e formou milhares de alunos, mantendo parcialmente o significado e o sentido dos primeiros anos, integrando hoje a Universidade Estadual Paulista (UNESP). Sua história é singular, principalmente por fazer parte de um processo pioneiro de expansão e interiorização da universidade pública no Brasil.

Se o ofício do historiador “é lembrar o que outros esquecem”, como sugere Eric Hobsbawm (1995, p. 13), acredito ter realizado, através da análise e organização de alguns testemunhos orais e outras variadas fontes, uma obra de memória coletiva para

lembrar esse ousado projeto da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, que configura um capítulo da história universitária e intelectual brasileira.

\*\*\*

A realização deste trabalho só foi possível graças à colaboração direta e indireta de muitas pessoas. Manifesto minha gratidão a todas elas e de forma particular:

aos que me concederam seus testemunhos orais: o deputado José Santilli Sobrinho e sua esposa Prof<sup>a</sup>. Maria Aparecida B. C. Santilli, o Prof. Dr. Antônio Lázaro de Almeida Prado, o Prof. Dr. Júlio Garcia Morejón, o Prof. Dr. João Alexandre Barbosa e Prof. Dr. Antonio Candido de Mello e Souza, estes dois últimos ajudaram na identificação das fotos que compõem o *Caderno de Fotos* ao final;

aos professores José Luis B. Beired e Tania Regina de Luca, examinadores da qualificação da dissertação;

à professora Telê Porto Ancona Lopes do IEB/USP, que me concedeu uma cópia do *Curso de Crítica Textual* (mimeografado) que Antonio Candido produziu em Assis;

aos professores da Unesp Campus de Assis, com os quais convivi de modo mais próximo, durante a graduação e o mestrado: Antônio Celso, Áureo Busetto, Alexandre Hecker, Célia Reis, José Carlos Barreiro, Sérgio Norte, Milton Carlos Costa, Paulo Santilli, Zélia Lopes, Elizabete Vianna, Ivan Esperança Rocha, Raquel Lazzari Leite, Carlos Brandão, Wilma Neves, Edislaine Barreiros de Souza.

aos professores Silvia Maria de Azevedo e Álvaro S. Simões Junior, do Curso de Letras, que desde 2018 estimularam a retomada deste trabalho para publicação em livro.

ao CEDAP (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa da UNESP/Assis-SP) e suas funcionárias na época: Marlene Aparecida de Souza Gasque e Maria Pedroso;

ao CEDEM (Centro de Documentação e Memória da UNESP/São Paulo-SP) e sua coordenadora naquele período, a Prof<sup>a</sup>. Anna Maria Martinez Corrêa, que foi igualmente uma orientadora deste trabalho;

aos funcionários da Unesp de Assis durante aqueles anos da pesquisa, especialmente a Clarisse e a Regina do Departamento de História, e aos da Seção de Pós-Graduação, da Gráfica, da Biblioteca e da Seção de Graduação; e mais recentemente, ao secretário Paulo César de Moraes, pelo apoio no trabalho final de edição do livro, e ao Adriano Luiz I. Dias pelo primeiro contato em 2018, para publicar.

aos amigos Valdir Félix, Wellington R. da Silva, Ivan Marcos Ribeiro, e ao casal Suilei e Eduardo Giavara;

aos colegas do Grupo de Estudos “Experiência Intelectual Brasileira”, Adilson Inácio Mendes, Gustavo Henrique Dionísio, Marcos Costa, João Henrique dos Santos, Rodrigo Davi Almeida, Josué Santana, Sérgio Fonseca, Marco Toledo, Rodrigo Christofolletti e Patrícia Marcondes de Barros;

à Vanessa Kramer pela revisão e a Antonio Carlos e Dyener Santos pela capa.

à minha esposa Ângela Moraes Teixeira e nossa filha Luiza.

Fábio Ruela de Oliveira, Setembro de 2019.

## Sumário

Apresentação e agradecimentos .....	5
Prefácio – Anna Maria Martinez Corrêa .....	10
Introdução .....	16
1 – O processo de implantação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis. .25	
1. 1 – A expansão do ensino superior no Brasil até a década de 1950. ....	25
1. 2 – A cidade de Assis. ....	32
1. 3 – A instalação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis. ....	46
1. 4 – A Faculdade e a Cidade: os primeiros contatos e reações. ....	73
2 – A significação intelectual e cultural da Faculdade. ....	82
2. 1 – O Corpo Docente e a organização do Curso de Letras. ....	82
2. 2 – O Corpo Discente .....	105
2. 3 – A criação do Curso de História. ....	114
2. 4 – O Segundo Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária. ....	118
2. 5 – As atividades culturais realizadas junto à comunidade local. ....	154
2. 6 – O novo prédio da FFCL de Assis (Campus da Unesp). ....	157
3 – A mudança de rumo com o golpe de 1964 e a animosidade local. ....	165
Considerações finais.....	178
Referências bibliográficas .....	181
Arquivos e documentos consultados .....	188
Anexos .....	196
Caderno de fotos .....	209

## **Prefácio**

O livro de Fábio Ruela de Oliveira é resultado de um trabalho acadêmico com a finalidade de obtenção do título de Mestre, realizado na própria faculdade que dá o título à obra, sob a orientação do professor Carlos Eduardo Jordão Machado. O título que vem acompanhado de uma informação básica – Memória da formação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Unesp – já indica o caminho seguido na elaboração do presente texto, ao analisar a história de uma instituição até um determinado ponto de chegada, descrevendo uma etapa percorrida pela escola desde sua formação até sua integração a uma universidade. O relato é embasado em duas premissas fundamentais – formação e memória – formação, no sentido de criação, de surgimento de uma entidade que deveria seguir numa determinada direção, o que envolve conceitos, propostas, planejamento e metas a serem conseguidas. Tendo o autor realizado sua formação acadêmica nessa faculdade, seu relato contém um olhar retrospectivo para uma instituição que ele não viu nascer, mas que já estava estruturada, de certa forma, quando se iniciaram seus estudos universitários. Buscou então a visão do passado na memória alheia, o que foi determinante em sua opção pelas fontes informativas de sua pesquisa.

Para a realização de seu estudo, estabeleceu parâmetros bem definidos, iniciados pela criação da faculdade (1958) até o momento de sua integração numa universidade (1976). Para isso, teve o cuidado de focalizar dois momentos bastante significativos para

história cultural de São Paulo, final dos anos 1950 e final dos anos 1970, seguindo uma perspectiva de análise de integração do local, do regional, numa ambientação mais ampla envolvendo questões de caráter nacional e, até mesmo, internacional. Procurou uma compreensão do local numa história mais global numa demonstração de que, a criação da FFCL não foi um ato isolado, mas esteve cercado de circunstâncias próprias de um governo e de uma determinada época. Outras faculdades também foram criadas nessa época. Apesar de características próprias, essas escolas tinham um objetivo comum – levar a cultura para o interior do Estado de São Paulo o que poderia significar de fato um projeto cultural do governo do Estado. Daí a busca de informações a respeito dessas origens recorrendo inicialmente ao respaldo de uma bibliografia especializada no tema em estudo. Ao mesmo tempo, houve o recurso à fontes de pesquisa de várias procedências.

As fontes preferenciais foram informações prestadas pelos responsáveis por esse evento. De um lado, fontes documentais escritas encontradas em acervos depositados em arquivos de instituições públicas, como atos administrativos, recomendações, projetos e toda sorte de informações a respeito do objeto estudado. De outro lado, houve o recurso à fontes orais. A fonte oral é amplamente explorada neste estudo, em várias formas, seja recorrendo a entrevistas realizadas por pesquisadores, depositadas em acervos destinados à pesquisa como o CEDAP, ou como o CEDEM. Entrevistas realizadas pelo próprio autor, o recurso a depoimentos, conferências, debates ou até mesmo gravações de falas coloquiais entre vários depoentes que uma vez gravadas puderam ser acolhidas para o trabalho em questão.

Outra fonte a que Fábio recorreu com certa frequência foi a imprensa. Tanto a imprensa local, do interior do Estado, como a imprensa da capital, neste caso, em especial, entre outras, as publicações do jornal *O Estado de São Paulo*. O autor demonstra o lugar

especial ocupado pelo Estadão, de certa forma, porta voz de um grupo que representava o pensamento da Universidade de São Paulo e que muitas vezes se manifestou contra a criação e expansão dos chamados Institutos Isolados. Outro recurso foi o uso de fotos, não somente ilustrativas, mas também informativas, reforçando a análise textual.

As balizas temporais indicadas demarcaram um tempo de grandes transformações econômicas, sociais, políticas, tanto na perspectiva geral como na questão local, transformações que atingiram a esfera educacional de maneira a marcar sensivelmente o perfil inicial da escola. Assim foi com a aplicação da chamada Reforma do Ensino Superior, que trazia questões impostas pelos acordos MEC-USAID interferindo no processo de vivência democrática da escola levando à realização de atos de resistência.

Fábio relata a forma pela qual a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foi sendo construída no decorrer desse tempo. Ela foi o resultado de um projeto, com propostas determinadas, elaborado pelo professor Antônio Augusto Soares Amora, com base em sua experiência acadêmica e em sua vivência cultural no contato com profissionais de sua área do Brasil e do exterior. Projeto para o qual era imprescindível o tempo integral, devendo os docentes, além de suas tarefas didáticas de ministrar aulas, realizar pesquisas próprias, iniciar seus estudantes em pesquisas, orientando-os em seus trabalhos e incentivando-os à criação e difusão de seus escritos.

Em seu planejamento inicial, o professor Amora, em razão de sua formação, foi bastante influenciado pelo modelo da Universidade de São Paulo. A escola a ser criada em Assis, talvez viesse a ser semelhante àquela instituição, quem sabe mesmo até se constituir numa universidade. Ao organizar o corpo docente, o professor Amora pode contar com a colaboração de vários docentes estrangeiros e assim formar um grupo altamente qualificado. Teve a felicidade de contar com o apoio de professores portugueses que, inconformados com a situação de Portugal, sob o regime salazarista, haviam se

refugiado no Brasil, particularmente em São Paulo. Esses professores se dispuseram a colaborar com o professor Amora, vindo a lecionar na Faculdade de Assis e Fábio nos relata a importância da atuação desse grupo. Além de portugueses havia, ainda, outros professores estrangeiros que, num momento de pós-guerra, aspiravam por trabalhar em novos ambientes onde pudessem contar com a possibilidade de criação sem maiores entraves. Era ainda possível contar com jovens recém-formados pela Universidade de São Paulo que, para os quais, as novas faculdades do interior e os Institutos Isolados poderiam ser promessas de realização de suas carreiras acadêmicas.

Havia ainda a preocupação de uma ação coletiva de discussão dos projetos individuais que promovesse a troca de experiências de comunicação interna e externa com estudo a respeito de publicações. Não só cuidados com a formação de uma biblioteca que pudesse atender aos interesses dos estudantes, mas também que pudesse contar com títulos clássicos e que ao mesmo tempo se mantivesse atualizada mediante a aquisição de novos títulos. Grande esforço foi feito no sentido de se poder contar com uma publicação própria para difusão do que era ali produzido. Também havia a preocupação de se manter conectado com a comunidade local. Para isso, as sessões de comunicações científicas ou debates acadêmicos, muitas vezes, eram estendidos à sociedade local que era convidada a assistir a essas sessões.

Nesse particular, uma observação deve ser feita. Enquanto a faculdade permaneceu dentro da cidade, essa aproximação com a comunidade local era mais fácil. Na medida em que a faculdade mudou de local, quando foi criado o campus universitário como uma espécie de recomendação das novas diretrizes do ensino superior mais de acordo com o modelo americano, portanto, diferente do europeu, a comunidade começou a se afastar, como se ela não fosse mais uma produção sua, como se o saber fosse recolhido a uma distância dos homens comuns.

Esse formato inicial havia dado uma qualificação especial à faculdade que gerou uma certa acepção de excelência da faculdade de Assis que passou a identificá-la com esse primeiro momento. Além disso, essa perspectiva de excelência fez surgir a tendência à possibilidade de transformá-la em Universidade. Pensando numa forma democrática, fundada na produção do conhecimento, na concretização do tempo integral associando docência, pesquisa e difusão do saber, as expectativas seguiam um determinado rumo que foi cerceado pela ocorrência do golpe de 1964 que impôs alteração daquele quadro inicial. O autor relata as interferências sucedidas por ocasião do golpe, com a realização de prisões, cerceamento de atividades e aprofundamento das desconfianças da comunidade local em relação à faculdade.

Apesar disso, a faculdade pôde manter seu alto nível de qualidade que é registrada em 1961 por ocasião da realização do *Segundo Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária* que levou a Assis as figuras mais significativas da especialidade, do Brasil e do exterior. Foram realizados debates, conferências, cursos de grande projeção intelectual. Fábio dedica boa parte de seu trabalho ao estudo desse evento. Procura identificar os protagonistas e descrever suas realizações, mas principalmente, demonstra o aspecto inovador do evento que contou com a participação de poetas em seus momentos iniciais do movimento concretista. Como fica comprovado pelo trabalho de Fábio Ruela, a realização do Segundo Congresso pode ser considerada a comprovação do sucesso do empreendimento iniciado pelo professor Amora. Ele possibilitou uma divulgação maior a respeito do que se produzia em Assis. Dessa forma, criou uma expectativa em torno da instituição de continuidade, de ampliação de contribuições de alto nível para a cultura brasileira.

A Faculdade seguiu seus rumos com a criação de outros cursos sendo, no entanto, constantemente lembrada a questão de seu isolamento. Teve que enfrentar graves

problemas por ocasião da implantação do regime militar. Para que ela pudesse merecer todo o apoio da comunidade acadêmica deveria estar ligada a uma universidade. Pressionados de várias formas, os Institutos Isolados encontraram como solução a integração de todos eles numa universidade comum, resultando daí a criação da Unesp.

Não poderia deixar de mencionar nos comentários sobre este trabalho a ação efetiva, contínua e sempre presente de seu orientador, o poeta, pintor e filósofo Carlos Eduardo Jordão Machado, recentemente falecido. Nosso querido Cadu, muito contribuiu para conduzir as discussões a respeito do tema, iluminando as veredas muitas vezes obscuras dessa história, procurando valorizar a importância da expansão cultural no interior do Estado. Estou certa de que Fábio aprendeu suas lições, realizando um trabalho de qualidade pelo que apresento meus cumprimentos e minha solidariedade por tão sofrida perda.

São Paulo, setembro de 2018.

Anna Maria Martinez Corrêa

## Introdução

“Muitos pontos deveriam ser reformulados: é fundamental transformar a sociedade do trabalho, deveríamos refletir sobre isso para que a nova geração seja mais bem preparada para as tarefas futuras. É necessário, por isso mesmo, ponderar muito e reconsiderar o significado de aprendizagem, formação [Bildung], cultura, como foi o caso na época à qual pertencemos e que agora chega ao fim.” (Negt & Kluge, 1999. p. 13)

Este trabalho, resultado de aproximadamente quatro anos de pesquisa, trata de uma experiência da Educação Superior no Brasil e constitui, assim, um capítulo de sua história, visto que o Instituto Isolado de Ensino Superior do Estado de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, criado em 1958, foi o embrião do que hoje é a Faculdade de Ciências e Letras, Campus da UNESP (Universidade Estadual Paulista).

Recompondo o processo histórico de constituição de uma faculdade, este livro trata, ainda, de um momento da história das elites intelectuais, culturais e políticas que estavam à sua volta e contribuíram para a sua formação.

O plano de exposição está dividido em três capítulos, que percorrem o recorte entre os anos 1958 e 1964. O capítulo primeiro, *O Processo de implantação da FFCL de*

*Assis*, discute exclusivamente o processo histórico relativo à implantação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, na segunda metade da década de 1950 e está subdividido em quatro tópicos: um comentário sobre a situação da expansão do Ensino Superior brasileiro naquele período; as características da cidade de Assis, principalmente as culturais, e os esforços e aspectos desenvolvidos para a implantação de um Instituto Isolado de Ensino Superior do Estado de São Paulo (IIESESP) com uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL); no terceiro tópico há a descrição e a discussão dos trabalhos e projetos organizacionais da faculdade, feitos pelos professores que compunham o primeiro Corpo Docente; e no quarto, faremos uma breve exposição do início da relação entre a faculdade e a cidade.

O segundo capítulo, *A Significação Intelectual e Cultural da Faculdade*, disserta sobre seis tópicos referentes à importância formativa da FFCL, ocorrida tanto no âmbito local – por meio do atendimento à demanda de alunos da região de Assis, da expansão de atividades culturais na cidade e da ampliação das instalações físicas –, quanto no geral, nas atividades acadêmicas voltadas para o sistema universitário e comunidade intelectual dos estudos literários – por meio do trabalho desenvolvido por professores e alunos e das discussões ocorridas no 2º Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, promovido pela FFCL, em 1961.

O último capítulo, *A mudança de rumo com o golpe de 1964 e a animosidade local*, analisa as consequências desse golpe para a universidade brasileira e, em especial, para a FFCL de Assis, ponderando as reações de adversidade do município. O Golpe de 1964 marca o final do recorte histórico, pois resultou em uma inflexão drástica e num trauma para os membros da faculdade que sofreram prisões e retaliações, provocando um distanciamento entre a cidade e a faculdade. Da mesma forma, os eventos ocorridos em 1964 começam a configurar algumas mudanças no ensino superior brasileiro, como a

adoção de um modelo orientado pelos norte-americanos. A história que começa a se configurar a partir de então está desconectada dos “anos dourados” da década de 1950.

Embora na exposição dos capítulos, haja uma preocupação de verificar o convívio da FFCL com a cidade de Assis numa perspectiva coletiva, procurou-se também estabelecer um movimento constante entre as particularidades da faculdade assisense e a universalidade do âmbito acadêmico, de modo a dar um sentido mais concreto a essa experiência de interiorização do ensino superior paulista, algo pioneiro no período e merecedor de destaque.

O conceito chave norteador desta pesquisa é o de formação, principalmente aquele que associa ensino e pesquisa, isto é, que corresponde a uma prática de ensino mais completa. Tal conceito também se coadunava com outras perspectivas, como a concepção de uma identidade nacional brasileira, de referenciais analíticos para compreender o Brasil e de um sistema universitário paulista. Essas variantes estão implícitas em todos os momentos da história da FFCL assisense, bem como na do país de então. A efervescência e o desejo de homens e mulheres de formar um espaço público esclarecido no Brasil corresponderam, num curto momento, àquilo que os alemães chamam de *Bildung*, ou seja, a formação cultural cuja meta é a emancipação do indivíduo e de sua consciência crítica, colocando-o num plano de reflexão amplo que associa o conhecimento à sua realidade social. (Adorno, 1995, p. 63)

A partir deste ponto de vista e do conhecimento de que o historiador não pode fugir da situação presente, até porque é ela que dá sentido à busca histórica (Chauveau & Tétart, 1999), o presente trabalho contribui para o debate da situação crítica da universidade, que desde a década de 1970, deixou de se preocupar com os princípios formativos planejados nos anos anteriores.

No debate sobre a crise da universidade, a filósofa Marilena Chauí faz apontamentos críticos à “atual reforma do estado que tem como pressuposto ideológico, colocar o mercado para dirigir os serviços sociais, entre eles a educação, adaptando os currículos às demandas empresariais”<sup>1</sup>. Segundo Chauí, esse projeto é grave, pois ameaça a universidade enquanto instituição social (desde o século XIII europeu), passando a ser uma organização social, o que pressupõe uma “crise de identidade” da instituição. Tal perspectiva de universidade enquanto organização social traz, entre outros problemas, a separação entre a docência e a pesquisa, objetivo sempre almejado no ensino superior. Todas as críticas de Chauí à universidade contemporânea são igualmente críticas ao chamado “neoliberalismo” e à economia voltada diretamente para o mercado, que estão causando profundas mudanças estruturais no Estado.

Tais reformas de cunho mercadológico corrompem o papel social da universidade, deixando em crise os serviços estatais ligados a este setor, como a educação, especificamente a universitária. Para reforçar ainda mais os argumentos acima, Alfredo Bosi mostra que esse direcionamento ideológico para o mercado marcou o fim de um projeto nacional:

---

<sup>1</sup> Cf. Chauí, Marilena. *A universidade Operacional*. In: Caderno “Mais!” *Folha de S. Paulo* 09/05/1999. Chauí, Marilena. *Universidade em liquidação*. In: Caderno “Mais!” *Folha de S. Paulo* 11/06/1999. Também Chauí, 2001. Há ainda a entrevista que Marilena Chauí concedeu à revista *Caros Amigos* em agosto de 1999; nesta, a professora ressalta a importância da “universidade crítica dos anos 60”, que foi destroçada pela ditadura, e se tornou uma “universidade funcional, isto é, cumprindo duas funções: pacificar a classe média e funcionar para o mercado de trabalho.” (p. 27). Chauí ainda publicou um texto que congrega estas reflexões, e se intitula “A universidade em ruínas”. (Trindade, 1999, pp. 211-222). Neste livro organizado por Héglio Trindade, encontra-se um significativo debate sobre a crise da universidade no início dos anos 2000, contando com outros autores, tais quais: Nelson Cardoso Amaral, Luiz Antônio Cunha, José Dias Sobrinho, João Ferreira de Oliveira, Afrânio Mendes Catani, Dilvo I. Ristoff e Valdemar Sguissardi. Também em Adorno, (1995, pp. 15-16), no prefácio, Wolfgang Leo Maar destaca que: “O quadro mais avassalador dessa situação é o capitalismo tardio de nossa época, embaralhando os referenciais da razão nos termos de uma racionalidade produtivista pela qual o sentido ético dos processos formativos e educacionais vaga à mercê das marés econômicas. A crise da formação é a expressão mais desenvolvida da crise social da sociedade moderna.”

As universidades públicas brasileiras foram concebidas e instaladas dentro de um amplo contexto político e cultural que conjugava a ação do Estado-Providência com um projeto de desenvolvimento nacional. Esse projeto foi ganhando consenso e consistência a partir dos anos 30 e chegou à maturação ao longo dos anos 60. (...) Esse modelo de universidade pública e gratuita foi capaz de formar bons quadros profissionais sem descuidar da pesquisa básica, particularmente nos chamados centros de excelência, mas, como é sabido, o modelo passou a ser contestado e, no limite, combatido quando o trator da ideologia neoliberal resolveu ‘modernizar’ o sistema universitário, isto é, entregá-lo à competição nua e crua do mercado global. (Bosi, 2000)<sup>2</sup>

Um sintoma dos problemas apontados acima foi o grande crescimento das universidades particulares que, embora atendam uma demanda de alunos maior do que as públicas, contribuem precariamente para a pesquisa, pois seu princípio de ação é quantitativo e não qualitativo.<sup>3</sup> Característica que as diferencia da FFCL de Assis, cuja história representa um momento num micro espaço do ensino superior brasileiro, no qual, a preocupação era com o aspecto qualitativo.

A trajetória da FFCL de Assis entre os anos de 1958 e 1964 foi marcante como um modelo possível de Universidade que começava a nascer. Apesar de não ser considerada como tal, é importante situá-la assim, pois a mesma surgiu no seio da USP (Universidade de São Paulo) e posteriormente, mais precisamente em 1976, integrou a UNESP (Universidade Estadual Paulista). Contudo, um estudo sobre um determinado período ou de uma experiência de ensino superior compõe uma parte do todo, a universidade, que se constrói de acordo com a época em que se insere. (Verger, 1990, p. 13)

---

<sup>2</sup> Alfredo Bosi aborda nessa entrevista, entre outras questões, a greve das universidades paulistas ocorrida no primeiro semestre de 2000.

<sup>3</sup> Universidades fazem “vale-tudo” por aluno. In: *Folha de S. Paulo* – Caderno Cotidiano; 08 ago. 2001.

O princípio formativo orientador dessa experiência universitária também traz à tona o sentido do nome adotado – Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras – que remonta à ideia de universidade surgida no século XII, mais especificamente no período escolástico e era caracterizada por adotar um conteúdo humanista, ou seja, que associa as várias ciências humanas e a arte para compor um programa de formação educacional geral, além de oferecer as disciplinas básicas das outras faculdades, isto é, disciplinas que conectam as atividades das demais faculdades à realidade social humana.

Com relação às fontes desta pesquisa, é necessário ressaltar a dificuldade de trabalho advinda da grande quantidade de documentos de tipos diferentes, o que resultou num complexo trabalho de interpretação e comparação. Entre os utilizados, há aqueles que são internos ao ambiente da FFCL – as Atas de Reuniões do corpo docente, discente e administrativo, as Fichas de Alunos e os *Anais do Segundo Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária* –, e os documentos externos – os jornais do período e os depoimentos orais.

Os documentos mais significativos e complexos para a interpretação são os testemunhos orais, que completam e são completados pelos outros. Numa conceituação sobre o trabalho com o depoimento oral, a pensadora Maria Isaura Pereira de Queiroz, pautada em outros autores, coloca que “a história de vida [relato oral] mostrava apenas um aspecto parcial da realidade; assim sendo, não podia ser utilizada isoladamente, mas devia ser completada e esclarecida por toda a sorte de dados colhidos segundo outras técnicas.” (Queiroz, 1987, p. 274) Mais além, valoriza o depoimento oral, mostrando a importância e os benefícios de sua utilização numa pesquisa. Segundo ela: “O relato oral se apresentava como técnica útil para registrar o que ainda não se cristalizava em documentação escrita, o não conservado, o que desapareceria se não fosse anotado; servia pois, para captar o não-explicito, quem sabe mesmo o indizível.” (Idem)

Por tratar-se de um estudo sobre uma instituição de ensino superior, os depoimentos orais são fundamentais, principalmente porque eles contêm a memória de antigos docentes, discentes e outros ligados à faculdade, dentro de uma perspectiva de memória coletiva, na qual são privilegiadas as impressões destas pessoas sobre o objeto comum – a instituição – de modo a caracterizar as relações sociais existentes e as experiências educativas. (Kenski, 1989, p. 102)

Para alcançar o “indizível” de tais depoimentos, foi necessária uma ampla exposição deles, confrontando-os com outras fontes, de modo a deixá-los falar. Alguns deles foram colhidos durante a pesquisa, porém, a maioria é do *Arquivo Oral*, do Projeto Memória dos Institutos Isolados, desenvolvido pelo CEDEM/UNESP (Centro de Documentação e Memória da Unesp) e coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Anna Maria M. Corrêa.

Outra fonte importante consiste nas fotografias encontradas no arquivo do CEDAP/UNESP – Assis/SP (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa). A partir deste arquivo fotográfico de aproximadamente 230 fotos das origens da faculdade, elaboramos um *Caderno de Fotos* com uma seleção de 40 delas. Ao longo do texto de todo o livro, existem remissões aos números destas fotos que estão disponíveis ao leitor ao final. As legendas foram elaboradas graças ao auxílio de identificação dos professores Antonio Candido e João Alexandre Barbosa, quando concederam seus depoimentos. As fotos não são meramente ilustrativas, tendo em vista que constituem mais provas da história dissertada e sugerem uma impressão íntima ao leitor quando confrontadas com os depoimentos orais e as demais fontes. Além disso, deve-se agradecer ao diretor Amora

que se preocupou em fazer este registro com um cuidado especial, encomendando as várias fotos da FFCL.<sup>4</sup>

Em meio à vasta produção bibliográfica sobre a história e memória de faculdades, citamos, a título de informação, alguns destes trabalhos. A tese de doutorado de José Vaidergorn, posteriormente publicada em livro (Vaidergorn, 2003), apresenta uma pesquisa na área de educação voltada para a história, cujo autor tem domínio das metodologias historiográficas. Vaidergorn, mediante considerável enfoque nas legislações educacionais, investiga, durante o período de 1957 a 1964, as seis FFCLs do interior: Araraquara, Assis, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro e São José do Rio Preto, sob o ponto de vista das políticas da época, valorizando, sobretudo, a peculiaridade de essas instituições serem voltadas para a pesquisa. Sobre a FFCL de São José do Rio Preto, há o trabalho do professor Newton Ramos de Oliveira, que recupera a memória desta faculdade enfocando o caráter “renovador” que ela representaria neste período, pois foi a primeira das seis FFCLs do Estado. (Oliveira, 1989) O livro de Paulo Eduardo Arantes, valorizando a orientação intelectual de tal experiência, estuda a formação da cultura filosófica uspiana durante os anos 1960 e descreve o cotidiano dos trabalhos do departamento de filosofia da USP com os professores franceses e o modelo universitário que os mesmos iam constituindo nessa escola. (Arantes, 1994) O crítico literário Roberto Schwarz, numa resenha do livro de Paulo Arantes, afirmou: “A criação de um departamento de filosofia com padrão exigente é um capítulo entre outros da formação da cultura nacional moderna.” (Schwarz, 1999, p. 207)

---

<sup>4</sup> Na versão defendida em 2002 apresentamos uma seleção de 55 fotografias, porém optamos por excluir 15 delas para esta edição. A autoria das sequências de fotos 1 a 3, 8 a 16; e a 39 é do fotógrafo Eduardo Ayrosa, que naquela época era também secretário da FFCL da USP. Estas 13 fotos foram selecionadas de um álbum de cerca de 20 fotografias produzidas por Ayrosa sob a encomenda de Amora, no início do ano de 1959. As sequências de fotos 4 a 7; 17 a 38; e a 40 são de autoria desconhecida. As fotos são publicadas com autorização do CEDAP.

Ainda sobre a FFCL da USP, entre os anos de 1934 e 1954, temos o trabalho de Sônia Maria de Freitas que, embora apresente uma interessante discussão sobre o método de história oral na sua introdução, é passível de crítica, uma vez que a maior parte do livro é composta pelos dez depoimentos orais de importantes ex-professores da USP, que ela coletou e transcreveu. Entretanto, Freitas não estabeleceu uma discussão entre eles e nem confrontou com outros dados da memória dessa faculdade. (Freitas, 1993) Também a dissertação de mestrado de Isaura Maria A. N. Bretan, que analisa o processo histórico da criação da Faculdade de Botucatu. (Bretan, 1995) Outro importante trabalho é o da historiadora Anna Maria Martinez Corrêa que reconstitui a história da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araraquara. (Corrêa, 1998) Os trabalhos acima são significativos para a pesquisa da FFCL de Assis, pois também abordam algumas experiências de faculdades.

## **1 – O processo de implantação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis.**

“Portanto esses Institutos vieram a constituir a UNESP, depois criaram-se outros Institutos, outras faculdades, outras unidades e aí está a UNESP. Eu tenho a impressão que o próprio trabalho de vocês, agora, no sentido de retrazar um pouco desses trinta e cinco anos e essencializar e conscientizar esta memória é realmente uma medida muito importante.”<sup>5</sup>

### **1. 1 – A expansão do ensino superior no Brasil até a década de 1950.**

No que se refere à expansão universitária no Brasil, verifica-se oficialmente, no ano de 1920, a criação da Universidade do Rio de Janeiro, que consistia na agregação de escolas superiores já existentes: a Faculdade de Direito, a Faculdade de Medicina e a Escola Politécnica (Romanelli, 1986, p. 132). É conveniente lembrar que existem outras datas de fundação de escolas superiores e em outras regiões do país que são anteriores ou

---

<sup>5</sup> AMORA, A. A. S. Antônio Augusto Soares Amora: depoimento [jan. 1992]. Entrevistadora: Teresa Maria Malatian; transcrição: Selma Ribeiro. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

contemporâneas à citada acima, mas assim como as do Rio, essas não condiziam com o que deveria ser uma universidade moderna, “perseguido desde a sua criação, apenas objetivos ligados à formação profissional” (Idem, p. 133), ou seja, ligados à formação técnica, contrariando, assim, o regime universitário instituído segundo o

Art. 1º do decreto nº 19.851 de 11 de abril de 1931 contido no Estatuto das Universidades Brasileiras, que previa que: o ensino Universitário tem como finalidade elevar o nível da cultura geral; estimular a investigação científica em quaisquer domínios dos conhecimentos humanos; habilitar ao exercício de atividades que requerem preparo técnico e científico superior; concorrer enfim pela educação do indivíduo e da coletividade pela harmonia de objetivos entre professores e estudantes e pelo aproveitamento de todas as atividades universitárias, para a grandeza da nação e para o aperfeiçoamento da humanidade. (Idem, ibidem)

Segundo as normas do decreto, a Universidade de São Paulo (USP) foi a primeira instituição a ser criada e organizada, em 25 de Janeiro de 1934, que apresentava a novidade de possuir uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e tinha por objetivo a formação de professores para o magistério secundário e a realização de altos estudos desinteressados e à pesquisa. (Idem, p. 132) A USP foi a primeira a colocar em pauta no Ensino Superior Brasileiro o conceito de “Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras” (FFCL).

O padrão de universidade, com uma “Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras”, está presente na América desde o século XVI, com a Universidade de São Marcos, em Lima, e a da Cidade do México, fundadas em 1551. (Holanda, 1995, p. 98) A iniciativa da USP, embora tardia em relação às outras Universidades da América Latina, procurou se igualar ao padrão de ensino formativo que era desenvolvido nas mesmas.

Existem, entretanto, opiniões que não concordam com esta tradição formativa no ensino superior da América Latina. Um exemplo é Eunice R. Durham (1998), ao afirmar, em um ensaio, que na tradição universitária da América Latina, “esteve ausente o ideal de *Bildung*, isto é, formação do homem culto, com valorização da tradição humanista, que marcou muito a tradição anglo-germânica”. Durham parece não examinar convenientemente os trabalhos desenvolvidos na FFCL da USP e na Faculdade de Assis, pois o que se vê nelas são experiências que legitimam esse ideal de formação presente no modelo universitário brasileiro, cuja orientação seguiu os moldes “liberal alemão e o centralizado francês” (Vaidergorn, 2003, p. 43).

Eunice Durham é radical quando fala em “ausência”, pois tal afirmativa significa que não houve nenhuma intenção próxima desse ideal formativo. Uma menção sobre o mesmo problema, que serve para contrapor a colocação de Durham, é a do sociólogo Florestan Fernandes no ensaio *A Universidade em uma sociedade em desenvolvimento*, escrito em 1966, no qual Florestan analisa a Universidade na América Latina e mostra que tal iniciativa formativa esteve presente, ainda que de forma escassa. Segundo o sociólogo: “Poucas são as escolas, entre as melhores universidades da América Latina, nas quais o eixo exclusivo e absorvente da vida intelectual dos universitários gira em torno de suas ocupações docentes, de pesquisa ou de criação original.” (Fernandes, 1976, p. 205) Tais características formativas, indicadas por Florestan, estiveram presentes em poucas escolas latino-americanas e são observadas nas iniciativas do ensino superior paulista por meio da experiência da FFCL de Assis.

Com os chamados Institutos Isolados, a expansão do ensino superior público no interior do Estado de São Paulo, na década de 1950, apresentou uma proximidade com a USP. Entre esses institutos com Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, estão as Faculdades de São José do Rio Preto, Araraquara, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro

– fundadas em meados do século XX – e a de Assis. Tal proximidade com a USP, ocorrida somente no início do processo de expansão, revela que a Universidade de São Paulo foi um referencial para constituição das FFCL paulistas. Em depoimento, o primeiro diretor da FFCL de Assis, professor Antônio A. Soares Amora comenta a ligação com a USP no início dos trabalhos: “O projeto foi feito em São Paulo. Ele saiu pronto e foi posto no chão pronto, foi todo preparado aqui na USP. Até a lista dos livros, dos pacotes, os caixotes, os impressos, foi tudo prontinho.”<sup>6</sup>

É importante colocar, no entanto, que muitos professores da USP, por meio do Conselho Universitário (CO/USP), posicionaram-se contra o processo de expansão, argumentando que os quadros docentes da USP eram deficitários. Para eles, tal expansão provocaria uma perda da profundidade educacional e também comprometeria a estrutura universitária uspiana, prejudicando o espaço desta universidade dentro do planejamento orçamentário do estado. (Leite, 1997) Apesar de o CO/USP fazer muitas críticas e manter as constantes negativas aos projetos de faculdades no interior, o processo de interiorização ocorreu.

Como “o processo gerador das escolas superiores no País foi sempre o Legislativo” (Idem, p. 261), é possível afirmar que este fator contribuiu para a interiorização das faculdades paulistas. Todavia, ainda hoje, quando se discute a expansão do ensino superior público, argumentos semelhantes aos dos docentes uspianos daquele período ainda permanecem.

A expansão universitária da década de 1950, que contempla a experiência dos Institutos Isolados, faz parte de um processo de modernização no Brasil iniciado no chamado período pós-guerra, no qual o cenário político e econômico da era

---

<sup>6</sup> AMORA, A. A. S. Antônio Augusto Soares Amora: depoimento [jan. 1992]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

“desenvolvimentista” foram fundamentados por uma nova ordem econômica no mundo capitalista.

Com a Europa arruinada economicamente, os EUA e a URSS assumem a hegemonia política e econômica do mundo, polarizado entre o capitalismo e o socialismo. Expressões como modernização, industrialização e desenvolvimento eram largamente aplicadas neste contexto. O processo de reconstrução da Europa ultrapassou fronteiras e tomou proporção mundial, determinando programas políticos de vários países nas décadas de 1950 e 1960. Esses programas exigiam um desenvolvimento planejado, sustentado e orientado pelo Estado, tendência baseada nas obras do economista John Maynard Keynes, para a constituição do chamado *well fare state* ou o “estado do bem estar”. (Roll, 1962, pp. 496-507)<sup>7</sup>

Os territórios pobres ou o chamado “terceiro mundo”, entre os quais pode ser incluída a América Latina e o Brasil, apresentaram, no período pós-guerra, uma enorme explosão demográfica e um aumento significativo do movimento migratório campo-cidade, o que contribuiu para um rápido processo de urbanização. Aspectos que também influenciaram diretamente no processo de expansão educacional ocorrido na América Latina, principalmente em termos quantitativos. (Hobsbawm, 1995, p. 288 & Fernandes, 1976, pp. 160-161) Esses países tinham um quadro deficitário de pessoal com formação técnica e cultural, assim, com o processo de urbanização, industrialização e ampliação da área de serviços, a demanda por capacitação aumentou significativamente, causando o início da expansão do ensino superior nessas regiões. (Hobsbawm, 1995, p. 261)

Apoiado nessa nova ordem, o Brasil elabora seu plano de desenvolvimento econômico – sustentado e orientado pelo Estado, mas contando também com o capital

---

<sup>7</sup> Cf. a Edição alusiva aos 50 anos da morte de John Maynard Keynes, do Caderno “Mais!” (pp. 4-8). In: *Folha de S. Paulo*, 21 de abr. 1996.

estrangeiro –, visando atingir a industrialização de sua economia. Este plano foi levado a cabo principalmente pela política desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek. A propósito, foi no governo Kubitschek que o vocábulo “desenvolvimentismo” se consagrou. Para se ter uma ideia do desenvolvimento constatado durante os anos JK, temos os apontamentos de Maria Vitoria Benevides, investigadora do período, destacando que:

Se entre 1945 e 1956 o produto nacional bruto (PNB) cresceu 5,2 por cento e a renda *per capita* 2,5 por cento por ano, já no período de 1957 a 1961 o PNB atingiu a cifra de 7 por cento ao ano e a renda *per capita*, por sua vez, 3,8 por cento. Já o crescimento da produção industrial (1955/1961) chegou a 80 por cento (em preços constantes), com as porcentagens mais altas registradas pelas indústrias de aço (100 por cento), indústrias mecânicas (125 por cento), indústrias elétricas e de comunicações (380 por cento) e indústrias de equipamentos e transportes (600 por cento). Para a década de 50, o crescimento *per capita* real do Brasil foi cerca de três vezes maior que no restante da América Latina. (Benevides, 1979, p. 204)

Com esse desenvolvimento material, o clima eufórico dos anos JK foi marcante no imaginário da época e pode ser observado por um jornalista carioca: “Na verdade, todo esse clima de euforia estava instalado desde 1956, quando JK assumiu o governo e estabeleceu o plano de metas, um punhado de obras em que prometia realizar em cinco anos o desenvolvimento que para outros levaria cinquenta.” (Santos, 1998, p. 12)

Numa análise do mesmo período, Fernando Novais e João Manuel Cardoso de Mello observam que “a sensação dos brasileiros, ou de grande parte dos brasileiros, era a de que faltava dar uns poucos passos para finalmente nos tornarmos uma nação moderna.” (Novais & Mello, 1998, p. 560) Estes autores ainda apontam:

A virada para os anos 60 ficou marcada como um dos momentos mais efervescentes da vida nacional. Brasília, a recém-inaugurada capital da república, construída em cinco anos, era o mais acabado monumento da moderna arquitetura brasileira. Movimentos como a Bossa Nova e o Cinema Novo revigoravam o ambiente cultural. (Idem, p. 561)

Na aspiração dessa modernidade, o estado brasileiro vai investir maciçamente na educação, visando principalmente à qualificação tanto profissional quanto cultural da população, para adequá-la às recentes transformações sociais. (Idem, ibidem, pp. 595-597)

O que o leitor observará aqui é que a FFCL de Assis foi uma dessas experiências educacionais do final da década de 1950 e início de 1960, sendo, sobretudo, um dos elementos das transformações sociais em curso na medida em que promoveu também uma difusão cultural pelo interior. Em livro sobre a memória da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araraquara, no interior de São Paulo, a historiadora Anna Maria Martinez Corrêa mostra que o trabalho de difusão cultural era um papel político dessas Faculdades e visava transformar a realidade cultural do interior. Segundo a historiadora:

Começava a ganhar corpo a ideia da tarefa atribuída ao Estado de promover, de uma forma organizada, a expansão cultural no interior do Estado. A retomada do crescimento econômico do Estado tinha uma contrapartida na expansão cultural. (...) Essa ideia tinha como principal agente mobilizador a escola de nível superior. Supunha-se que a criação de faculdades, em determinadas cidades do interior, poderia provocar mudanças, com finalidade de permitir um acesso mais democrático ao conhecimento; seria também uma maneira de se pensar numa transformação cultural de profundidade. (Corrêa, 1998, pp. 145-146)

Entre alguns dados concretos do período, principalmente aqueles que estimulavam o ensino superior no Brasil, é importante mencionar “a criação da SBPC (Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento da Pesquisa Científica), em 1948, que teve papel destacado nos acontecimentos que marcaram o desenvolvimento do ensino superior no período.” (Cunha, 1989, p. 17) Simultaneamente, apresentam-se as criações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), no ano de 1951, ambas de inspiração do governo federal, com interesse em apoiar e desenvolver a formação de alto nível e a pesquisa científica no Brasil. No Estado de São Paulo, durante o governo Carvalho Pinto (1959-1962), foi destaque a criação da FAPESP (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo), em 1960, que passou a funcionar efetivamente em 1962. Desde aqueles anos até os dias de hoje, é inegável a importância desses órgãos de fomento à pesquisa na universidade brasileira, principalmente nos níveis de pós-graduação.

## **1. 2 – A cidade de Assis.**

A cidade de Assis, localizada a oeste do estado de São Paulo a aproximadamente 450 km (quilômetros) de distância da capital, tinha um perfil econômico nos anos 1950 bem diferente da primeira metade do século, em que a principal cultura fora o café. (Corrêa, 1988)<sup>8</sup> No período em que a faculdade foi instalada, o comércio urbano, a

---

<sup>8</sup> Ao descrever a região do Vale do Paranapanema (onde se encontra a cidade de Assis) entre as décadas de 1920 e 1930, a historiadora aponta a expansão da economia cafeeira como responsável na ocupação do espaço pelo capital, principalmente com as ferrovias, que de imediato respondiam pelo transporte das mercadorias da região. (Corrêa, 1988, p. 28, 29, 47 e 50) Não obstante, as terras férteis e seu potencial agrícola, observado desde os anos 1920, constituem uma característica muito própria que está sempre presente na identificação da região do Vale do Paranapanema.

pecuária, a cultura de algodão e cana-de-açúcar eram as principais atividades econômicas. Esta última, inclusive, vinha ganhando força própria no estado de São Paulo exatamente neste período. (Idem, p. 53 e 89)

Sobre a questão da cana-de-açúcar, a dissertação de mestrado *A Extinção do Arco-Íris: a agroindústria e o eco-histórico*, de Jozimar Paes de Almeida, apresenta uma preocupação com a entrada da agroindústria na região do Vale do Paranapanema e as consequências para o meio ambiente. O estudo analisa o grupo agroindustrial da Usina Nova América, localizada na região de Assis, em Tarumã. Um dado apontado na pesquisa é o do “grande impulso do cultivo de cana entre as décadas de 1950 e 1960”. (Almeida, 1987, p. 47) O autor indica com precisão o ano de 1954 como o ponto de partida da expansão canavieira, como também da produção industrial dos seus derivados: o açúcar e o álcool. (Idem, p. 48) Esta informação é relevante porque mostra a situação da classe agroindustrial no momento em que a cidade de Assis recebe uma FFCL. Mais adiante, ver-se-á que, para os usineiros, importava mais o ensino técnico do que o universitário voltado para a área de humanas.

Além do potencial econômico canavieiro e agroindustrial – que já crescia na década de 1950 e continua preponderante hoje – e do comércio urbano da cidade de Assis, que atendia às cidades vizinhas menores, havia também o ponto positivo de sua posição geográfica estratégica. Assis intermediava o norte do Paraná (representado pela região de Londrina) e a capital paulista; de leste para oeste, estava entre as cidades de Botucatu e Presidente Prudente; e ao norte tinha a cidade de Marília, que se desenvolveu economicamente e demograficamente nos anos 1940. O aspecto geográfico e as circunstâncias do desenvolvimento de Assis no período colocaram-na como uma progressista cidade do interior paulista, cujos jornais da época publicavam anúncios promocionais sobre o município. (*A Gazeta de Assis* de 03/12/1958) Tais características

embasaram os argumentos para a instalação de um Instituto Isolado com uma FFCL na cidade. Mais observações sobre as características geográficas de Assis também estão presentes nos trabalhos de José Vaidergorn (2003, p. 160) e Ricardo Siloto da Silva (1996).

As informações acima indicam que a cidade era uma região de trânsito pelo fato de a Estrada de Ferro Sorocabana (EFS) ligar a cidade à Capital desde o ano de 1916. A ferrovia foi um dos principais referenciais para o tráfego e o desenvolvimento da região. Corrêa (1988, pp. 55-66) aponta a ferrovia como um elemento diretamente ligado ao crescimento econômico regional nas décadas de 1920 e 1930. A EFS propiciou a abertura de novas terras para a economia agrícola e também favoreceu a mercantilização dessas terras; além disso, concomitantemente, houve o impulso na construção de estradas de rodagem.

Outro eminente pesquisador da história do Estado de São Paulo, membro da “missão francesa” na USP, o historiador Pierre Monbeig, descreve um pouco do funcionamento desta movimentação na região de Assis que, no período anterior aos anos 1950, ele classifica como *boca de sertão*. Observe:

Em escala mais modesta, fornece a Alta Sorocabana outro exemplo de evolução das cidades, que já não estão na extremidade dos desbravamentos. Durante muito tempo, o núcleo urbano mais importante foi Assis. Nesta cidade, fora construída a primeira casa em 1904; a fundação do patrimônio em 1905, tinha felizmente coincido com o anúncio do traçado da estrada de ferro. Tinha esta entrado em funcionamento só em 1916, o que permitiria a Assis crescer como boca de sertão. Prosseguindo a Sorocabana apressadamente seus trabalhos, haviam se fundado outros patrimônios, que tornaram o lugar de Assis, sem, contudo, transformá-la numa cidade morta. A companhia da estrada de ferro escolhera Assis como posto de reabastecimento de madeira para suas locomotivas

e como ponto final dos serviços de vagões leitos; e as instalações que ali montara eram grandes demais para serem transportadas a outra estação. Sobreviveu, assim, a função ferroviária em Assis, como em Bauru. A isso convém acrescentar uma função escolar, que atrai filhos de fazendeiros, de comerciantes, de funcionários de uma boa parte da Alta Sorocabana rural e citadina. Por causa de seus internatos, conserva Assis um movimento constante de visitas, e disso se aproveita seu comércio, apesar do surto de Presidente Prudente. Faziam a antiga boca de sertão e a nova capital regional sentir sua influência sobre diferentes municípios: exercia-se a de Assis sobre Cândido Mota, esbarrando com a de Marília no território de Echaporã, estendendo se até a margem esquerda do Paranapanema e até Rancharia. Para adiante, penetra-se na zona de Presidente Prudente. Não é muito clara a demarcação entre os domínios das duas cidades: dizem os habitantes de Quatá que quanto às transações comerciais e, mais nitidamente, quanto às relações bancárias, trabalham de preferência com Presidente Prudente; mas, é para as escolas de Assis que mandam seus filhos. (Monbeig, 1984, pp. 353-354)

No fragmento acima, a cidade de Assis, mencionada por Monbeig, tem nos estudantes um dos seus pontos principais, pois ele atribui à cidade uma característica educacional. Tal aspecto atingirá seu ápice com a fundação da FFCL. Entretanto, a relação não é totalmente direta, pois o aspecto educacional apresentado por Monbeig também ocorreu em outras cidades do interior de São Paulo, ou seja, havia cidades que possuíam mais escolas, constituindo-se em referências educacionais de suas regiões: foi o caso de Assis naquela época, considerada polo educacional do Vale do Paranapanema.

As escolas que compunham o potencial educacional de Assis, principalmente nos anos 1950, eram: o Grupo Escolar João Mendes Júnior – o primeiro Grupo Escolar de Assis, criado em 1915; o Instituto de Educação – que foi criado em 1937 como um Ginásio Municipal e que posteriormente se transformou em Ginásio Estadual em 1944; o Grupo Escolar Lucas Menk; a Escola Técnica de Comércio; a Escola Artesanal de Assis

– criada em 1955, na gestão de Antônio Vianna da Silva, e localizada onde hoje é o “Centro Estadual de Estudos e Tecnologia ‘Paula Souza’ (CEETPS) – Pedro D’Árcadia Neto”, popularmente conhecido como Colégio Industrial; o Colégio e Escola Normal Santa Maria e o Ginásio Diocesano Santo Antônio.

Além dessas escolas, havia também o Conservatório Musical Santa Cecília; a Escola Bandeirantes de Datilografia, sob a direção da Prof<sup>a</sup>. Ana Barbosa – também uma personalidade cultural relevante na cidade; uma escola de Inglês, localizada na rua Angelo Bertoncini chamada “English Language Pratical Conversation” (*A Gazeta de Assis* de 23/04/1958); e cerca de dois Externatos que ofereciam cursos preparatórios para o exame de admissão ginásial. A população estudantil da cidade provinha de todas essas escolas, que também atraíam os estudantes da região. Para ser mais preciso sobre a população estudantil da cidade em 1958, temos os seguintes dados: “População escolar do ensino médio: 2.516 alunos. População das escolas primárias assisenses (44 unidades): 5.422 crianças.” (Folder editado pela FFCL de Assis, em 1959, por ocasião da sua fundação)

Nos anos 1950, como ocorreu principalmente nos países subdesenvolvidos, houve uma explosão demográfica significativa que culminou em um aumento da demanda educacional. Em Assis, podemos localizar fatos contemporâneos à criação da Faculdade que atestam tal afirmativa. Em dezembro de 1957, foi publicado o Decreto nº 30.288, 03 de Dezembro de 1957, do Governador do Estado de São Paulo, que: “Dispõe sobre a desapropriação de imóvel situado no distrito, município e comarca de Assis, necessário à instalação do Instituto de Educação.” (*A Gazeta de Assis* de 17/12/1957)<sup>9</sup> No início de 1960, foi criado, em Assis, o “Curso Colegial Noturno” que funcionou anexo à Escola

---

<sup>9</sup> Este terreno mencionado é o mesmo onde hoje se localiza as instalações da Escola Estadual “Prof. Clybas Pinto Ferraz” na Vila Santa Cecília. A inauguração do prédio aconteceu em 22 de maio de 1964. Há edições do jornal *A Gazeta de Assis* de dezembro de 1957 que contestam e discutem este local para a instalação, pois o esperado pela população na época era que fosse num terreno da Vila Xavier.

Normal, o primeiro do Estado de São Paulo, sendo este mais um projeto do então deputado estadual José Santilli Sobrinho. (*Jornal de Assis* de 20/02/1960)

As opções para diversão, lazer e atividades culturais na cidade eram: o Clube Recreativo de Assis (fundado em 1921); o Assis Tênis Clube (em 1953); o Clube Sírio Libanês Brasileiro de Assis, uma iniciativa dos descendentes libaneses atuantes no comércio da cidade; o Lions Club e o Rotary Club de Assis (fundados em 1941), ambos com papel relevante nas várias campanhas de arrecadação de fundos para a constituição dos patrimônios da cidade. Tais entidades também promoveram as poucas atividades culturais acontecidas no período e com a criação da Faculdade, passou a haver um trabalho conjunto. Além disso, outras opções eram a Rádio Difusora de Assis – com seu pequeno anfiteatro onde aconteciam apresentações – e a Associação Comercial – promotora de eventos, que indicava a forte atividade do comércio.

Os dois cinemas, o Cine São José e o Cine São Vicente, cujas programações eram sempre divulgadas nos jornais locais, eram os principais atrativos da população. Um desses jornais trazia uma coluna, assinada por Dias Júnior, chamada “Sétima Arte”, que comentava obras cinematográficas exibidas nos cinemas. (*A Gazeta de Assis*, edições do início de 1958) Circos e parques de diversões itinerantes, que passavam pela cidade, também estavam entre as opções de entretenimento dos munícipes. Peças de teatro vinham com pouca frequência para a cidade e eram apresentadas nos palcos dos dois cinemas citados e no Centro Católico. As atividades teatrais, antes da Faculdade, eram apenas de cunho amador, é o que observamos no depoimento da ex-aluna Wanda Roselli:

Aqui tinha, por exemplo, o que se chamava Teatro São Vicente, o Cine São Vicente. É evidente que havia também apresentações lá, tentativas de teatro ou coisa semelhante. Eu não tomava parte, mas sabia. De vez em quando você ia ver, mas era coisa bem

amadorística, feita por pessoas da própria cidade, sem uma visão mais ampla da cultura, sem uma visão mais ampla de bons livros.<sup>10</sup>

Com a criação da FFCL em Assis, portanto, as apresentações teatrais passaram a se profissionalizar e foram incentivadas e promovidas com mais frequência, pois a mesma priorizou essas iniciativas.

A classe ferroviária assisense – que começou a crescer na cidade depois de 1926, por ocasião da criação de uma Oficina da “Sorocabana” no pátio da Estação de Assis neste ano – constituía um *locus* de várias atividades, cuja principal foi a esportiva, com a criação da Associação Atlética Ferroviária, em 1929. Tal Associação teve, porém, sua ascensão somente em 1954 e o apogeu em 1961, quando o seu time de futebol disputou a 2ª Divisão de Profissionais. (Dantas, 1978, p. 144) É importante lembrar que o futebol neste período constituía um importante elemento do imaginário brasileiro, uma vez que a seleção brasileira foi campeã mundial pela primeira vez em 1958, na Copa do Mundo da Suécia, por isso os jogos de futebol do time da “Ferroviária” eram um dos entretenimentos mais prestigiados pela população local. A participação eficaz na organização de atividades ocorreu porque os ferroviários possuíam um sindicato forte e estruturado, que organizou as manifestações e as greves de 1963, que marcaram a história da cidade. Foram também os ferroviários que difundiram e organizaram o Partido Comunista Brasileiro (PCB) na região.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> ROSELLI, W. de O. Wanda de Oliveira Roselli: depoimento [jun. 1992]. Entrevistadora: Glacyra Lazzari Leite. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

<sup>11</sup> O Sindicato dos Ferroviários de Assis fazia parte de uma organização maior que foi a *União dos Ferroviários da Estrada de Ferro Sorocabana*. Cf. Santos (1987) & *Dossiê dos Ferroviários*, Arquivo dos Ferroviários – CEDAP / Unesp – Assis-SP. Os Arquivos dos Ferroviários do CEDAP contém depoimentos orais de antigos ferroviários da cidade.

Entre as personalidades culturais, destacamos duas: a Prof<sup>a</sup>. Ana Barbosa, que dirigiu uma escola de datilografia e também foi redatora dos jornais locais da época e inclusive foi a fundadora e diretora do jornal *O Universitário*, criado em 1957, de circulação efêmera, mas que desempenhou papel importante como órgão de divulgação da Associação dos Universitários Assisenses (AUA), contribuindo de modo eficaz na campanha publicitária para a criação e instalação da FFCL de Assis. Além disso, nas eleições municipais de 1958, ela foi eleita vereadora e suas ações podem ser observadas nos jornais locais a partir de 1959. A segunda personalidade é o poeta e jornalista Pedro D’Arcádia Neto (1937-1969), um dos que mais se aproximou dos professores da Faculdade de Assis, uma vez que realizou entrevistas com estes, as quais foram publicadas entre os anos de 1958 e 1959, no *Jornal de Assis*, onde trabalhava como assíduo articulista. (Dantas, 1978, pp. 191-200)

Os dois nomes acima, portanto, tiveram uma ação mais direta na comunidade local, porém existem outros, também de repercussão cultural que extrapolaram as fronteiras do município e até do país. Um deles foi o bailarino Joshey Leão, nascido em Assis em 19 de maio de 1927 e falecido em São Paulo em 15 de abril de 1983. Filho de Orozimbo Leão de Carvalho e Aurora Pivato de Carvalho, família tradicional da cidade, Joshey Leão começou a fazer sucesso no meio artístico da capital por volta de 1951, tendo pertencido ao elenco do Teatro Municipal de São Paulo e foi considerado o melhor bailarino brasileiro do ano de 1959. O reconhecimento foi tanto que recebeu, no ano seguinte, um convite para participar de um “Curso de Aperfeiçoamento” com os bailarinos do Teatro Bolshoi na Rússia, sendo o primeiro brasileiro a realizar tal feito. (*A Gazeta de Assis* de 11/03/1960) Ressalte-se ainda a pianista assisense, Yara Mello Ferraz, que estudou no exterior e fez o seu primeiro concerto como profissional no dia 21/02/1959, no auditório da Rádio Difusora de Assis. (*A Gazeta de Assis* de 21/02/1959)

Por fim, cita-se a escritora (romancista) assisense Vanda Carneiro, que foi agraciada em 1962, em Piracicaba, com a “Medalha Cultural e Comemorativa Imperatriz Leopoldina”, conferida pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. (Barbosa, 2001, p. 131)

Na imprensa local, quem mais privilegiou os assuntos sobre a Faculdade foi o jornal de circulação semanal, intitulado *Jornal de Assis*, criado em 1920 e extinto em 1962. Quando a Faculdade foi criada, tal órgão era dirigido por Tufi Jubran, um político local de posição centro esquerda que era ocupante de uma cadeira na Câmara Municipal e aliado do deputado José Santilli Sobrinho. O jornal *A Gazeta de Assis* (fundado em 1954 e extinto em 1997), dirigido na época por Nelson de Souza, que tinha uma posição de direita e era “adhemarista”, também reportava notícias sobre a FFCL, porém, a partir de 1962, aproximadamente, passou a ter uma posição crítica em relação à instituição. O jornal *Voz da Terra*, que circula na cidade até hoje (impresso e na internet), surgiu somente em julho de 1963 com circulação semanal e apresentava uma posição política “janista”, mas não divulgava muitas informações sobre a Faculdade.<sup>12</sup> Percebe-se, portanto, que, exceto por meio dos jornais e das escolas, a leitura era escassa nessa época, pois não havia boas livrarias em Assis. De acordo com a ex-aluna da FFCL, Wanda Roselli, “só havia uma pequena papelaria-livraria da Dona Elisa Herzog, se precisasse de algum livro que ela não tinha, ela mandava buscar em São Paulo. Quando a Faculdade já estava funcionando o Sr. José Carlos Moriño abriu uma livraria muito boa em Assis, porém ela não durou muito.”<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> As informações sobre os jornais locais de Assis são provenientes de uma entrevista de Egydio Coelho da Silva, fundador do jornal *Voz da Terra*, que atuou como diretor responsável deste jornal até o início dos anos 2000. A entrevista foi concedida à estudante de História da Unesp de Assis, Eneida Cintra e publicada em *Voz da Terra* de 14/07/2000, por ocasião do aniversário de 37 anos de existência do jornal. Sobre tais observações, quem chama a atenção para o conhecimento das origens e dos proprietários de jornais numa pesquisa histórica é a historiadora Angela de Castro Gomes (1981, p. 265).

<sup>13</sup> ROSELLI, W. de O. Wanda de Oliveira Roselli: depoimento [jun. 1992]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

Ainda sobre o aspecto político local, o depoimento oral de Abílio Nogueira Duarte<sup>14</sup> aponta que as forças políticas no período, tanto no município quanto no Estado de São Paulo, se dividiam entre os janistas – de perfil mais progressista e à esquerda – e adhemaristas – mais conservadores e à direita. Em maior ou menor grau, este conflito se desdobra numa série de tensões na trajetória inicial da FFCL de Assis, dos processos de implantação aos acontecimentos de abril de 1964.

Outra característica de profunda influência na mentalidade da população assisense foi a religiosidade, alicerçada principalmente no catolicismo. Desde 1928, a cidade era sede do bispado que foi conquista de suas autoridades e essa tradição religiosa foi marcada anteriormente pela figura do Pe. David (Mons. David Corso), que assumiu a paróquia de Assis em 1926 e veio a falecer nesse local, em 1949. Tanto o Pe. David quanto os bispos sempre tiveram apoio e respeito da comunidade e, dessa forma, a Igreja em Assis foi também uma das principais articuladoras de campanhas arrecadadoras de fundos para a constituição dos patrimônios. Na área da educação e da saúde, os grupos religiosos tinham certo predomínio, observado por meio de iniciativas como o Colégio e Escola Normal Santa Maria (mantido pelas freiras), o Ginásio Diocesano Santo Antônio e a unidade hospitalar da Santa Casa de Misericórdia. Foi primeiramente em um edifício da comunidade religiosa, um prédio anexo ao Colégio Santa Maria, que se instalou a Faculdade. (Foto 1)

Entre 1930 e 1950, o desenvolvimento de Assis apresentou certa estagnação, principalmente se comparado com as outras cidades da região: Marília, Presidente Prudente e Londrina, que obtiveram seu surto de desenvolvimento justamente nesse período, chegando a superar Assis, fundada bem antes das três. “Com o desenvolvimento

---

<sup>14</sup> DUARTE, A. N. Abílio Nogueira Duarte: depoimento [fev. 1993]. Entrevistadora: Glacyra Lazzari Leite. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

de Marília, na década de 30, criou-se, de iniciativa particular, o tráfego de *jardineiras* – (veículos abertos, com bancos dispostos um atrás do outro) – para ligar Assis à nova cidade.” (Dantas, 1978, p. 186)

Com uma vizinhança próspera, a população assisense sustentava uma enorme expectativa de progresso, mais latente depois de 1950, quando se vê a concretização de várias obras. A construção de uma Usina Hidrelétrica na cidade de Salto Grande, “foi também palco do processo modernizador dos anos 50” e ajudou a compor esse cenário de progresso, na medida em que promoveu uma expansão do fornecimento de energia elétrica na região, abastecendo até alguns bairros de Assis. (Giavara, 2001) Essas obras, percebidas na maioria dos países do mundo, constituíam reflexos diretos das políticas de pós-guerra, que marcaram profundamente o período.

Nessa época, quando o mundo e o Brasil viviam a euforia desenvolvimentista, a cidade de Assis – marcada principalmente pelas administrações de Antônio Vianna Silva (1952-1956) e Tiago Ribeiro (1956-1960) – vai retomar de alguma forma esse processo. (Dantas, 1978, pp. 172-173) Alinhada com a *ala janista*, a administração de Tiago Ribeiro, durante a qual houve a instalação da Faculdade, é um referencial dessa conquista, pois o prefeito tinha boas relações políticas com o deputado José Santilli e foi prestigiado pessoalmente pelos governadores Jânio Quadros (1954-1958) e Carvalho Pinto (1959-1962), ambos incentivadores da expansão do ensino superior no Estado de São Paulo. Este alinhamento político favoreceu as condições de instalação da FFCL de Assis.

Entre as várias visitas ilustres que passaram por Assis, a de maior destaque deste período foi a do Presidente da República Juscelino Kubitschek, no início do mês de Abril de 1956, por ocasião do Congresso Rural. O presidente estava em companhia do Governador Jânio Quadros e demais congressistas, federais e estaduais, cuja presença foi

noticiada nos jornais de circulação nacional e local. (*Jornal de Assis*, edições de Abril de 1956)

Em 1958, Assis tinha 53 anos de fundação<sup>15</sup> e possuía cerca de 35.000 habitantes. Segundo os jornais locais do período, tudo indicava que a cidade estava passando por um período de ascensão, com muita expectativa de prosperidade. Entre os serviços públicos e benfeitorias entregues à população como frutos do desenvolvimento podem ser destacadas algumas como: as mais de 700 linhas telefônicas (Empresa Telefônica Paulista); o serviço de água iniciado por Antônio Vianna e concluído na administração de Tiago Ribeiro; o asfaltamento; a construção de armazéns e silos; a rodovia Assis-Platina; o novo prédio para o Instituto Estadual de Educação; a instalação de Delegacias Regionais e a instalação do D.E.R. (Departamento de Estradas de Rodagem).

Essas três últimas obras, assim como a Faculdade, foram projetos do deputado estadual José Santilli Sobrinho – um dos representantes políticos mais importante da região na segunda metade do século XX, foi eleito deputado federal em 1966 e mais tarde, foi prefeito de Assis por dois mandatos (1983-1988) e (1993-1996). O ascendente deputado, eleito pela primeira vez em 1954, renovou seu mandato em 1958 e demonstrou uma preocupação constante com a questão educacional. No âmbito local, além destas obras dos anos 50, promoveu posteriormente a expansão do ensino público municipal (anos 80 com a criação de creches e pré-escolas) e por meio da FEMA (Fundação Educacional do Município de Assis) criou também o IMESA (Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis), que atua nas áreas de ensino, pesquisa, extensão e difusão cultural desde 1989. No âmbito nacional, participou das manifestações de apoio aos

---

<sup>15</sup> O Capitão Assis (Francisco de Assis Nogueira) fez a doação de 80 alqueires à Igreja Católica, sendo feito o registro no cartório de Campos Novos do Paranapanema em 1º de julho de 1905.

estudantes da UnB (Universidade de Brasília), quando aquela universidade foi invadida em 1968. (Salmeron, 1999)

O então deputado estadual José Santilli Sobrinho – autor do *Projeto-Lei nº 790, de 1956*, apresentado à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo em fins de 1956 e aprovado em janeiro de 1957 – propunha a criação de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Assis e, no mesmo Projeto de Lei, apresentava como justificativas para isso o “fato deste município estar se firmando como um dos mais prósperos do Estado” e, além disso, tratava-se de “fazer justiça a uma grande região da Alta Sorocabana cujas cidades – possuidoras de uma soma de mais de 20 ginásios – têm, em Assis, o seu centro convergente natural, a sua capital”. Com isso, segundo o projeto, “ressente-se este sistema de ensino da falta de um instituto de ensino superior que possibilite aos jovens egressos dessas escolas a continuação dos estudos”. A primeira emenda do projeto foi a justificativa de que “a Prefeitura do Município se encarregaria das instalações do prédio para o funcionamento da FFCL.” (Cf. Processo do *Projeto-Lei nº 790 de 1956*. Dep. Santilli Sobrinho. Arquivo nº 28808 da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, Fls.1 e 2)

Segundo Santilli Sobrinho, havia vários projetos de FFCL na época que estavam esperando aprovação na Assembleia.<sup>16</sup> Muitos se concretizaram como os de Araraquara, Marília, Rio Claro, Presidente Prudente e São José do Rio Preto, faculdades instaladas concomitantemente à de Assis. Tais projetos seguiam um modelo baseado fundamentalmente no *Anteprojeto de Lei das Faculdades de Filosofia, Ciências e*

---

<sup>16</sup> SOBRINHO, J. S. José Santilli Sobrinho: depoimento [nov. 1999] & Maria Aparecida. B. C. Santilli (Esposa). Entrevistadores: Paulo J. B. Santilli (filho), Carlos E. J. Machado, Sérgio A. Q. Norte, Mariângela Q. Norte, Fábio Ruela de Oliveira e Eduardo Giavara. Transcrição: Fábio Ruela de Oliveira. 2 fitas cassete. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

*Letras*.<sup>17</sup> No ano de 1961, o deputado teve maior ênfase no processo de instalação da Faculdade com a doação, feita por ele, de uma área para a construção do novo edifício.

A aprovação do projeto da Faculdade foi comparada à conquista de uma ferrovia – que por sinal Assis já tinha – ou à criação de uma grande indústria, ou seja, um benefício que simbolizaria o progresso e promoveria o município dentro do contexto “desenvolvimentista”.

Assis foi a menor das cidades a receber uma FFCL, dentre as outras cinco que também abrigaram uma faculdade do mesmo gênero. (Vaidergorn, 2003, p. 160) Por haver na época, uma concorrência muito grande entre as cidades que eram candidatas a abrigar uma FFCL; essa prerrogativa evidenciou o esforço e o trabalho do deputado Santilli junto à Assembleia Estadual.

No mês de janeiro de 1957, quando chegou aos jornais locais a notícia de que o Projeto da Faculdade havia sido aprovado, as autoridades, comerciantes e outras pessoas com influência econômica na cidade começaram a se reunir – por iniciativa do deputado Santilli – para formar uma Comissão Pró-Faculdade, cuja incumbência era arrecadar fundos para serem disponibilizados nas obras de reforma para a instalação física da nova Faculdade. Tais iniciativas filantrópicas sempre ocorreram no município, assim foi no início da Santa Casa de Misericórdia, em 1919, com a criação do Bispado – para construir o Palácio Episcopal e a nova Igreja-Matriz – e com as novas instalações do Instituto Estadual de Educação.

---

<sup>17</sup> Publicado em Setembro de 1953 e organizado de acordo com as resoluções do 1º. *Simpósio das Faculdades de Filosofia do Brasil*, realizado em São Paulo de 04 a 11 de julho do mesmo ano. Documento encontrado no Espaço de pesquisa “Sérgio Buarque de Holanda” na FFLCH/USP.

### **1. 3 – A instalação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis.**

Finalmente, no que se refere ao processo de criação da faculdade, há alguns esclarecimentos num folder editado pela FFCL, em 1959, no início dos cursos da primeira turma. Destaca-se o seguinte fragmento, no qual se nota a ênfase dada à “Comissão Pró-Instalação” e aos nomes das elites locais a ela ligados:

Em 6 de fevereiro de 1957, o governador Jânio Quadros promulgou a LEI ESTADUAL nº 3.826, que criava a nova faculdade, e em 22 de agosto do mesmo ano, nomeou para seu Diretor o Prof. Dr. ANTÔNIO AUGUSTO SOARES AMORA, Lente Catedrático da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Em 24 de agosto, o Diretor da Faculdade foi ao encontro da COMISSÃO PRÓ-INSTALAÇÃO DA FACULDADE, em Assis que sob a inspiração de D. Lázaro Neves, Bispo Diocesano e com a colaboração dos Srs. Jefferson Kobal, Dr. Lício Brandão de Camargo, Jamil Miguel, Joaquim Galvão de França, Ary de Goes Knuppe, Francisco de Assis da Silva, Dr. Maurício de Castro Santos, Prof. Clybas Pinto Ferraz e Homero Silva Nogueira, secundada por uma ativa comissão arrecadadora, ao mesmo tempo em que prestigiada pelas autoridades locais, garantiu ao Diretor os fundos necessários à pronta instalação da Faculdade.

Depois de onze meses de atividades, INAUGURAM-SE SOLENEMENTE, em 16 de agosto de 1958, AS INSTALAÇÕES da Faculdade, que se abriram, nos primeiros dias de setembro, a um curso intensivo de orientação dos primeiros candidatos aos exames de habilitação.

Completamente instalada e organizada em seu corpo docente e administrativo, a nova Faculdade, em 16 de janeiro de 1959 foi autorizada a funcionar, pelo DECRETO PRESIDENCIAL Nº 45.263.

O texto, embora seja um folheto de divulgação, resume o processo de criação da faculdade e, ao mesmo tempo, marca outra fase da sua história inicial, que é detalhado a frente, tratando da Faculdade em Assis, com os professores, os cursos e os primeiros trabalhos com a comunidade local. Porém, para que tal texto ocorresse, foram necessárias intensas atividades e condições favoráveis que devem ser descritas.

José Santilli Sobrinho – personalidade importante desta etapa – foi o primeiro deputado estadual eleito pela região, em 1954, cuja campanha obteve o apoio dos ferroviários, dos estudantes (como foi mostrado, setores significativos e organizados da cidade) e também do polo político “janista” do município. O mesmo deputado foi reeleito em 1958, reiterando que os seus primeiros quatro anos como representante da região foram proveitosos de forma a conquistar a população.

Entre suas conquistas políticas, em boa parte voltada para a área educacional, temos então o IIESESP – FFCL de Assis, que teve seu projeto aprovado na Assembleia Legislativa Paulista em dezembro de 1956. Sobre a aprovação, observemos o depoimento de José Santilli:

Eu fui conversar com nosso deputado. O nosso líder era do governo Jânio, e a ordem era não deixar passar as faculdades, então começou a pressionar lá, porque instalar não ia instalar mesmo, como não instalou. Então ele falou: “Eu falo para o Jânio, mas a ordem é não deixar passar.” Aí ele falou com Jânio e o Jânio falou: “Quer passar passa, mas não me venha encher para instalar.” Foi quase um tapa, mas assim passou.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> SOBRINHO, J. S. José Santilli Sobrinho: depoimento [nov. 1999]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

Como se observa no depoimento foi necessário fazer uma pressão para que o projeto passasse pela Assembleia Legislativa, porém, houve uma situação favorável, com o apoio do líder de bancada da *ala janista* sendo de conhecimento do deputado Santilli. No *Jornal de Assis* de 10/11/1956 há a notícia sobre a apresentação do Projeto de Lei, e na edição de 19/01/1957, reportam que o projeto passou pela Assembleia, que o aprovou em 2ª discussão. Só a aprovação da Câmara Estadual não bastaria e o projeto ainda tinha que ser sancionado pelo governador; para isso, o deputado assisense elaborou uma manobra para pressionar o governo, conforme indica seu depoimento:

O Jânio queria vetar, então eu vim aqui para Assis, a cidade não sabia, nem tomou conhecimento do que se passou lá, que saiu no diário oficial, etc. Eu vim aqui fazer pressão, naquele tempo eu fiz pela Sorocabana, no telégrafo. Era lá que passava. Então eu fiz um plano de mandar telegramas individuais. Não coletivos: “Seguem aqui 300 assinaturas”, não. Um a um, para fazer volume, então eu percorri a cidade. Isso é interessante para história, e eu quero separar isso de qualquer pretensão política, de vaidade. Quero fazer o possível para não deturpar a história, mas é para descrever o que era normal nas coisas do interior, como se encarava, não é isso? Primeiro que ninguém sabia o que era isso, que bicho era esse [a FFCL], não tinha vontade de saber. A escola do comércio ela queria [a cidade], sem dúvida nenhuma, mas isso é assim mesmo. Então passei os trezentos e poucos telegramas. Destes trezentos e tantos telegramas, eu paguei trezentos, paguei 95% do meu bolso. E então o Jânio ficou pensando que o povo estava em ebulição aqui, para ele não vetar, não é? Então através da Sorocabana, levava lá para o Jânio, a cada uma hora, duas horas levava uma cestinha, uma pasta cheia no Palácio do Governo do Estado. Eu acabei de passar, e fui lá para o palácio, e o Afrânio, que era secretário particular dele, me disse: “Olha, o Jânio está bravo com você, porque você está criando problema para ele com os telegramas. Você está promovendo a coisa.” Aí eu disse: “Não, não. Eu até estava lá em Assis e vim embora porque a turma estava me

cobrando de mim, com faixas na rua, etc.” E não tinha coisa nenhuma. E não era fácil dele ver, para ele vir aqui ele precisava pegar doze horas de estrada com poeira. E contei: “Tem faixas na rua, o pessoal está em guerra lá.” O Jânio não recebia a gente de improviso assim, mas não demorou para ele me receber, porque ele já sabia o que era. Eu fui recebido e ele estava meio bravo e reclamando: “É um problema difícil.” Aí eu disse: “Não, mas sanciona! Eles já são criados para sancionar, então sanciona!” No fim, então, ele acabou sancionando, e falou: “Não quero compromisso, não me venha falar em instalação.”<sup>19</sup>

Se observarmos os dois trechos do depoimento – que apresentam esse tom de pressão – e compararmos com a política dos Institutos Isolados, que se delineia simultaneamente neste período, notaremos uma contradição. Embora as negativas sobre a instalação física da FFCL por parte do governo se repitam, nos fragmentos do depoimento de Santilli, a pressão foi importante especificamente para a Faculdade de Assis, pois posteriormente o governo colaborou, demonstrando que começava a ser de seu interesse a expansão do ensino superior no Estado.

Tal anseio é geral e característico do período pós-guerra. Além disso, o deputado Santilli não era um adversário político do governador Jânio, que ao mesmo tempo tinha como aliado o prefeito Tiago Ribeiro. Não há, então, como negar que as relações políticas envolvidas na criação da Faculdade de Assis – apesar de o deputado frisar sua pressão em São Paulo – foram amistosas. Ainda sobre os trechos acima, destaca-se o fato de que as comunidades não participavam efetivamente das decisões, o que configura a falta de prática democrática característica da história brasileira.

---

<sup>19</sup> SOBRINHO, J. S. José Santilli Sobrinho: depoimento [nov. 1999]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

Para especificar melhor como surgiu e como era a política estadual para os Institutos Isolados no período – que em boa medida opõe-se às colocações de Santilli – há um depoimento do Prof. Antônio Augusto Soares Amora, primeiro diretor da Faculdade e um dos protagonistas essenciais na etapa de criação e nos primeiros seis anos de efetivação dos trabalhos dentro da FFCL. Tais palavras reafirmam o interesse geral de criação de escolas superiores pelo interior do Estado. Segundo Amora:

Os Institutos Isolados surgiram nos anos 50. Estes Institutos Isolados surgiram em função de uma ocorrência na Universidade de São Paulo, que resultou muito bem. A ocorrência era a excessiva pressão havida nos exames vestibulares. (...) [*resumo da continuação do depoimento*: os vestibulares eram da Faculdade de Medicina, então o Prof. Zeferino Vaz, ligado à mesma começou a pensar em interiorizar o seu ensino. A USP já tinha Piracicaba que era uma interiorização, mas tinha o argumento para isso, pois era uma Faculdade de Agronomia. Então o Prof. Zeferino Vaz conseguiu criar uma Faculdade de Medicina em Ribeirão Preto, e este processo de interiorização continuou.] E assim começaram a surgir, em São Paulo, os Institutos Isolados de Ensino Superior. A USP desde logo repeliu a ideia de ter mais uma extensão no gênero de Piracicaba. Esta se entendia porque era agronomia e tinha que estar no interior. Mas ir agora a USP para o interior abrir Institutos Isolados, extensões, nisso o Conselho Universitário de maneira nenhuma transigiu. Como não transigiu, foi criada uma lei própria para a criação de IIES. A Assembleia criou essa lei, em que os deputados tinham interesse, as populações regionais e os prefeitos tinham interesse, todo mundo tinha interesse e os próprios professores da Universidade de São Paulo sentiam o problema e achavam que tinha que ser encontrada alguma solução para a expansão do ensino superior, para a gente sair da confinção em São Paulo, o que criava privilégios um pouco odiosos.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> AMORA, A. A. S. Antônio A. Soares Amora: depoimento [nov. 1984]. Entrevista concedida à Maristela V. C. Bernardo. (Bernardo, 1986).

Fica claro que havia uma necessidade de criação de vagas, pois a demanda estudantil estava aumentando e, os poucos alunos do interior que conseguiam estudar em São Paulo, não voltavam para as suas cidades.<sup>21</sup> Contudo, não se tratava apenas da “excessiva pressão dos vestibulares”, presente no depoimento acima, mas também de uma competição, uma luta pela ampliação de vagas na escola pública e pela formação de professores, já que havia uma queixa geral. Ocorreu, porém, que esta luta foi encampada pelos políticos locais com interesse eleitoral.

Portanto, chega-se à conclusão de que a circunstância do alinhamento político foi o elemento que mais favoreceu a criação da Faculdade em Assis. Tal elemento de fato fez diferença, haja vista que a criação de muitas escolas superiores era decidida aleatoriamente. É o que indica a continuação do depoimento de Amora:

Já no fim do governo Jânio Quadros, quando se preparava a campanha para o lançamento da candidatura do Prof. Carvalho Pinto, as pressões aumentaram no Palácio do Governo, pressão de prefeitos, de colégios eleitorais, quer dizer, do eleitorado do interior. Aí as ocorrências de criação de Escolas Superiores Interioranas foram aleatórias. Não houve plano nenhum. Enfim, apenas a ideia da interiorização do ensino superior, e que estava dando bons resultados.<sup>22</sup>

Os bons resultados mencionados na fala acima são condizentes com aqueles buscados em Assis, mas isso foi o que satisfaz as aspirações e os interesses políticos envolvidos. A preocupação, por exemplo, com a qualidade do ensino era constante por

---

<sup>21</sup> Informação presente nos depoimentos: SOBRINHO, J. S. José Santilli Sobrinho: depoimento [nov. 1999]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit. & AMORA, A. A. S. Antônio A. Soares Amora: depoimento [nov. 1984]. (Bernardo, 1986); AMORA, A. A. S. Antônio Augusto Soares Amora: depoimento [jan. 1992]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

<sup>22</sup> AMORA, A. A. S. Antônio A. Soares Amora: depoimento [nov. 1984]. (Bernardo, 1986)

parte do governo, pois, para engendrar tal projeto de interiorização do ensino superior, o mesmo deveria ser equivalente ao da USP, principalmente para aquietar as críticas surgidas no momento, que exerciam papel preponderante, pois vinham de grupos muito fortes.

Em sua fala, José Santilli conta que, nas conversas com Jânio Quadros sobre a Faculdade de Assis, o então governador se preocupava muito com o nível intelectual:

Então o Jânio, que como professor de Língua Portuguesa conhecia muito bem o Amora, falou: “Professor Amora, olha, eu sou contra a criação de qualquer faculdade no interior. Porque, nem a USP não tem um quadro bem formado à altura ainda, como nós vamos improvisar? Vai baixar o nível.”<sup>23</sup>

Para respaldar o depoimento, a preocupação com a queda do nível de ensino também esteve presente no veto parcial do governador Jânio Quadros, que tratou de suprimir a expressão “e Araraquara”, pois esta era uma emenda feita por outro deputado ao *Projeto de Lei* apresentado por Santilli, visando à criação de uma FFCL em Araraquara. Tais informações encontram-se em uma publicação do *Diário Oficial do Estado* de 08/02/1957.<sup>24</sup>

A opinião pública local aproveitava as negativas do governo para demonstrar sua insatisfação, é o que indica um artigo, proveniente da Agência de Notícias *Express – São Paulo* e publicado no *A Gazeta de Assis*, sob o título de “A inoperância dos Deputados”, no qual as críticas aos deputados apontam “vários tipos de absurdos projetos de leis feitos pelos mesmos” e coloca a “Criação de Faculdades e Escolas Artesanais e Técnicas em

---

<sup>23</sup> Depoimentos: SOBRINHO, J. S. José Santilli Sobrinho: depoimento [nov. 1999]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit. & AMORA, A. A. S. Antônio A. Soares Amora: depoimento [nov. 1984]. (Bernardo, 1986)

<sup>24</sup> Mensagem nº 61 de 6 de fevereiro de 1957 (Veto Parcial do Projeto de Lei nº 790 de 1956), publicado no *Diário Oficial do Estado de São Paulo* e anexado ao Processo do *Projeto-Lei nº 790 de 1956*. Dep. Santilli Sobrinho. Arquivo nº 28808 da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Fl. 14.

pequenas cidades do interior” no mesmo patamar, tratando esses projetos educacionais de interiorização como demagogia por parte dos congressistas. (*A Gazeta de Assis* de 23/07/1958)

Conforme foi colocado, existiam também as críticas aos IIESESP, oriundas dos demais professores da USP, que achavam um desperdício enviar vários profissionais para o interior e, além disso, a ideia de levar a USP para o interior poderia desfigurar a imagem da instituição. Para confirmar e complementar essa colocação, temos o depoimento do Prof. Enzo Del Carratore:

Parece-me que a Universidade de São Paulo, de onde foram recrutados muitos dos professores na ocasião, não via com bons olhos essa iniciativa, a ponto de muitos professores, que eu sei, serem consultados e terem recusado a vir para o interior por um certo preconceito, por não acreditarem na iniciativa, ou pelo desconforto evidente que aquilo poderia causar, um transtorno.<sup>25</sup>

No processo que culminou com a concretização da faculdade, acrescenta-se também a solicitação da verba para a instalação, que mais tarde teve a participação decisiva do diretor Amora, inserido no processo logo depois da sanção do governador, em fevereiro de 1957. Quanto à primeira solicitação de verba, vemos então, mais uma manobra do deputado Santilli:

O vice do Jânio era o Porfírio da Paz, um general do serviço de intendência do exército, muito popular. Foi presidente do São Paulo Futebol Clube, era uma boa alma, uma

---

<sup>25</sup> CARRATORE, Enzo Del. Prof. Enzo Del Carratore: depoimento [jan. 1992]. Entrevistadora: Leonor Tanuri. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP. Cf. também Abreu (1989, p. 90).

boníssima alma, e ele se queixava do Jânio. De que o Jânio judiava muito dele. O pessoal se queixava muito do Jânio, então ele era um companheiro de queixa. O Jânio tinha ido para Inglaterra, e eu comecei a agradar o Porfírio que tinha ficado no lugar dele, conversava muito com ele e tal. E eu fiz o jogo sujo com ele, fiz o jogo sujo; e aquela história: “Se você falar que eu falei, eu desminto!” E eu dei um jeito de falar sobre a instalação, mas que era para ele fazer. E o Porfírio (bravo com o Jânio) falou: “Então eu vou instalar. O que tem que se fazer para instalar?” Ele já tinha me informado, não é? Transferiu uma verba de um outro setor qualquer para o projeto de instalação e até o fim do ano incluiria no orçamento para entrar.<sup>26</sup>

Como a verba mencionada acima não sairia até o fim de 1957, o deputado Santilli sugeriu à sociedade e às autoridades assisenses que organizassem uma “Comissão Pró-Instalação da Faculdade de Filosofia”, ideia que foi logo acatada, até porque tal prática já era comum na história da cidade. A comissão se reuniu pela primeira vez no mês de março do mesmo ano para começar a organizar uma campanha. (*Jornal de Assis* do dia 18/03/1957)<sup>27</sup> A primeira dissidência, entre as muitas que aos poucos se manifestaram com relação à Faculdade, surgiu nestas reuniões da Comissão, nas quais alguns de seus integrantes e outras forças da cidade foram contra a instalação da Faculdade, como por exemplo, os representantes do grupo agroindustrial da região da época, composto pelas Usinas Nova América e Maracaí, segundo aponta o depoimento de José Santilli Sobrinho:

---

<sup>26</sup> SOBRINHO, J. S. José Santilli Sobrinho: depoimento [nov. 1999]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

<sup>27</sup> Cf. também o depoimento de SANTOS, M. de C. Maurício de Castro Santos: depoimento [jun. 1992]. Entrevistadora: Glacyra Lazzari Leite. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP. O Dr. Maurício de Castro Santos, um médico da cidade, atesta que também participou de uma reunião em São Paulo junto com o então dep. Santilli e os demais membros da Comissão Pró Instalação.

Então eu estava com o Clybas, o Dr. Clybas Pinto Ferraz, e na comissão não tinha nenhum elemento meu, até porque eu não tinha elemento mesmo. Estava lá para dar um tom político para a comissão. Mas então se manifestaram contra a Maria Amélia [Usina Nova América] e a Maria Angélica [Usina Maracaí]. Elas e o pessoal deles lá comentaram: “Ah! Nós precisamos de escola técnica!”<sup>28</sup>

A informação acima relaciona-se diretamente com as condições da agroindústria da região, cujo interesse era formar operários para sua indústria e não criar uma faculdade que pudesse esclarecer a população. Nota-se também, que a cidade, apesar de pequena e distante da capital, possuía uma elite econômica de peso, que até hoje, de alguma forma, controla os destinos da região. Essa é uma constatação comum em outras experiências das FFCL do interior, pois as cidades que as abrigaram queriam participar e influenciar nas decisões sobre as instituições, coisa que, em Assis, se repetiu mais vezes como, por exemplo, o interesse de professores e bacharéis da cidade em lecionar na nova faculdade. No entanto, prevaleceram as decisões e intuítos do diretor Amora.

Durante a primeira metade de 1957, a imprensa assisense enfocou intensamente a faculdade. No início de junho, encontramos a notícia do “Comício Pró-Faculdade”, promovido pela citada comissão de instalação. A arrecadação de fundos foi intensa entre 1957 e 1958 e era feita principalmente por meio da venda de “apólices municipais de empréstimo”, para que os assisenses colaborassem. As apólices de empréstimo seriam resgatadas em 10 anos, em parcelas anuais. Entre os da cidade que deram grandes quantias na compra de apólices, estão o gerente das Casas Pernambucanas na época – o Sr. Moacir Nogueira –, o ex-prefeito Antônio Vianna Silva e as agências bancárias do

---

<sup>28</sup> SOBRINHO, J. S. José Santilli Sobrinho: depoimento [nov. 1999]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

Banco da Bahia e do Banco Comercial e Brasileiro de Descontos. (*A Gazeta de Assis*, dias 12 e 17/07/1958)

O professor Amora se efetivou na função, em agosto de 1957, após sua nomeação para diretor da Faculdade de Assis. Na ocasião do convite, ele se declarou muito surpreso com a designação ao cargo, como constata-se em seu depoimento:

Enfim, a FFCL de Assis foi uma experiência para mim! Eu vivi essa experiência desde a madrugada. Eu acordei chamado às onze e meia da noite pelo telefone dos Diários Associados, dizendo que eu tinha acabado de ser nomeado diretor de uma faculdade em Assis. Eu não sabia nem onde era Assis. Eles disseram: “O senhor está aqui, a notícia está vindo do palácio [do governo].” Só no dia seguinte eu fui saber o que era isso.<sup>29</sup>

A principal pista, sobre como ocorreu a nomeação de Amora, é a de que a esposa do deputado Santilli, a Prof<sup>a</sup>. Maria Aparecida de Campos Brando Santilli – que também auxiliou o deputado na redação do *Projeto de Lei* –, conhecia o professor Amora, pois tinha feito um curso no “Sedes Sapientiae”, em São Paulo, onde ele lecionava. Ela não tinha sido sua aluna até aquele momento, mas conhecia o trabalho de Antônio A. S. Amora e, por isso, indicou-o no Projeto da Faculdade. O fato de o professor Amora gozar de muito prestígio, tanto na USP quanto internacionalmente, veio favorecer a sua nomeação. Assim, ele fez constantes viagens para Assis a fim de organizar e orientar a Comissão Pró-Faculdade, ao mesmo tempo, acompanhado do deputado Santilli, visitou o gabinete do governador, onde tratou de assuntos referentes à FFCL, incluindo a solicitação de verbas.<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> AMORA, A. A. S. Antônio Augusto Soares Amora: depoimento [jan. 1992]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

<sup>30</sup> SOBRINHO, J. S. José Santilli Sobrinho: depoimento [nov. 1999]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit. & AMORA, A. A. S. Antônio A. Soares Amora: depoimento [nov. 1984]. (Bernardo, 1986)

O alinhamento político favorável, descrito anteriormente, e a nomeação do professor Amora tornaram as condições bem melhores. Amora já conhecia Jânio Quadros desde os tempos em que trabalharam juntos como professores de Língua Portuguesa no ensino secundário, além disso, o governador sabia da competência do recém-nomeado diretor. Assim, as discussões e solicitações para a concretização da nova escola superior em Assis foi facilitada pela proximidade de ambos, que continuou durante o governo de Carvalho Pinto (1959-1962) pelos mesmos laços de amizade no trabalho. Parece ironia, mas os governadores do Estado de São Paulo tinham em comum a característica de serem professores, algo que pode ser relacionado à prioridade educacional do momento.

Em dezembro de 1957, numa visita que fez a Assis, acompanhado do professor José Ferreira Carrato – o primeiro secretário da FFCL e auxiliar do diretor desde agosto –, Amora esclareceu à população sobre os cursos da Faculdade. (*Jornal de Assis e A Gazeta de Assis*, de dezembro de 1957) O curso anunciado foi o de Letras, evidentemente por influência do diretor, pois ele era um homem desta área e tinha excelente repercussão na USP e também em Portugal, já que sua especialidade era em Língua e Literatura Portuguesa.

Na comparação com as FFCLs de Marília e Rio Claro, criadas exatamente no mesmo período que a de Assis e passando inclusive pelos mesmos processos, é possível verificar que foi por meio dos diretores nomeados que as respectivas Faculdades constituíram sua imagem, isto é, os seus primeiros cursos. Desse modo, o professor José Querino Ribeiro, de formação especializada em Educação e também Ciências Sociais, foi para Marília e o professor João Dias da Silveira, que era um homem da Geografia Física, foi para Rio Claro. Para confirmar esta informação, ressaltando a questão da especialidade, note-se o depoimento do professor Antonio Candido: “Eram três faculdades, Marília, Assis e Rio Claro. E o professor Amora teve a ideia muito boa de

especializar. Embora se chamasse pomposamente Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ele propôs a especialização, tanto assim que, ele em Assis só fez Letras.”<sup>31</sup>

Depois de nomeados, os diretores se reuniam no conselho deliberativo da organização dos IIES (Institutos Isolados de Ensino Superior), que surgiu a partir da USP. Para o entendimento do que era este conselho, observe-se o depoimento de Amora:

Este grupo de faculdades, os IIES, eram geridos por um conselho que tinha o nome pejorativo de ‘conselhinho’, para não se confundir com o ‘Conselho Universitário’, na sua austeridade, na sua intransigência, Conselho *tout court* era o Conselho Universitário da Universidade de São Paulo. Este, então, ‘conselhinho’, era presidido pelo Zeferino Vaz e nós diretores participávamos das suas reuniões semanais.<sup>32</sup>

As colocações do diretor Amora são contundentes ao mostrar que o Conselho que regia os IIES era diferente do Conselho Universitário da USP. Mais uma vez há indícios da intransigência da USP com os Institutos Isolados e com a interiorização do ensino superior. O CO/USP tinha uma posição restritiva ante o “conselhinho”, assim chamado para explicitar o sentimento de menosprezo. Percebe-se, portanto, que embora o processo de implantação tenha tido algumas facilidades políticas, havia também estes antagonismos oriundos do interior da Universidade de São Paulo.

Simultaneamente às visitas que fez a Assis, em 1957 e 1958, o diretor Amora começou a selecionar, em São Paulo, o Corpo Docente que integraria a nova Faculdade. Como vimos, a preocupação com o alto nível intelectual e o desejo de fazer um trabalho

---

<sup>31</sup> CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]. Entrevista e transcrição: Fábio Ruela de Oliveira, São Paulo/SP. 2 fitas cassete. (Vertida para o formato digital). Entrevista concedida ao autor.

<sup>32</sup> AMORA, A. A. S. Antônio Augusto Soares Amora: depoimento [jan. 1992]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit. Cf. também AMORA, A. A. S. Antônio A. Soares Amora: depoimento [nov. 1984]. (Bernardo, 1986)

equivalente ao da USP na Faculdade de Assis foram os principais critérios para essa escolha. De acordo com Amora:

Os professores aqui em São Paulo foram arregimentados fundamentalmente tendo em conta a sua preparação científica. Como eu conhecia relativamente bem ou talvez suficientemente bem o meio profissional de Letras em São Paulo, tive o cuidado de escolher ou aqueles que, por trabalhos publicados, por uma atividade no campo da investigação e da pesquisa, já tinham evidenciado sua capacidade científica, ou aqueles que tinham demonstrado uma potencialidade pela sua preparação acadêmica, universitária, etc.<sup>33</sup>

Vale ressaltar que nenhum professor selecionado era natural de Assis, o que distinguiu a FFCL assisense de outras do período, por exemplo, em que contrataram profissionais e personalidades locais para compor o Corpo Docente, como foi o caso das FFCL de São José do Rio Preto e de Presidente Prudente. (Oliveira, 1989 & Abreu, 1989, pp. 91-92) Segue abaixo a rápida descrição do primeiro corpo docente, elaborada a partir de três fontes: os depoimentos orais, o *Livro de Atas de Reuniões dos Professores da FFCL de Assis* e o Folder editado pela FFCL de Assis, em 1959, época da sua fundação.

**Cadeira de Língua e Literatura Alemã:** Prof. Erwin Theodor Rosenthal, um austríaco de nascimento, jornalista e escritor, que dominava três línguas estrangeiras, doutor em Letras Anglo-Germânicas pela USP, onde foi também auxiliar da Cadeira de Alemão. Bolsista da Universidade de Minnesota (Minneapolis, EUA).

**Cadeira de Língua e Literatura Espanhola e Hispano-Americana:** Prof. Julio G. García Morejón, um espanhol da Universidade de Salamanca, com bons cursos e

---

<sup>33</sup> AMORA, A. A. S. Antônio A. Soares Amora: depoimento [nov. 1984]. (Bernardo, 1986)

recomendações de renomados professores de lá. Dirigia a Revista de poesia *Intus*, iniciada na Espanha e depois trazida para o Brasil; foi também Diretor Cultural da “Casa de Cervantes”, em São Paulo, e era escritor e poeta com publicações.

**Cadeira de Língua e Literatura Grega:** Prof. José Antônio Benton, um judeu refugiado do nazismo, diplomado pelas Universidades de Heidelberg e Munique, homem de letras que dominava o grego e o sânscrito e escreveu e publicou várias obras.

**Cadeira de Psicologia Educacional:** Prof. Wilhelm S. Jonas Speyer, também um judeu refugiado, cursou a Universidade de Berlim e era especialista em educação juvenil.

**Cadeira de Língua e Literatura Latina:** Prof. Joseph J. Van Den Besselaar, holandês formado na Universidade de Nímega, com vários trabalhos publicados e especialista na área de História.

**Cadeira de Língua e Literatura Francesa:** Prof. Vítor de Almeida Ramos, português, licenciado pela Faculdade de Letras de Lisboa, especialista em técnicas e problemas de tradução, cujos estudos prosseguiram em nível de doutorado na Sorbonne.

**Cadeira de Língua e Literatura Inglesa:** Prof. Stanley Robson Cerqueira, brasileiro, formado em Letras Anglo-Germânicas pela FFCL/USP e participante ativo da “Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa”, com trabalhos publicados e fazia o doutorado na época.

**Cadeira de Literatura Brasileira:** Prof. Antonio Candido de Mello e Souza, brasileiro, militante da crítica literária semanal em grandes jornais, desde 1940, foi assistente do Prof. Fernando de Azevedo na Cadeira de Sociologia II da FFCL/USP, com doutorado nas Ciências Sociais, várias publicações e Livre-Docente de Literatura Brasileira. Quando foi para Assis sua obra de dois volumes de seu livro *Formação da Literatura Brasileira – Momentos Decisivos*, estava com o editor José Olympio, desde 1950, e seria lançada pela primeira vez em 1959.

**Cadeira de Língua Portuguesa:** Prof. Rolando Morel Pinto, licenciado em Letras pela FFCL/USP e também diplomado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da PUC/SP, com trabalhos prestes a serem publicados na época.

**Cadeira de Literatura Portuguesa:** Prof. Naief Sáfy, licenciado pela FFCL/USP, onde foi bolsista e assistente da Cadeira de Literatura Portuguesa. Foi colaborador na publicação de várias obras nesta área.

**Cadeira de Língua e Literatura Italiana:** Prof. Antônio Lázaro de Almeida Prado, licenciado em Letras Neolatinas, com especialização em língua italiana pela FFCL/USP onde foi assistente da Cadeira de Língua e Literatura Italiana. Foi também assistente da Cadeira de Cultura Religiosa da Faculdade de Filosofia de São Bento e, na época, também preparava trabalhos. Foi o único dos professores da primeira turma de docentes que continuou em Assis.

**Cadeira de Literatura Norte-Americana:** Prof. Cassiano Nunes Botica, licenciado em Letras Anglo-Germânicas pela FFCL/USP, foi bolsista das Universidades de Miami (EUA) e Heidelberg (Alemanha). Crítico e jornalista, colaborou na imprensa paulista e escreveu trabalhos sobre sua especialidade.

**Cadeira de História da Cultura:** Foi a última cadeira a ser integrada pelo então secretário inicial da Faculdade, o Prof. José Ferreira Carrato, formado em Teologia pelo Seminário Metropolitano de Belo Horizonte. Foi membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e havia publicado trabalhos.

A Cadeira de História da Cultura foi uma das inovações da grade curricular do Curso de Letras de Assis. Tal proposta estava em sintonia com a preocupação da especialização, com o intuito de dar uma formação mais completa aos Licenciados em Letras e proporcionar mais conteúdos humanísticos a eles.

O fato de os professores serem todos de fora, gerou descontentamento para alguns profissionais da cidade, como advogados e professores secundários, que almejavam integrar o Corpo Docente, pois isso era algo novo na época. O papel do diretor Amora e seus auxiliares foi o de serem, naquele momento, os organizadores da cultura. (Gramsci, 1979)

Para a contratação dos professores estrangeiros, Soares Amora provavelmente seguiu um princípio inovador implantado pela USP desde a sua fundação, em 1934, porque essa estratégia introduziu um clima intelectual até então inexistente no país. Tais elementos, que lançam as bases de uma tradição estrangeira no ensino universitário brasileiro, também são descritos pelo Prof. Antonio Candido, ao comentar o trabalho do sociólogo Florestan Fernandes e suas reflexões sobre o significado da Faculdade de Filosofia da USP:

Acho justas as suas reflexões sobre o significado e o papel da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, onde nos formamos, eu em 1941, ele em 1943, na fase heroica das aulas em francês e da transplantação mágica da cultura, que ele descreve tão bem. Os professores jogavam sobre nós o seu saber europeu, sem se preocuparem se estávamos ou não entendendo, a começar pela língua. Nós, entre deslumbrados e atarantados, íamos devorando aos pedaços. (Candido, 2001, p. 10)

Esses mesmos “professores europeus, habituados a intercâmbio intelectual intenso, introduziram também *como rotina* o hábito de enviar jovens para trabalharem em importantes centros europeus e norte-americanos, para lá completarem a sua formação.” (Salmeron, 1999, p. 75) Tal ideia complementa a intenção do diretor Amora de criar um espírito universitário em Assis, ou seja, de criar condições para o convívio intelectual típico da universidade.<sup>34</sup>

Se comparadas aos primórdios desta instituição centenária, situados no período medieval, as intenções de Amora eram, da mesma forma, uma característica inerente à instituição universitária. Sobre o aspecto cosmopolita presente no conceito desta

---

<sup>34</sup> AMORA, A. A. S. Antônio Augusto Soares Amora: depoimento [jan. 1992]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

instituição em seu surgimento, temos os apontamentos de um historiador das universidades, Jacques Verger: “Mestres e estudantes afluíam de toda a parte; o caráter internacional, que será uma das originalidades da universidade, afirmava-se já nessas escolas do século XII.” (Verger, 1990, p. 31)

A afirmativa sugere a reflexão de que este caráter internacional, presente em toda a história desta instituição, criava um ambiente propício aos estudos humanistas e atribuía-lhe um sentido mais laico, além, é claro, do intercâmbio cultural que a universidade proporcionava aos seus participantes.

Na década de 1950, as condições de comunicação e a disputa de espaço para a pesquisa, características da guerra fria, favorecem ainda mais esse intercâmbio universitário. É esse espírito sem fronteiras da universidade, também implantado na Faculdade de Assis, que escapa ao entendimento menos abrangente da população local que tinha um relativo sentimento de posse em relação à Faculdade e, por isso esperava desta um reflexo ou retorno mais imediato, não compreendendo a dimensão ampla em que ela se inseria.

Para mobilizar os professores de São Paulo para o interior, as condições salariais e materiais tinham que ser as melhores possíveis. Além disso, tais docentes promoviam a distinção da FFCL de Assis, aspecto que foi rapidamente reconhecido por professores de outras faculdades dos Institutos Isolados no período. O Prof. Dr. Enzo Del Carratore foi professor de Latim na FFCL de Marília, a partir de 1960, e reconhece esta característica em seu depoimento. Segundo ele:

Com uma única exceção, de que eu me lembro, a Faculdade de Assis. Esta conseguiu, através do professor Amora, conseguiu levar o que havia de melhor, não só na Universidade de São Paulo, mas também no exterior. Ele trouxe para Assis, por exemplo, o professor Antonio Candido, o professor Morejón, o professor Jonas Speyer, o professor

Benton, o Van Basselar e outros, o Naief Safady, da Cadeira de Literatura Portuguesa e muitos outros que realmente, apesar de terem ficado pouco tempo na cidade, alguns apenas um ano, outros um pouco mais, mas acabaram imprimindo assim um cunho de seriedade científica e mais, de credibilidade a essa instituição que estava nascendo.<sup>35</sup>

Portanto, foi necessária a elaboração de um bom projeto, responsabilidade que ficou a cargo do diretor Amora. A impossibilidade de acessar esse projeto originário durante a pesquisa não impediu de conhecê-lo. Apresenta-se, portanto, um relato do diretor Amora que evoca a ideia inicial e o processo de implantação:

A ideia que nós levamos para essas Faculdades de Filosofia foi exatamente o que nós chamamos a ideia ‘mater’ da USP. Eu agora respondo por mim. Fui absolutamente intransigente na organização da Faculdade de Assis. Foi preciso um projeto. Fiz um projeto e o entreguei ao Jânio Quadros. Esse projeto foi feito em função de que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis seria uma faculdade dedicada ao ensino e à pesquisa. Quer dizer, respeitaria o binômio da célula ‘mater’. Isto teve uma série de implicações: questão de espaço, e da sua ocupação; o programa funcional; o nível do professorado, os vencimentos desse professorado; o tempo integral desse professorado desde a primeira hora, enfim, isto teve uma série de implicações que ainda estão na Faculdade de Filosofia, porque para ser uma FFCL tinha de ser como foi a experiência em São Paulo. (...) Eu até conto um episódio que é interessante: o Jânio Quadros pediu-me um projeto e eu pedi sessenta dias para o projeto, que envolveu até os móveis, o desempenho dos móveis, o fluxograma de salas, de corredores, etc, etc, o professorado, o currículo, a carreira de ensino destes professores, os padrões de vencimento, enfim, um projeto com todos os pormenores para o governo dizer: custa

---

<sup>35</sup> CARRATORE, Enzo Del. Prof. Enzo Del Carratore: depoimento [jan. 1992]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

tanto, vamos pagar tanto. (...) Isto foi no mês de agosto se estou bem lembrado; o projeto ficou pronto em 45 dias; começamos o trabalho imediatamente e já estávamos preparando os vestibulares, para o ano seguinte de 1959. (...) Aí o projeto foi implantado. Portanto, nesta altura havia uma ideia muito clara sobre o que deveríamos fazer com uma Faculdade de Filosofia e sabíamos que uma dessas coisas era o trabalho científico, o desenvolvimento científico. E Assis deu prova disso, tanto que praticamente quase todos os seus professores transitaram para a Universidade de São Paulo e com carreiras de ensino.<sup>36</sup>

Ainda, segundo impressões do diretor Amora, um professor que fosse para um Instituto Isolado, na época, passaria a ganhar o equivalente ao do que ganhava em São Paulo. Na verdade, não era exatamente o dobro, mas o mesmo que se pagava pelo regime de Tempo Integral da USP. No entanto, em Assis, devido ao baixo custo de vida, o salário rendia mais. É o que pode ser observado igualmente no depoimento de Antonio Candido, ao dizer que “o ordenado era exatamente o de tempo integral igual ao da Universidade de São Paulo, de maneira que era melhor porque podia se ver no rendimento do tempo, além disso, a vida em Assis não era cara. Eu tenho muito boa recordação desse aspecto.”<sup>37</sup> A ênfase dada ao tempo, nas palavras de Candido, é importante, pois na calma interior, a produtividade intelectual era muito maior.

Além disso, o salário de um professor, nos anos 1950, era bem satisfatório, o que pode ser notado nas palavras de Roberto Schwarz, em texto reunido num livro de

---

<sup>36</sup> AMORA, A. A. S. Antônio A. Soares Amora: depoimento [nov. 1984]. (Bernardo, 1986)

<sup>37</sup> CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]; op. cit. Essas boas condições salariais são confirmadas ainda nos depoimentos de outros integrantes do 1º. Corpo Docente: AMORA, A. A. S. Antônio Augusto Soares Amora: depoimento [jan. 1992]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit; PRADO, A. L. de A. Antônio Lázaro de Almeida Prado: depoimento [set. 2000]. Entrevista e transcrição: Fábio Ruela de Oliveira. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP. & MOREJÓN, J. G. G. Júlio G. Garcia Morejón: depoimento [nov. 2000]. Entrevista e transcrição: Fábio Ruela de Oliveira. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

Fernando Haddad, sobre as condições salariais no ensino secundário, no qual o autor critica a situação atual e destaca a necessidade de bons salários no ensino para o desenvolvimento intelectual do país.

No tempo em que eu entrei na faculdade, em 1957, os colegas mais velhos, que estavam terminando o curso, prestavam concurso para professor secundário e não viam isto como desastre. Porque a situação era a seguinte: como professor concursado no interior você dava quatro aulas por dia, e tinha um salário que dava para viver corretamente. Então, para um intelectual, valorizar o tempo livre era uma perspectiva interessante, não é? Davam um tanto de aula, que é uma atividade boa se não forem muitas por dia, e o resto era para estudar e pensar na vida. Quer dizer era possível ser intelectual também fora da Universidade, e, sobretudo, a situação do professor secundário não era compatível com a produção intelectual, o que melhora muitíssimo a vida intelectual do país. Na Europa é assim, uma parte dos bons intelectuais franceses dá aulas no secundário, o que faz grande diferença. Isso no Brasil chegou a existir, e foi totalmente desmanchado pelo aviltamento dos salários. Não há exagero em dizer que bons salários no secundário são meio caminho andado para uma boa mudança cultural. (Schwarz, 1998, p. 25-26)

Como observado, a seleção dos docentes privilegiou a ideia de arremeter profissionais que precisavam fazer uma “carreira de ensino”, aspecto decisivo na escolha dos profissionais. Com tais condições, quase todos desenvolveram pesquisas na FFCL de Assis e retornaram, dois ou três anos depois, para assumirem Cadeiras na USP.

Entre as situações positivas para a investigação científica e o exercício proveitoso da docência, a principal foi a possibilidade de dedicar tempo integral aos estudos. De acordo com Roberto A. Salmeron (1999, p. 72), ao dissertar sobre os primórdios da UnB, afirma que: “O regime de tempo integral nos estudos, com dedicação exclusiva ao ensino

e à investigação, exige, evidentemente, orçamentos maiores. Não é por acaso que começou a ser instaurado na Universidade de São Paulo, a mais rica do país.”

Os professores convidados pelo diretor Amora também participaram da organização, fato comprovado pelo *Livro de Atas de Reuniões dos Professores da Faculdade de Assis*, onde estão narradas reuniões do primeiro corpo docente que iniciou os trabalhos de organização e reunia-se, inicialmente, no local considerado o escritório provisório da Faculdade de Assis: o salão do “Instituto de Estudos Portugueses”<sup>38</sup>, à rua Frederico Steidel, nº 237, 4º andar, São Paulo – Capital. Ao todo, foram realizadas quatorze reuniões em São Paulo, entre os meses de janeiro e julho de 1958.

Antes de relatar algumas deliberações feitas nas reuniões, é importante descrever um ocorrido que quase atrapalhou os trâmites para a criação da nova Faculdade: o desentendimento entre o governador Jânio Quadros e o Prof. Mário Schemberg, “que em entrevista ao *O Estado de São Paulo* fizera algumas críticas à dificuldade de contratação do físico e professor César Lattes, mostrando o descaso pela Universidade e a falta de apoio oficial.” (Leite, 1997, p. 273) O caso foi noticiado no dia 04 de janeiro de 1958, pela *A Gazeta de Assis*, que publicou trechos do jornal *Folha da Manhã*, do dia 31 de dezembro de 1957, com o seguinte conteúdo:

Uma crise sem precedentes atinge a Universidade de São Paulo, com os pedidos de demissão em massa de dirigentes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo e de outros institutos similares do interior. Essa decisão foi tomada em sinal de desagravo contra a atitude do governador do Estado que destratou a comissão de professores que lhes foi levar, ontem a tarde, a monção na qual a Congregação da Faculdade de Filosofia desta Capital expunha seu ponto de vista sobre os

---

<sup>38</sup> Atualmente o nome do instituto foi mudado para Centro de Estudos Portugueses (CEP) e está localizado numa sala da FFLCH/USP.

desentendimentos havidos entre o chefe do executivo estadual e o Prof. Mário Schemberg, diretor do departamento de Física da referida faculdade, já do conhecimento público.

Consideram-se, assim, demitidos de seus cargos os seguintes professores: Eurípedes Simões de Paula, da vice-reitoria e da diretoria da Faculdade de Filosofia; Prof. Paulo Sawaya, da vice-diretoria da Faculdade de Filosofia e da função de membro do CTA da Secretaria de Educação; Prof. Antonio Soares Amora, da diretoria da FFCL de Assis; Prof. José Querino Ribeiro, da diretoria da FFCL de Marília; Prof. João Dias da Silveira, da diretoria da FFCL de Rio Claro; Lourival Gomes Machado, do cargo que exerce em todas as comissões estaduais, entre elas a Permanente do Tempo Integral e a do Patrimônio Histórico e Artístico.

Além desses mestres pediram demissão do cargo todos os membros do Conselho Técnico Administrativo da Faculdade de Filosofia, Prof. Mário Guimarães Ferri, Paulo Sawaya, Milton Silva Rodrigues, Candido Lima da Silva Dias, Eduardo de Oliveira França e Mário Pereira de Souza Lima.

Seguindo-se a apresentação dos pedidos de demissão, a Congregação da Faculdade de Filosofia se reuniu para apreciar a atitude do governador.

Paralelamente à reação dos professores, o grêmio da Faculdade de Filosofia, pelo seu presidente, acadêmico Andez Castilho declarou, pelos mesmos motivos, greve geral simbólica por tempo indeterminado e deliberou apresentar um manifesto à imprensa.

Solidário ainda com o gesto dos professores da Faculdade de Filosofia, o escritor Sérgio Buarque de Holanda, solicitou demissão da Comissão de Organização do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado.

Como se nota, a crise na USP levou à demissão do Prof. Amora e dos outros dois diretores das mais novas FFCL que se instalariam no interior do Estado. A repercussão

na cidade de Assis não foi boa e, segundo o depoimento do deputado Santilli, as pessoas estavam achando que a Faculdade não se concretizaria.<sup>39</sup>

Embora a resolução para o impasse tenha acontecido no final de fevereiro, quando o diretor Amora foi readmitido, durante todo o período as reuniões continuaram, denotando que, para os professores, o episódio não acarretaria em consequências mais graves. Apesar de o relato desse momento de crise, apresentado acima, estar no *Livro de Atas de Reuniões dos Professores da Faculdade de Assis* e num depoimento do diretor Amora<sup>40</sup>, este documento também suscita a reflexão sobre a solidariedade entre os docentes, mesmo os de áreas diferentes, em defesa da instituição e de suas rotinas. Na universidade organizacional pós anos 1990, fundada no neoliberalismo, que incita a concorrência e o individualismo, tais práticas de mobilização e manifestação coletiva tornaram-se raras.

Na descrição das deliberações das reuniões dos professores, realizadas em São Paulo, localizamos informações que provam o rigoroso trabalho de constituição da Faculdade, liderado pelo diretor Amora. Foram constantes nas reuniões, as apresentações dos programas de curso por parte dos professores responsáveis, sendo que, a cada reunião, se apresentavam um ou dois para expor detalhadamente o seu plano de curso, o qual ficava à disposição para apreciação e discussão da plenária composta pelos demais professores.

Entre outros assuntos discutidos nessas reuniões, merecem destaque alguns como: as providências para a contratação do Sr. Ítalo Bianchi, a fim de efetuar a decoração da Faculdade, cujos trabalhos iniciaram-se provisoriamente no internato do Colégio Santa Maria, cedido pela madre superiora, a irmã Cavalcanti, a pedido do Bispo D. José Lázaro

---

<sup>39</sup> SOBRINHO, J. S. José Santilli Sobrinho: depoimento [nov. 1999]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

<sup>40</sup> AMORA, A. A. S. Antônio Augusto Soares Amora: depoimento [jan. 1992]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

Neves. (Foto 2) A decoração foi uma preocupação do diretor Amora, que afirmou em seus dois depoimentos orais que não bastava somente o tempo integral, era preciso criar um ambiente propício e confortável para passar esse tempo integral, isto é, passar o dia todo estudando na faculdade.

Outro assunto das atas foi o planejamento dos cursinhos de habilitação e a orientação dos cursos preparatórios que já existiam na cidade; a preparação de textos para divulgação na imprensa de Assis; a compra de livros que deveria ser feita em São Paulo; a elaboração das chamadas “Listas Piloto” com as bibliografias necessárias de cada Cadeira para compor as bibliotecas<sup>41</sup>; a relação dos demais equipamentos e móveis para que se fizesse a concorrência de aquisição dos mesmos; a contratação e o anúncio de estágio dos dois primeiros funcionários da Faculdade de Assis, os Srs. Roberto Roselli Lutti e Divo Vara, respectivamente tesoureiro e contador; a doação de um carro para a Faculdade por parte do Governador do Estado; as providências para a cerimônia de instalação da FFCL que se realizaria em agosto do mesmo ano e a discussão sobre a criação da Cadeira de História Antiga e Medieval – a última a ser criada – sob a responsabilidade do Prof. Carrato, então secretário da Faculdade.

Essa fonte apresenta outros assuntos relevantes anunciados pelos membros do Corpo Docente, como o do Prof. José Antonio Benton,

que comunicou ter a direção da Biblioteca Municipal de São Paulo, por meio do Sr. Sérgio Milliet, oferecido à Faculdade de Assis grande número de duplicatas do seu acervo bibliográfico, que já estavam à disposição dos professores interessados; anunciou ainda o recebimento de coleção de diapositivos do Museu de Arte e o contato com a Universidade de Viena, visando futuro intercâmbio cultural com a Faculdade de Assis.”

---

<sup>41</sup> Informação confirmada nos depoimentos dos professores: CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]; op. cit. & PRADO, A. L. de A. Antônio Lázaro de Almeida Prado: depoimento [set. 2000]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

(*Livro de Atas de Reuniões dos Professores da FFCL de Assis*, 9ª Reunião, de 21/03/1958, fl. 21)

Em outra intervenção das reuniões preparatórias, o professor Antonio Candido “propôs que se cuidasse imediatamente do lançamento de uma Revista da Faculdade, que iniciaria o mais cedo possível a divulgação dos trabalhos de pesquisa dos Srs. Professores”. (Idem, 14ª Reunião, de 10/07/1958, fl. 26) A proposta da revista vingou e deu origem à *Revista de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis*, cujo primeiro número foi lançado em 1960. Em depoimento oral, o Prof. Antonio Candido confirma a informação e acrescenta outras, relativas às suas intervenções nas reuniões preparatórias:

Eu me lembro da minha atuação, propus três coisas: “Eu proponho três atividades que me parecem fundamentais. Primeiro fundar uma Revista. Essa provavelmente sairá quatro vezes por ano, ou quanto for possível, para recolher a contribuição dos professores. Segunda coisa: estabelecer uma série de publicações, visando ao enriquecimento da bibliografia de Letras. Essa deve recolher trabalhos e ter preocupação didática, nós devemos nos encaminhar para fazer bons manuais, bons livros para o Ensino Superior de Letras.” Essa série também foi feita, ela publicou, sobretudo as teses, do Morejón, do Almeida Prado e do Vítor Ramos. E a terceira coisa: “eu proponho que se façam os chamados colóquios em Assis, que de dois em dois anos, por exemplo, façamos Colóquios em Assis. Escolher um tema e fazer então reuniões com convites de colegas de todo o Brasil.” Foram as três propostas que fiz. Dessas três, uma vingou inteiramente, que foi a *Revista de Letras*, e outra vingou parcialmente, que foi a série de publicações.<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]; op. cit.

Mais uma vez, por meio dessas iniciativas publicísticas planejadas nas reuniões, percebe-se a preocupação científica explicitada através da ideia de construir conhecimento na nova faculdade e de divulgá-lo no meio universitário, procurando, assim, uma relação mais concreta entre ensino e pesquisa.

Em agosto de 1958, após as cerimônias de inauguração da Faculdade de Assis, que contou com o apoio financeiro da Câmara Municipal<sup>43</sup>, começou-se outro trabalho, tanto que as reuniões, inicialmente realizadas em São Paulo, continuaram em Assis, mas a partir de então foram descritas noutro documento: o *Livro de Atas das Reuniões da Congregação da FFCL de Assis*.

Em tal livro, existem seis reuniões entre os meses de agosto e outubro de 1958. (Foto 3) Entre os assuntos abordados, vários deles continuidade das reuniões de São Paulo, temos: o processo de contratação dos docentes; a elaboração da lista de materiais e livros de que ainda careciam os departamentos, a fim de agilizar a compra, a organização e o acompanhamento do Curso Preparatório, a cargo dos professores da Faculdade, iniciado em setembro de 1958 e destinado aos candidatos dos exames de habilitação de fevereiro de 1959.

Este segundo rol de atas de reuniões traz, dentre as várias comunicações do diretor Amora, a orientação para manter boas relações com o povo da cidade de Assis, que contribuiria para o bom andamento dos trabalhos; os anúncios das verbas conseguidas junto ao Governo do Estado e das admissões de um zelador e de um servente, bem como a iminente contratação de uma bibliotecária para a FFCL; a proposta de elaborar um Regimento Interno da Faculdade, com vistas ao cumprimento do Tempo Integral; o

---

<sup>43</sup> *Projeto de Lei nº 43/58 da Câmara Municipal de Assis*, “que dispõe sobre a abertura de crédito especial, destinado às despesas com as festividades de Instalação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.” Este Projeto de Lei foi aprovado na sessão realizada em 23/09/1958 e sancionado pelo prefeito. In: Livro de Registros de Projetos de Lei nº 04 (Projetos números 06/1957 a 34/1960), fl. 34 e Livro de Atas nº 06 (25/06/1957 a 20/10/1959), ambos do Arquivo da Câmara Municipal de Assis, sob custódia do CEDAP/Unesp – Assis-SP.

pedido de extração de um Relatório Geral, que seria enviado ao governador, com a descrição das atividades do curso preparatório e outras em andamento; e, por fim, a promoção do contador Divo Vara a secretário da Faculdade, pois se destacou nos trabalhos administrativos e o Prof. José F. Carrato havia pedido afastamento da função para se dedicar exclusivamente à Cadeira de História da Cultura. (*Livro de Atas de Reuniões da Congregação da FFCL de Assis*)

As reuniões prosseguiram nos anos seguintes, porém, com o tempo, a organização e o registro das mesmas passou por algumas mudanças que podem ser observadas por meio da criação de outras instâncias internas, como o Conselho Interdepartamental (CID) e o Conselho Técnico Administrativo (CTA), que contava com a participação dos alunos.

Os vários Livros de Atas destes órgãos, principalmente das reuniões entre os anos de 1962 e 1964, permitem inferir duas hipóteses para as causas das mudanças: ou eram para racionalizar e facilitar o trabalho, haja vista que a faculdade estava crescendo e, portanto, carecia de nova organização; ou para seguir as instruções do Conselho Estadual de Educação (CEE), instância estadual responsável pelas FFCL nessa época, uma vez que há menções sobre suas circulares nas Atas. (*Livro de Atas do Conselho Interdepartamental da FFCL de Assis & Livro de Atas do Conselho Técnico Administrativo da FFCL de Assis*)

#### **1. 4 – A Faculdade e a Cidade: os primeiros contatos e reações.**

Com a chegada dos professores e o início dos trabalhos na faculdade, começaram a surgir as primeiras reações dos munícipes. A primeira delas teve início em meio às festividades de inauguração, com boatos de que, com a chegada dos professores, os alugueis das casas e os salários das empregadas domésticas teriam uma abrupta inflação.

A reação inflacionária provavelmente partia dos proprietários dos imóveis, mas, para a população, a culpa do aumento de preços era exclusivamente dos integrantes da FFCL.<sup>44</sup> Entretanto, Assis não possuía casas de alvenaria com vários cômodos, que pudesse abrigar, por exemplo, a biblioteca de um professor e seu respectivo escritório. Assim, o regime de Tempo Integral em Assis, apresentou uma vantagem, pois os professores poderiam trabalhar na faculdade, onde tinham seu espaço próprio.

A primeira atividade externa que os membros da faculdade ofereceram à comunidade foi o Curso Preparatório, também chamado de “I Curso de Extensão Cultural”, promovido por todos os professores do 1º Corpo Docente pela FFCL. Iniciado em meados de setembro de 1958, contou com 213 candidatos inscritos e tinha por objetivos habilitar os interessados para o exame vestibular da nova faculdade e prepará-los para o Curso de Letras, que se iniciaria no início de 1959. O diretor Amora desejou e trabalhou para que tudo corresse da melhor forma possível. O curso foi importante, pois, além de selecionar uma boa turma, também foi marcante na experiência de alguns professores. É o que indica um deles, Antonio Candido:

O professor Amora nos orientou de uma maneira muito inteligente, ele se preocupava muito com a formação dos alunos. E uma coisa decidida nessas reuniões foi fazer o curso preparatório em 58. Planejamos: “Entra quem quiser, nós preparamos e depois podemos fazer uma boa seleção no vestibular, porque nós preparamos bem.” Então durante o segundo semestre nós demos esse curso. Para mim esse curso foi muito importante porque eu nunca tinha dado aula de literatura na minha vida. E em literatura eu sou um autodidata

---

<sup>44</sup> *Livro de Atas de Reuniões da Congregação da Faculdade*, 1ª Reunião em Assis, do dia 18/08/1958; fl. 02. (dois dias após a inauguração). A mesma ocorrência é constatada nos depoimentos: SOBRINHO, J. S. José Santilli Sobrinho: depoimento [nov. 1999]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit. & PINSKY, J. Jaime Pinsky: depoimento [fev. 1992]. Entrevistadora: Tânia Regina de Lucca, São Paulo-SP. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

completo, sempre lidei com literatura, desde menino, mas nunca fiz curso de literatura, não tenho grau nenhum em literatura. Então eu tive que inventar uma maneira de ser professor de Literatura. Nós fizemos lá uma divisão de trabalho e eu dei análise literária, sobretudo porque eu sempre fui muito preocupado com a análise literária, muito mais com a análise do que com a teoria propriamente dita, e com a história. Então eu desenvolvi um curso analítico, eu queria ensinar os alunos a ter familiaridade com o texto, aproveitarem o texto, e saberem discriminar o texto, fazer disquisição do texto. Então eu escolhi certos textos e analisava com os alunos. Analisei de literatura brasileira, é claro. Esse curso para mim foi muito bom porque foi meu aprendizado. Eu posso dizer que aprendi junto com os alunos e os alunos aprenderam a preparar-se para o vestibular. Foi uma coisa boa porque a seleção foi grande, foi muito aluno reprovado. E entrou uma gente muito boa.<sup>45</sup>

Além desse curso preparatório para o 1º Vestibular, os professores da Faculdade orientaram os cursos semelhantes na cidade, de modo a esclarecer principalmente o que se faria nesse curso de Letras, cujo modelo e objetivo estavam definidos. O diretor Amora se preocupou muito em esclarecer e definir o propósito de uma Faculdade com um Curso de Letras, até porque esta se distinguiu do espírito universitário implantado na época pelo Prof. Zeferino Vaz com a criação de Faculdades de Odontologia, visando à formação profissional e a prestação de serviços à comunidade. Na Faculdade de Letras de Assis esses objetivos também eram almejados, embora com certa diferença, conforme esclarece o diretor em seu depoimento sobre qual fora sua orientação para conduzir o curso de Letras na Faculdade:

---

<sup>45</sup> CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]; op. cit.

Eu só levei Letras, tinha que se desenvolver um trabalho com as Letras, era um problema de formação, de desenvolvimento do saber, quer dizer, continuar o trabalho que desenvolvíamos em São Paulo. Levar pesquisador, levar investigador, e se formar pesquisadores e formar investigadores. Sem prejuízo naturalmente, de atendermos à demanda de vagas para o curso superior. Mas os cursos eram todos voltados para a formação, digamos assim, do espírito de investigação e do espírito criativo. Sempre, todo curso era orientado nesse sentido.<sup>46</sup>

Nas palavras acima, nota-se que a comunidade beneficiada de imediato com os trabalhos da FFCL de Assis seria a acadêmica e, na sequência as outras instâncias, como a demanda do ensino secundário público e a comunidade local. A clareza dos objetivos do diretor Amora e o sucesso posterior em outros cursos foram reconhecidos pelo pesquisador das FFCL paulistas. Segundo José Vaidergorn, o diretor Amora

iniciou primeiro um curso de Letras para formar prioritariamente pesquisadores e investigadores, marca posteriormente impressa no de História. (...) A FFCL de Assis, então, começou implantando uma concepção universitária muito próxima à inicial da FFCL da USP, onde cada área do saber ficaria sob a exclusiva responsabilidade de seu docente, que não se preocuparia com a formação voltada para a licenciatura. (Vaidergorn, 2003, p. 188)

O aspecto descrito conclui que o objetivo era formar um tipo especial de professor: que fosse também pesquisador. Isto foi uma exclusividade da FFCL de Assis em comparação com as outras do interior paulista. (Idem, pp. 188-198) As faculdades de Marília e de Presidente Prudente, as duas mais próximas de Assis, foram criadas no

---

<sup>46</sup> AMORA, A. A. S. Antônio Augusto Soares Amora: depoimento [jan. 1992]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

mesmo ano, mas tinham uma orientação mais pedagógica, visando à formação de professores secundários. No entanto, isso não ocorreu casualmente, mas foi algo planejado no conselho dos Institutos Isolados, presidido por Zeferino Vaz, que decidiu que as faculdades, principalmente as mais próximas, tomariam rumos diferentes na execução de seus trabalhos. Podemos observar isso no depoimento de Amora:

Com estas faculdades entramos nas áreas de humanidades, e nós, seus diretores, todos professores da Faculdade de Filosofia da USP, achamos conveniente separar um pouco as áreas: não fazer em Marília o que se estava fazendo em Assis, distante 60 quilômetros, ou em Prudente. Então procuramos diversificar e, assim, essas faculdades surgiram.<sup>47</sup>

A forma cautelosa como foi organizado o curso preparatório para o ingresso se repetiu no processo de implantação da Faculdade e na iniciativa de estabelecer as melhores relações possíveis com a sociedade local.

O primeiro acontecimento junto à cidade foi a participação dos professores, que haviam chegado em maio de 1958, nas comemorações do “Dia da Escola” (22/05), em que eles presenciaram o desfile dos escolares na Avenida Rui Barbosa, almoçaram no Assis Tênis Clube, visitaram o Instituto de Educação, a Rádio Difusora, as instalações da nova Faculdade e, com suas esposas, participaram também de uma reunião do Rotary Club, no Restaurante Seletto. (*A Gazeta de Assis*, edições de 24 e 25/05/1958 e 29/05/1958)

A inauguração da Faculdade, em meados de Agosto de 1958, também seguiu a mesma programação de atividades, ou seja, uma comunicação na Rádio Difusora com a presença de todos os componentes do 1º Corpo Docente, uma visita às instalações em

---

<sup>47</sup> AMORA, A. A. S. Antônio A. Soares Amora: depoimento [nov. 1984]. In: BERNARDO, Maristela V. C. PUC-SP, 1986; op. cit.

reforma e uma recepção comemorativa. (Fotos 4, 5, 6, 7) Logo depois das festividades, que repercutiram em todo o estado de São Paulo e foram prestigiadas pela comunidade local, houve uma proximidade maior entre o corpo docente e a sociedade assisense.

Como exemplo dessa aproximação inicial, pode-se citar a homenagem que o Rotary Club fez ao professor José Ferreira Carrato, em virtude das comemorações do “Dia do Professor” (*A Gazeta de Assis*, de 26/10/1958) e a realização do Curso de História da Igreja, presidido por Carrato, o qual contou com uma aula inaugural do professor Amora e iniciou-se em 10/11/1958. (*A Gazeta de Assis*, de 09/11/1958) Destaca-se também, a presença dos professores Cassiano Nunes Botica, Júlio Garcia Morejón, Naief Safady e suas respectivas esposas na inauguração da Sede Social do Clube Sírio Libanês Brasileiro de Assis (*A Gazeta de Assis*, de 08/11/1958); e a atividade promovida por este clube, que contou com uma Conferência Recital a cargo do professor Júlio G. Morejón, versando sobre “Feitiço e Magia da música espanhola: Manuel de Falla”, ilustrada com gravações espanholas deste compositor e comentários do professor Morejón. (*A Gazeta de Assis*, de 09/12/1958)

Sobre a relação da FFCL com a sociedade assisense, é importante analisar um conjunto de depoimentos orais que mostram a perspectiva de alguns membros desta comunidade, como, por exemplo, os políticos locais Abílio Nogueira Duarte e Lourival Dias – cunhado de José Santilli – e a ex- aluna da 1ª turma de Letras, Maria Amélia Kobal, ligada a Jefferson Kobal, político e comerciante na época da instalação da Faculdade.

Tais depoimentos, assim como os demais investigados neste trabalho, são do acervo do “Projeto Memória da Universidade – Os Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo (1923-1976)” do CEDEM/UNESP e foram colhidos pela

professora Glacyra Lazzari Leite, que foi integrante do corpo docente do Curso de História da Unesp de Assis.<sup>48</sup>

Nas informações presentes nesses testemunhos sobre o relacionamento faculdade-cidade observa-se que, no início, foi muito bom, a cidade foi receptiva com os professores e alunos de fora e a parte mais esclarecida dos munícipes reconhecia o valor e a qualidade da FFCL. Entretanto, é notável que, durante os anos 1960 e 1970, essa relação foi caminhando para um distanciamento que, segundo alguns depoentes, decorreu de um sentimento de inferioridade do povo assisense em relação à comunidade acadêmica, que configurava uma elite em termos de hábitos e costumes.

O testemunho de Abílio Nogueira Duarte reafirma quase tudo o que foi exposto sobre o processo de instalação da faculdade, visto que ele era membro da “Comissão Pró-Faculdade”, mas também indica alguns pontos específicos sobre essa relação. De acordo com ele, o isolamento se devia, em parte, ao regime de Tempo Integral e ao fato de muitos dos primeiros professores não se fixarem efetivamente em Assis e estarem sempre em trânsito. Como ponto positivo, ele destaca os recursos financeiros que, de algum modo, a FFCL injetou no município e, como aspecto negativo, lembra que a comunidade acadêmica desenvolveu pouca integração social com os munícipes, a exceção de alguns professores.<sup>49</sup> Essa relação um tanto conflitante teve desdobramentos marcantes em 1964 com o golpe militar. De outro modo, configura um confronto entre modernidade e tradição característico do século XX.

---

<sup>48</sup> DUARTE, A. N. Abílio Nogueira Duarte: depoimento [fev. 1993] – CEDEM/UNESP-SP, op. cit. DIAS, L. Lourival Dias: depoimento [jun. 1992]. Entrevistadora: Glacyra Lazzari Leite. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP. KOBAL, M. A. Maria Amélia Kobal: depoimento [ago. 1992]. Entrevistadora: Glacyra Lazzari Leite. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP. KOBAL, J. Jefferson Kobal: depoimento [ago. 1992]. Entrevistadora: Glacyra Lazzari Leite. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

<sup>49</sup> DUARTE, A. N. Abílio Nogueira Duarte: depoimento [fev. 1993] – CEDEM/UNESP-SP, op. cit.

Todas as etapas acima marcaram o processo de implantação da Faculdade e trouxeram à tona vários fatos que influenciaram a continuação dos trabalhos. Os pontos de influência e as atividades ocorridas entre os anos de 1959 e 1963, durante o funcionamento da FFCL, quando também foi criado o Curso de História, serão tratados no próximo capítulo, no qual analisaremos a relevância intelectual desta instituição de ensino, seus trabalhos e eventos.

Da fase inicial, conclui-se que a concretização da FFCL de Assis deve-se a um esforço coletivo e, nesse processo histórico, tanto os sujeitos econômicos e políticos como os intelectuais e culturais em 1958, estavam no início de suas carreiras, isto é, buscavam melhorar suas trajetórias. Os professores, mesmo sabendo que a participação nesta experiência era considerada uma “aventura” (Morejón, 1997, pp. 332-336), tiveram um envolvimento intenso, pois todos tinham consciência de tratar-se da fundação de uma escola superior que poderia se tornar uma reconhecida universidade. Como precisamente ocorreu, posteriormente, na integração desta FFCL como Campus da Unesp, em 1976.

O empenho desses vários sujeitos na realização de um ousado projeto, permeava o imaginário da época, no qual observa-se um fenômeno:

Um verdadeiro espaço público vinha sendo construído passo a passo. As dificuldades eram grandes. Como mobilizar um povo deixado, e por séculos, na ignorância pelas classes dominantes e pelas elites que governaram em seu nome? Como valorizar os direitos dos cidadãos para homens e mulheres que ainda carregavam a pesada herança da escravidão, que quer dizer passividade diante da hierarquia social e subserviência diante dos poderosos? Mas os progressos eram evidentes. Os impulsos de mudança partiam de homens e mulheres, de jovens inspirados pelo trabalhismo de feição positivista, pelo socialismo, pelo comunismo – no Brasil, formas de pensamento anti-individualista que decorrem, em boa medida, da secularização, no plano da ideologia política, da ética

católica –, pelo solidarismo cristão. Acima de todas as divergências de orientação, havia um valor que era comum a todos, a construção da nação e da civilização brasileira. Foram eles que deram vida à imprensa, às universidades, aos movimentos culturais, aos sindicatos, aos partidos políticos, (...) (Novais & Mello, 1998, p. 615)

Os idealizadores e fundadores da Faculdade de Assis são esses homens e mulheres sugeridos pelos autores acima. O espaço público construído por estes cidadãos, por meio de iniciativas como a dos Institutos Isolados, era o da universidade pública brasileira que, mesmo sendo jovem na época, começava a interiorizar-se, procurando difundir a cultura brasileira existente e buscar material humano para continuar o trabalho. De um lado, tais sujeitos históricos compunham uma elite e estavam numa conjuntura razoavelmente favorável neste cenário de “sociabilidade moderna” dos “anos dourados”, mas, de outro, não se pode ofuscar os méritos pessoais de cada um deles, pois foram importantes pelas suas ações de valorização do espaço público e defesa de sua ampliação.

## **2 – A significação intelectual e cultural da Faculdade.**

“Assis para mim foi fundamental. Lá comecei a ensinar literatura e fazer análise sistemática. Estudei, aprendi, trabalhei muito, reuni material e voltei a São Paulo no começo de 1961 para inaugurar uma disciplina recém-criada, teoria geral da literatura, que por proposta minha passou a se chamar teoria literária e literatura comparada. Esta é a história da minha passagem [da Sociologia para a Literatura] do ponto de vista institucional.” (Candido, 1998, pp. 595-596)

### **2. 1 – O Corpo Docente e a organização do Curso de Letras.**

O objetivo comum que direcionou os trabalhos do Curso de Letras da FFCL de Assis foi estritamente voltado para a Literatura, pois a ideia latente na formação de cada professor que integrou o primeiro corpo docente era exatamente relacionar todos os dados culturais possíveis com o estudo desta.

De fato, o diretor Amora teve como principal critério na seleção dos docentes a produção intelectual e a experiência editorial de alguns, conforme foi visto no primeiro capítulo. Ele próprio foi um eminente estudioso das Línguas e Literaturas Portuguesa e Brasileira no Brasil. Antes de retornar a Portugal, após a missão no Brasil entre 1938 e

1951, o grande crítico português, Fidelino de Figueiredo, nomeou Soares Amora como seu sucessor a altura. (Neves, 1997, p. 278) Isso indica que o diretor Amora tinha pleno conhecimento do que se faria no Curso de Letras de Assis.

O papel dos primeiros professores foi fundamental na organização geral da FFCL e do curso, pois eles organizaram as bibliotecas – na fase inicial, ainda departamentais – e organizaram as listas dos livros. Obras raras e de qualidade foram conseguidas e são destaques na memória de alguns dos primeiros professores, que evocam determinados títulos e apontam a importância de tais bibliotecas.<sup>50</sup> Parte dos primeiros acervos departamentais encontra-se atualmente no “Instituto de Estudos Vernáculos ‘Antônio Soares Amora’” (IEVASA), anexo da Biblioteca “Acácio J. Santa Rosa” no Campus da Unesp de Assis, onde também são encontradas as teses e bibliografias dos docentes da primeira equipe.

Soares Amora foi importantíssimo em todos os trabalhos, pois tinha “um alto senso de organização”, segundo o testemunho de seu colega Antônio L. de Almeida Prado, no qual ele afirma que o diretor dizia ao 1º Corpo Docente: “Vocês quebrem a cabeça, os galhos administrativos quebro eu!”<sup>51</sup> A experiência administrativa da organização e instalação da FFCL de Assis foi muito bem sucedida, por isso serviu de parâmetro para a instalação de outras faculdades. O ex-secretário, Divo Vara, conta em depoimento que ele, o diretor Amora e o funcionário Roberto Lutti participaram da

---

<sup>50</sup> Destacam-se os depoimentos de três ex-professores: CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]; op. cit; PRADO, A. L. de A. Antônio Lázaro de Almeida Prado: depoimento [set. 2000]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit. & MOREJÓN, J. G. G. Júlio G. Garcia Morejón: depoimento [nov. 2000]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

<sup>51</sup> PRADO, A. L. de A. Antônio Lázaro de Almeida Prado: depoimento [set. 2000]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

instalação das FFCL de Presidente Prudente e Marília, não executando, mas prestando assessoria.<sup>52</sup> (Foto 8)

Nesse processo, é necessário salientar a criação e a organização dos departamentos, que apresentava a seguinte composição:

Letras Vernáculas (com os Profs. Antonio Candido, Naief Safady e Rolando Morel Pinto), Letras Clássicas (com os Profs. José A. Benton e Joseph J. Van Den Besselaar), Letras Anglo-Germânicas (com os Profs. Cassiano N. Botica, Erwin T. Rosenthal e Stanley Robinson de Cerqueira), Letras Românicas (com os Profs. Júlio G. Morejón, José F. Carrato, Antônio L. de A. Prado e Vítor Ramos) e o orientador educacional dos alunos, Prof. W.S. Jonas Speyer, responsável por uma cadeira que mais tarde se tornaria o Departamento de Didática. (*A Gazeta de Assis* de 29/11/1958 e Fotos 9, 10, 11, 12)

Embora o espírito da departamentalização começasse a aparecer na legislação universitária da época, mesmo que sem obrigatoriedade, o sistema vigente no período ainda era o de cátedras. O diretor Amora implantou o sistema de departamentos na FFCL de Assis com o objetivo de racionalizar apropriadamente o trabalho de ensino e pesquisa, conforme atestam suas palavras relativas ao assunto:

Embora o vínculo empregatício fosse em termos catedráticos, isto é, o sistema do estado era o sistema de carreira de ensino, com um ponto final na cátedra, sistema catedrático, nós implantamos em Assis o sistema departamental. Mas o sistema departamental caracterizou-se inicialmente por não ser apenas um sistema corporativo, não era uma

---

<sup>52</sup> VARA, D. Divo Vara: depoimento [dez. 1991]. Entrevistadora: Tânia Regina de Luca. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

corporação de trabalho, mas era um sistema departamental no sentido de encontrar uma plataforma de essencialidades em termos de programa de ensino.<sup>53</sup>

Na fala do diretor percebe-se sua intransigência em relação ao ensino, porque, para ele, o departamento era importante para organizar os programas, bem como para acompanhar o desenvolvimento destes. Estas informações são confirmadas no depoimento do professor Antonio Candido, que inclusive aponta a FFCL de Assis como precursora na departamentalização. Veja:

Assis estava entre as primeiras que promoveram a transição das cátedras para os departamentos. Naquele tempo em Letras não havia. Aqui em São Paulo, se eu não me engano, quando tinha começado o espírito de departamentalização, havia um Departamento de Letras, enorme, enquanto que em Assis foram feitos quatro Departamentos. Assis sob esse ponto de vista foi precursor, pois fez uma especialização dos departamentos. Em São Paulo havia somente um Departamento de Letras, só. (...) E eu não creio que o objetivo da departamentalização fosse para politizar (democratizar), foi mais para especializar e racionalizar o trabalho.<sup>54</sup>

Em menor intensidade, tal processo também ocorreu em outras FFCL do interior, como a de São José do Rio Preto. (Tanuri, 2001, p. 221) Segundo o professor Dr. Álvaro Lorencini, que atuou na FFCL de Assis a partir de 1960, em depoimento concedido no *Ciclo de Palestras em Homenagem ao Mestre: Antônio Soares Amora (1999)*<sup>55</sup> afirma que

---

<sup>53</sup> AMORA, A. A. S. Antônio Augusto Soares Amora: depoimento [jan. 1992]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

<sup>54</sup> CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]; op. cit.

<sup>55</sup> Promovido pelo IEVASA, realizado na FCL de Assis nos dias 16 e 17 de agosto de 1999, por ocasião do falecimento de Antônio Soares Amora, aos 81 anos, em 18/01/1999.

“a faculdade assisense foi a pioneira no Brasil a instituir esta divisão em departamentos, até então o sistema era o de Cátedras e Cadeiras.”

Além da ideia de racionalizar os trabalhos voltados para o ensino e a pesquisa, os departamentos também foram pensados dentro de uma perspectiva democrática surgida na universidade de então. É importante colocar que a concepção desse sistema, também implantado em 1962 na Universidade de Brasília (UnB), apresentou modificações no decorrer do tempo, como relembra Chauí (2001, p. 48):

Uma primeira modificação importante foi a departamentalização. No antigo projeto da Universidade de Brasília, concebido por Darcy Ribeiro, a departamentalização tinha por finalidade democratizar a universidade, eliminando o poder das cátedras e transferindo para o corpo docente às decisões. Na Reforma [de 1968], departamentalização significou outra coisa. Consistiu em reunir num mesmo departamento todas as disciplinas afins, de modo a oferecer cursos num mesmo espaço (uma única sala de aula), com menor gasto material (desde o giz e apagador até mesas e cadeiras) e sem aumentar o número de professores (um mesmo professor devendo ministrar um mesmo curso para maior número de alunos). Além de diminuir gastos a departamentalização facilita o controle administrativo e ideológico de professores e alunos.

Assim, com o tempo, a prática do sistema de departamentos enveredou por outros caminhos, tornando-se parte da burocratização voltada para o controle técnico e administrativo bem como adepta do corporativismo, presente em certa medida nas relações universitárias atuais. Portanto, percebe-se que aquilo que outrora visava benefícios hoje apresenta aspectos negativos, principalmente para o ensino e para a pesquisa.

No entanto, o clima democrático característico da época foi marcante na FFCL de Assis com a representatividade discente e de funcionários nos órgãos deliberativos, caracterizando-se como algo inovador, sendo também uma situação proporcionada pelo sistema de departamentalização.<sup>56</sup>

O regime de tempo integral foi outro aspecto pioneiro ressaltado por Alceu Amoroso Lima, grande nome da intelectualidade brasileira da época. (*Jornal de Assis* de 18/03/1961, no artigo intitulado “O Elogio do Tempo Integral”). O regime de tempo integral de 8 horas diárias, lembrado na maioria dos depoimentos orais utilizados, foi oportuno para a profícua relação entre docentes e discentes, pois poderiam aprofundar melhor os estudos. O cotidiano da prática educativa em tempo integral pode ser observado por meio da memória de Antonio Candido, cuja satisfação é perceptível ao lembrar o cotidiano dos trabalhos na FFCL:

O professor Amora fazia questão absoluta do tempo integral burocrático, não do tempo integral regime. Nós entrávamos às oito da manhã, saíamos ao meio dia, entrávamos às duas da tarde e saíamos às seis. E na parte da manhã havia apenas estudos dos professores, todos cuidavam dos seus trabalhos. Eu propus então que nós estabelecêssemos o ‘Pacto do Silêncio’, isto era uma coisa oficial e essa minha expressão pegou. A ideia era conversar o menos possível um com o outro e trabalhar, produzir. O resultado de nós passarmos quatro horas toda a manhã, lendo, tomando nota, preparando aula, escrevendo, era um rendimento extraordinário. Quatro horas por dia, no fim do ano é uma coisa fantástica! (...) Lá nós éramos como alunos de colégio interno, eram quatro horas de estudo. Depois a tarde a gente dava as aulas e atendia os alunos. (...) O ambiente era muito agradável. A Faculdade começou no colégio das freiras e o professor Amora se preocupou muito com a decoração do prédio e fez uma instalação esteticamente muito agradável,

---

<sup>56</sup> VARA, D. Divo Vara: depoimento [dez. 1991]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

cores agradáveis, dísticos agradáveis, iluminação suave, bons móveis e umas cadeiras muito refinadas que se faziam em São Paulo naquele tempo. Os professores se agrupavam em três por sala e no fundo tinha uma mesa grande, um sofá e essas cadeiras. Então às dez horas passava um café, a gente conversava um pouquinho, era muito agradável o ambiente de trabalho.<sup>57</sup>

Outros depoimentos de professores apresentam o mesmo sentimento e confirmam a produtividade intelectual proporcionada pelo tempo integral, como é o caso do professor Antônio Lázaro de A. Prado, apontando que “daquela rápida conversa no café da manhã saíram muitas teses e ideias de pesquisas.”<sup>58</sup>

A possibilidade de cumprir com sucesso o tempo integral deveu-se também à disponibilidade de tempo dos alunos, pois, como convém lembrar, os primeiros estudantes (que foram poucos) eram em grande número professores comissionados, ou seja, professores primários que tinham acordos com suas instituições de ensino e, portanto, eram pagos para frequentar a faculdade.

Com a dedicação integral dos alunos, a atividade de pesquisa na FFCL ocorreu e os objetivos do diretor Amora de promover um ensino universitário renovador foram atingidos. Contudo, logo no início, surgiram as primeiras críticas da sociedade local ao regime de tempo integral, apontando que os alunos de baixa renda não teriam como trabalhar, o que prejudicaria o desenvolvimento dos estudos. A primeira solução para este problema, embora paliativa, foi a iniciativa de alocar, junto às entidades locais, bolsas de estudo para os estudantes pobres. (*Jornal de Assis* de 25/02/1961, no artigo “Bolsa de Estudos para Estudantes Pobres”, assinada por José de Assis)

---

<sup>57</sup> CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]; op. cit.

<sup>58</sup> PRADO, A. L. de A. Antônio Lázaro de Almeida Prado: depoimento [set. 2000]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

Outro problema do regime de dedicação exclusiva surgiu com a entrada dos alunos de cidades próximas à Assis, que vinham de ônibus diariamente e não podiam ficar o dia todo na Faculdade. Este último problema é apontado no depoimento do ex-aluno Antônio Dimas de Moraes, da terceira turma de Letras, contando que o tempo integral começou a se extinguir no ano de 1963.<sup>59</sup>

O período do tempo integral, todavia, mostrou-se produtivo, constatação que pode ser fundamentada na série de publicações promovida pela faculdade e comentada por Antonio Candido no capítulo anterior. Na última página dos *Anais do Segundo Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária (1961)*. – FFCL de Assis/SP, 1963; encontramos a descrição das publicações da série, com os trabalhos de professores e alunos até o ano de 1962. (Nites Féres e Horácio Tucunduva Jr. eram alunos) Observe:

*PUBLICAÇÕES DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS*

*Publicação Periódica*

**Revista de Letras:** v. 1, Assis, 1960; v. 2, Assis, 1961; v. 3, Assis, 1962; v. 4 (no prelo).

*Coleção de Estudos e Ensaio*

JOSÉ VAN DEN BESSELAAR, **O Progressismo de Sêneca**. Assis, 1960.

W. S. JONAS SPAYER, **Problemas da Formação Humana**. Assis, 1960.

NAIEF SÁFADY, **Folhas Caídas – A Crítica e a Poesia**. Assis, 1960.

ERWIN T. ROSENTHAL, **O Trágico na Obra de Büchner**. Assis, 1961.

JÚLIO GARCÍA MOREJÓN, **Límites de la Estilística**. Assis, 1961.

NAIEF SÁFADY, **O Sentido Humano do Lirismo de João de Deus**. Assis, 1961.

ROLANDO M. PINTO, **Graciliano Ramos – Autor e Ator**. Assis, 1962.

---

<sup>59</sup> MORAES, A. D. de. Antônio Dimas de Moares: depoimento [nov. 1991]. Entrevistadora: Marlene A. de Souza Gasque. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

*Coleção de Textos Escolares*

**Antero de Quental**, por NITES FÉRES. Assis, 1961.

**Camões**, por HORÁCIO TUCUNDUVA JR. Assis, 1963.

Tais obras constituem significativa contribuição da Faculdade de Assis para o ambiente acadêmico das Letras no Brasil. Sabemos também que a publicação da série continuou até o final da década de 1960. O resultado das pesquisas dos professores era publicado na “Coleção Estudos e Ensaios” e direcionada para os cursos superiores de letras, já as pesquisas dos alunos eram publicadas nos manuais da “Coleção Textos Escolares” e tinham como alvo os professores secundários. Os depoimentos de ex-alunos e ex-professores confirmam que havia um grande rigor no que se referia aos estudos. A *Revista de Letras da FFCL de Assis* demonstrou a seriedade dos estudos literários, sendo a contribuição mais importante no meio editorial acadêmico de então.

Em tal revista, surgida em 1960 com o intuito de divulgar a produção intelectual da Faculdade, publicavam os docentes da FFCL e outros nomes relevantes para as Letras do país, como os críticos literários Fidelino de Figueiredo, Adolfo Casais Monteiro, Alceu Amoroso Lima, dentre outros. Era permitido publicar em até cinco idiomas além do Português, que eram: Espanhol, Italiano, Inglês, Alemão e Francês. O crítico Lívio Xavier, em sua coluna Revista das Revistas, do Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, escreveu um positivo artigo intitulado “A Revista de Letras de Assis (nº 1)”. (*O Estado de S. Paulo* de 12/11/1960, Suplemento Literário) Segundo o depoimento de José Santilli Sobrinho e de sua esposa Maria Aparecida de C. B. Santilli, eles fizeram uma viagem a Portugal naquela época e perceberam que os universitários portugueses conheciam a *Revista de Letras da FFCL de Assis*, o que prova o reconhecimento internacional que ela obteve.

Constatou-se que essa revista publicou 19 volumes até o ano de 1977, mas, a partir de 1976, com a criação da UNESP, a nova Universidade decidiu centralizar todos os periódicos editados por seus vários institutos, unificando-os sob a forma de séries correspondentes às diversas áreas de conhecimento. Ela deixou de ser publicada nos anos de 1978 e 1979, porém, com o volume 20 de 1980, a *Revista de Letras* passou a constituir a “Série Literatura” dos periódicos da UNESP, que se mantém até hoje.

Entre os primeiros professores, muitos desenvolveram suas pesquisas de doutoramento e livre-docência em Assis, graças ao tempo integral. Entre essas teses desenvolvidas em Assis, para citar apenas duas, há o doutoramento de Antônio Lázaro de Almeida Prado, *O Acordo Impossível* – uma análise da forma interna e da forma externa na obra do escritor neorrealista italiano Césare Pavese –, e o doutoramento de Júlio G. Morejón, *Unamuno y Portugal*, sobre o escritor espanhol Miguel de Unamuno.<sup>60</sup> Sobre esta pesquisa, o Prof. Morejón recorda-se em testemunho oral:

Eu vi que havia um tema importante a ser estudado, que eram as relações culturais entre a Espanha e Portugal, mais concretamente a influência da cultura portuguesa na obra de Miguel de Unamuno. Falei para o professor Amora que eu deveria trilhar esse caminho e ele concordou. Daí resultou minha tese de doutoramento *Unamuno y Portugal*, que defendi com muito sucesso na Universidade de São Paulo, no primeiro semestre de 1960. Com esse sucesso a tese foi imediatamente publicada na Espanha em comemoração ao Centenário de Unamuno, em primeira edição no Instituto de Letras Hispânicas. Depois foi publicada pela grande Editorial Gredos, de Madrid, em 1971 e tive a honra de ser

---

<sup>60</sup> PRADO, A. L. de A. Antônio Lázaro de Almeida Prado: depoimento [set. 2000]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit. & MOREJÓN, J. G. G. Júlio G. Garcia Morejón: depoimento [nov. 2000]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

prefaciado pelo grande mestre Dámaso Alonso. São duas edições que tiveram sucesso e estão esgotadas completamente.<sup>61</sup>

À medida que foram concluindo seus títulos, a maioria desses professores foi saindo da Faculdade e indo principalmente para a FFCL da USP. Com isso, uma segunda turma de docentes começou a chegar em Assis, a partir de 1961, entre os quais destaca-se o Prof. Ênio Fonda, de Latim; o Prof. Jesus Belo Galvão, de Língua Portuguesa; e o Prof. Ricardo Navas Ruiz de Espanhol. O que se percebe no final do ano de 1963 é que, com o tempo, o corpo docente foi sendo ampliado e modificado, integrando os professores de Letras e História, no qual vemos outros nomes: Prof<sup>a</sup>. Livia Ferreira dos Santos (que substituiu o Prof. Speyer), Prof. Carlos de Assis Pereira, Prof. Fernando Manuel de Mendonça, Prof<sup>a</sup>. Aniceta Mendonça, Prof. João de Almeida, Prof. José Carlos Garbuglio, Prof. Álvaro Lorencini, Prof. Mário Marscherpe, Prof. Virgílio Noya Pinto e Prof<sup>a</sup>. Leila Novaes. (*A Gazeta de Assis* de 12/03/1961, *Jornal de Assis* de 25/02/1961 e Ata da Reunião da Congregação de 07/10/1963, no 2º Livro de Atas de Reuniões dos Professores da FFCL de Assis, fl. 12) Embora esses novos professores estivessem dando continuidade aos trabalhos, inclusive juntamente com o diretor Amora, a permanência e atuação deles na FFCL de Assis caracterizam outra fase da história da instituição que não trataremos aqui.

O último professor da primeira equipe a ser contratado foi Jorge Cândido de Sena, em 1960, para lecionar as disciplinas de Teoria da Literatura e Introdução aos Estudos Literários. Jorge de Sena (1919-1978) – poeta, jornalista, escritor, tradutor, crítico literário e professor – frequentou a Faculdade de Engenharia do Porto, cuja função exerceu por breve tempo na área de rodovias. Sempre identificado com as Letras

---

<sup>61</sup> MOREJÓN, J. G. G. Júlio G. Garcia Morejón: depoimento [nov. 2000]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

portuguesas, escreveu poesias e ensaios. Em agosto de 1959, foi convidado a participar do 4º Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros ocorrido em Salvador/BA, ocasião que serviu de pretexto para se exilar no Brasil com sua família.

Além de ter sido um intelectual de erudição reconhecido pelos colegas, Jorge de Sena foi militante antissalazarista e exerceu essa posição também no Brasil, que o acolheu até 1965, como professor da Faculdade de Assis e de Araraquara, onde fez o doutoramento e a livre-docência e recebeu a mais alta menção. Em 1965, a convite de acadêmicos, mudou-se com a família para os Estados Unidos para lecionar nas universidades daquele país, onde permaneceu até a morte em 1978. (Santos, 1997, pp. 229-238)

Com enorme capacidade de leitura e memória, Jorge de Sena apresentava uma formação “diferente da maioria da geração daquela época, pois enquanto os círculos de Portugal e Brasil eram de inclinação francesa, ele era de uma orientação mais inglesa.” (Candido, 2004, p. 81) Por isso e pela vasta obra que produziu, o nome Jorge de Sena merece destaque. Associe-se a isso, a organização do 2º Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, realizado em Assis, em 1961, e sua postura política e intelectual marcante entre os demais professores. Sobre ele, o professor Morejón, seu colega na FFCL de Assis, relembra:

O Jorge de Sena veio depois, para enriquecer e fortalecer a equipe do Departamento de Estudos Vernáculos. Foi uma grande presença em Assis, o professor Sena. O poeta e escritor Jorge de Sena. Admirado por todos nós, uma cultura invejável, um poeta de primeira categoria. O Amora ia recolhendo o que de melhor se encontrava, por isso que o alicerce da Faculdade de Assis foi surpreendente.<sup>62</sup>

---

<sup>62</sup> MOREJÓN, J. G. G. Júlio G. Garcia Morejón: depoimento [nov. 2000]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

No aspecto político, os professores da FFCL de Assis tiveram uma pequena atuação. Era reconhecida a posição de esquerda do professor Antonio Candido, de Jorge de Sena e Vítor Ramos (1920-1974). Esse último, também exilado do salazarismo, era interessado em história, engajado no clandestino Partido Comunista Português e empenhado numa missão de integração cultural entre Brasil, Portugal e França.

Alguns depoimentos apontam que os professores citados anteriormente não escondiam sua posição, mas dentro da Faculdade e durante as aulas não havia manifestação nem proselitismo. Vítor Ramos e Jorge de Sena eram ligados à oposição salazarista no Brasil, por meio do grupo de exilados do jornal *Portugal Democrático*, sediado em São Paulo. Como ambos eram colaboradores do jornal, este circulou esporadicamente na FFCL de Assis. O professor Antonio Candido, lembrando-se deste grupo de oposição portuguesa, comenta:

Havia um grupo de oposição em São Paulo, que tanto a parte que eu conheci era reunida em torno de um homem, o Comandante João Sarmento Pimentel. Ele era um Oficial Português que saiu de Portugal quando Salazar foi ao poder. E viveu sempre no Brasil, morreu aqui com mais de 90 anos. O Comandante Sarmento Pimentel foi na inauguração da Faculdade de Assis. Ele era muito amigo do Amora, através do Prof. Fidelino Figueiredo, que era sogro do Amora. Em torno desse homem organizaram-se várias facções de oposição, inclusive os comunistas, e o Vítor Ramos era do grupo comunista. Então esse grupo, liberais, socialistas, comunistas, tinham um jornal chamado *Portugal Democrático*, no qual colaboravam o Casais Monteiro, o Jorge de Sena, o Vítor Ramos. Era um jornal pequeno, às vezes de oito páginas, mas muito vigoroso contra o salazarismo. Além do jornal, eles faziam todo ano, no dia 05 de outubro, uma comemoração. Porque 05 de outubro é a Proclamação da República Portuguesa de 1910.

Então o grande sinal de vida da oposição portuguesa, eram os jantares de 05 de outubro. E nos jantares havia sempre um orador brasileiro e teve um ano que eu fiz um discurso. Fizeram também o Florestan Fernandes, o Ruy Coelho e o Paulo Duarte, esses eu me lembro.<sup>63</sup>

A oposição ao salazarismo faz parte da história da FFCL de Assis, onde os professores exilados sempre manifestaram sua opinião. Nos debates do 2º Congresso de Crítica Literária de 1961 também houve menções ao fato da ditadura portuguesa prejudicar o intercâmbio dos estudiosos luso-brasileiros.

Outra demonstração da participação política e da sintonia dos professores de Assis com os movimentos da época é um “Manifesto em Favor da Escola Pública”, publicado numa edição do jornal *O Estado de S. Paulo*, de 01/04/1960, por iniciativa dos professores da FFCL de Assis. Um dos expoentes intelectuais dessa campanha foi o sociólogo Florestan Fernandes, presente na FFCL de Assis nesse período para apresentar uma palestra sobre o assunto.

No início da década de 1960, é perceptível em todos os jornais uma forte preocupação educacional, constatada pelas notas que promoviam campanhas contra o analfabetismo. Essas iniciativas, compartilhadas por outros movimentos como os CPCs (Centros Populares de Cultura) e a JUC (Juventude Universitária Católica), foram marcantes na medida em que promoveram uma aproximação popular. Este momento, também classificado como “nacional-popular” presidiu a “maneira como os intelectuais interpretavam o seu movimento à luz de uma concepção de historicidade que articulava o nacional, as classes e o desenvolvimento das forças produtivas.” (Pecault, 1990, p. 185) Merece destaque também o educador Paulo Freire que, em 1959, lançou sua obra

---

<sup>63</sup> CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]; op. cit. Cf. também Candido, 2004, pp. 73-84.

*Educação e Atualidade Brasileira*, o primeiro de seus textos em que há um entendimento da educação como prática política. (Fonseca, 2001)

As fontes sugerem que embora ocorressem alguns conflitos, como o desentendimento entre os professores Stanley R. de Cerqueira e José Antônio Benton, de um modo geral, o convívio entre os professores foi bom. Tal desentendimento é suscitado numa ata de reunião dos professores, na qual se “processaram calorosos debates”. (Ata da Reunião dos Professores de 28/06/1960, no 2º Livro de Atas de Reuniões dos Professores da FFCL de Assis, fls. 1 e 2).<sup>64</sup> Um fator que favoreceu a contenda foi a ausência do diretor Amora nos primeiros anos, fato observado no depoimento de Antonio Candido ao mencionar outros aspectos negativos do convívio inicial:

Teve aspectos muito negativos. A primeira coisa ruim que houve, foi que o professor Amora ia muito pouco a Assis. Isso foi muito ruim. O Amora era um homem muito bom, um intelectual de muita categoria, com grande ascendente moral sobre seus colegas, sobretudo por causa de suas qualidades humanas e seu senso de justiça. Porém, o professor Amora ia lá de 15 em 15 dias, às vezes passava um mês sem ir. O Amora fez muita falta. Numa Faculdade em organização, a presença de uma liderança importante como a do Amora era fundamental. A ausência do Amora causou muito prejuízo para a Faculdade. Isso foi, a meu ver, um fator de desarmonia. Plano muito bem feito, tudo racionalizado, mas faltava a pessoa. O Amora cuidava aqui em São Paulo do Instituto de Estudos Portugueses, ele tinha também a faculdade (FFCL/USP), além de outros compromissos e Assis é muito longe. (...) A segunda coisa ruim foi que havia uma diferença de mentalidade muito grande entre os professores que estavam lá. Porque havia dois professores idosos, que eram os dois alemães, o Prof. Benton e o Prof. Speyer, e havia professores mais moços e havia uns bem moços, que estavam começando a carreira.

---

<sup>64</sup> PRADO, A. L. de A. Antônio Lázaro de Almeida Prado: depoimento [set. 2000]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit. & CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]; op. cit.

O professor Amora pegou alguns professores do curso secundário e levou para o ensino superior, com muito senso de seleção. Mas era uma diferença de mentalidade muito grande. E aquele grupo de professores, fechado oito horas por dia num mesmo lugar, acabou por originar muitas incompatibilidades, intolerâncias e conflitos, o que se configurou em coisas muito desagradáveis. (...) A meu ver essa ausência foi um dos erros do professor Amora. Uma parte desse erro pode também ser creditada a nós. Porque nós também não tivemos tolerância uns com os outros frequentemente. Não tivemos um senso de harmonia, com isso houve aspectos muito desagradáveis. Eu por exemplo passei um primeiro ano em Assis admiravelmente bem, o segundo já passei muito amargurado. Amarguras de caráter pessoal, não institucional.<sup>65</sup>

Nas palavras de Candido nota-se o descontentamento dos professores com esses conflitos. Este e outros fatores, como o isolamento da cidade de Assis, foram os motivos alegados pelos primeiros professores para suas saídas. Na ausência do diretor Amora, a FFCL ficava sob a responsabilidade do secretário Divo Vara e de outros professores que o auxiliavam, como José F. Carrato e Almeida Prado que, em 1963, foi nomeado assistente de diretor. No depoimento oral do antigo político local, Abílio N. Duarte, este aponta as ausências do professor Amora como um fator prejudicial no processo de integração entre a sociedade assisense e a faculdade.<sup>66</sup>

Quanto aos aspectos positivos da FFCL, são mencionadas as inovações curriculares experimentadas em Assis, evidenciadas, principalmente, por duas novas disciplinas no ensino superior de Letras: Introdução aos Estudos Linguísticos e Introdução aos Estudos Literários. Teresa Pires Vara, aluna da primeira turma, aponta que:

---

<sup>65</sup> CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]; op. cit.

<sup>66</sup> DUARTE, A. N. Abílio Nogueira Duarte: depoimento [fev. 1993] – CEDEM/UNESP-SP, op. cit.

A grande inovação foi a criação de duas disciplinas básicas, no primeiro ano, Introdução aos Estudos Literários e Introdução aos Estudos Linguísticos, que faziam parte do Departamento de Vernáculos e funcionavam como curso propedêutico ao ensino de Língua e Literatura; mas a grande revolução no ensino viria, de fato, com a criação da disciplina Introdução aos Estudos Literários, dada pelo professor Antonio Candido que abriu novos rumos para o desenvolvimento dos estudos literários centrado no estudo das obras e dos autores, acentuando o primado do texto e a rigorosa objetividade da crítica. (Vara, 2001, p. 109)

Aluna e também esposa do primeiro funcionário Divo Vara, Teresa, que passou a integrar o corpo docente da FFCL de Assis, em 1964, relata sua experiência ao lado do professor Antonio Candido, quando fez um curso, no qual, ambos analisaram o romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida. Nas suas palavras confessa: “Digo apenas que vivi raros momentos de inigualável parceria, como se fizéssemos uma leitura a quatro mãos que me davam a ilusão de ter formulado junto com ele (salvo engano), os pressupostos da *Dialética da Malandragem*”. (Idem, p. 115)

O ensaio *Dialética da Malandragem* (Candido, 1970) correspondeu ao amadurecimento de suas ideias sobre a análise estrutural da obra literária. Um elemento que favoreceu tal fundamentação teórica, segundo o próprio Antonio Candido, foi a sua experiência na FFCL de Assis. Observe seu relato:

Nesse período eu estava simplesmente desenvolvendo a arte de ser professor de Literatura. Ali eu me dediquei, sobretudo, a me tornar um bom analista de textos. Eu preparei então uma série de textos de Literatura Brasileira, de prosa e de poesia analisados. Quando eu vim para São Paulo eu estava com um material de ensino pronto, foram mais de trinta textos, se eu não me engano, que eu preparei. Eu analisei com os

alunos de Assis dois romances brasileiros que depois eu retomei em São Paulo, foram *Memórias de Um Sargento de Milícias* de Manuel Antonio de Almeida e *Senhora* de José de Alencar, sobre os quais eu escrevi depois. Isso eu preparei em Assis, de modo que para mim foi extremamente fecundo. A Faculdade de Assis foi muito importante para mim porque me deu um tirocínio, eu tive dois anos para aprender a ser um analista de textos literários.<sup>67</sup>

As afirmações do crítico vão ao encontro do testemunho de Teresa Vara, no que se refere à centralização do estudo no texto e à busca de uma objetividade crítica. Assim, parte das aulas preparadas e aplicadas em Assis, foi publicada no livro *Na sala de aula – Caderno de análise literária* (Candido, 2000) e outras formaram um *Curso de Crítica Textual* (Candido, 1959, mimeo), que por muito tempo foi utilizado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Sobre este último, o próprio autor afirma: “foi um curso de análise de texto que não era frequente se fazer no Brasil, também chamado de ecdótica, e tinha o objetivo de estudar a formação e as alterações do texto, ou seja, uma espécie de análise filológica do texto.” Ainda de acordo com Candido, o seu aluno Pedro Caruso, da 1ª turma da FFCL de Assis, tornou-se um especialista em ecdótica, por causa de suas aulas.<sup>68</sup>

Evidentemente, a importância do professor Antonio Candido para a FCL/Campus da UNESP-Assis/SP – lembrada enfaticamente nos depoimentos orais utilizados – vai muito além dos trabalhos citados; passando pela organização, preparação e confecção de parte do livro *O observador Literário* (FFCL de Assis/1959); pela constituição do curso de Letras; pela contribuição no 2º congresso de 1961; pela entrevista publicada na revista *Trans/Form/Ação*, em 1974, (Departamento de Filosofia da Faculdade de Assis); e

---

<sup>67</sup> CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]; op. cit.

<sup>68</sup> CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]; op. cit.

também pelo título de Professor Emérito, conferido em 1988, no evento comemorativo dos 30 anos de fundação da faculdade. Na obra *Brigada Ligeira e outros escritos*, da Editora Unesp, que reuniu os livros *Brigada Ligeira* (1945) e *O observador Literário* (1959), e ainda a entrevista de 1974 e o discurso de professor emérito da Faculdade de Assis (1988), o professor Antonio Candido expressa, no prefácio e no discurso, a sua enorme gratidão à FFCL de Assis, por esta ter sido uma experiência determinante em sua trajetória intelectual. (Candido, 1992, pp. 9-10 e 249-252)

Embora não tenham sido elaborados em Assis, os dois volumes da *Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos)*, foram lançados pela primeira vez em 1959, quando o professor Candido atuava na FFCL de Assis. Sobre sua obra clássica o crítico Roberto Schwarz afirma:

Os livros que se tornam clássicos de imediato, como foi o caso da *Formação da Literatura Brasileira*, publicada em 1959, às vezes pagam por isso, ficando sem o debate que lhes devia corresponder. Passados quarenta anos, a ideia central de Antonio Candido mal começou a ser discutida. (Schwarz, 1999, p. 46)

O período de surgimento da referida obra é significativo historicamente, pois o início da década de 1960 foi um “momento decisivo” para a cultura brasileira, pela publicação de obras que se preocupavam em compreender o aspecto social da formação da cultura brasileira, considerando o passado colonial e escravista e suas respectivas marcas. Experiências semelhantes foram os livros *Formação Econômica do Brasil* (1959), de Celso Furtado; *Os Donos do Poder – Formação do Patronato Político Brasileiro* (1958), de Raymundo Faoro; *Formação Histórica do Brasil* (1960), do historiador Nelson Werneck Sodré; e o surgimento da coleção coordenada por Florestan Fernandes, *Corpo e Alma do Brasil*, que publicou os livros de Emília Viotti da Costa,

Fernando Henrique Cardoso, Otávio Ianni, Gabriel Cohn e outros. Tais estudos e a perspectiva coletiva de uma mudança social configuraram “os anos 50 como um período de grande efervescência nos estudos sociais no país.” (Mota, 1977, p. 36)

Num estudo sobre a cultura intelectual brasileira entre os anos 1930 e 1970, Mota (1977 p. 19) pretende “apreender alguns momentos mais significativos em que a intelectualidade se debruçou sobre si para autoavaliação ou, ainda, sobre o objeto de seu labor para defini-lo, situando-o em relação ao contexto vivido.” O recorte 1957 e 1964 é classificado por ele como uma “Era de ampliação e revisão reformista” (Idem, pp. 36-43), na qual “os temas são diversos, mas procuram seus autores, em maior ou menor grau, as especificidades dos processos histórico-sociais na formação do Brasil contemporâneo, não descurando a problemática dos modos de produção, e procurando a historicidade dos fenômenos estudados.” (p. 41 idem, p. 41) Ainda de acordo com este autor, o caráter nacionalista das ideias desse período era levado a cabo principalmente pelo ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros).

Arantes (1994), nos ensaios sobre a Faculdade de Filosofia da USP, na Rua Maria Antônia, relata uma experiência vivida nos anos 1960 e, ao discutir o programa de filosofia da faculdade e os seus referenciais teóricos, critica a formação filosófica que se processava, ressaltando, porém, o fato de estar se formando um projeto de filosofia brasileira nesta faculdade. O autor afirma ainda que: “Variando a procedência do impulso mimético, ora metropolitana, ora local, de pastiche em pastiche era uma *linha evolutiva* que se esboçava.” (Idem, p. 18) Além de passar pela interpretação dos métodos de trabalho e análises da filosofia uspiana, buscando, sobretudo, uma “continuidade” do espírito crítico para fundamentar a “linha evolutiva” destes estudos, tais ensaios revelam a necessidade do diálogo da literatura e da crítica literária com os métodos de influência estrutural francesa do período.

As discussões acima, reflexos do significado intelectual da década de 1960, permitem afirmar que o Curso de Letras da Faculdade de Assis, voltado à pesquisa, especialmente na área de literatura<sup>69</sup>, ganha relevância no cenário de então, uma vez que era um lócus de formação de intelectuais com preocupações afins. Portanto, a FFCL de Assis orbitava ao redor do projeto cultural e intelectual em gestação no país.

O entrosamento da Faculdade de Assis com o meio intelectual brasileiro do período pode, ainda, ser constatado numa efetiva observação do Suplemento Literário e da Folha de Resenhas Bibliográficas do jornal *O Estado de S. Paulo*, em que é possível encontrar textos assinados por personalidades como Sérgio Milliet, Roberto Schwarz, Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado, Antonio Candido, Paulo Emílio Salles Gomes, Vítor Ramos, Jorge de Sena, Florestan Fernandes e Leônidas Hegenberg (do 1º Corpo Docente do Curso de História de Assis), dentre outros. Tal constatação indica a representatividade dessas pessoas, que de alguma forma tiveram contato com a Faculdade de Assis, sejam como participantes do 2º Congresso de Crítica de 1961, como docentes ou como visitantes esporádicos para apresentações e palestras. (*O Estado de S. Paulo* – Abril de 1960)

O aspecto qualitativo da FFCL de Assis foi o que a distinguiu entre as demais FFCL do interior paulista. Em abril de 1960, o jornal *O Estado de S. Paulo* traz na seção “Notas e Informações” um texto chamado “Abuso que tem de acabar” cujo teor critica o processo concebido pela Assembleia Legislativa de expansão do Ensino Superior por meio das FFCL paulistas, colocando que a maioria dos Institutos (Isolados) “eram incapazes de preencher o papel que lhes devia caber na sociedade paulista” e que a manutenção dos mesmos constituía um desperdício do dinheiro público. Entretanto, ao

---

<sup>69</sup> Segundo o depoimento do Prof. Dr. Antônio Lázaro de Almeida Prado, no “Ciclo de Palestras em Homenagem ao Mestre Antônio Soares Amora”, promovido pelo IEVASA nos dias 16 e 17 de agosto de 1999, a proposta do diretor Amora e do corpo docente nos trabalhos era “a inovação dos estudos de literatura.”

final do texto, há o destaque para a única FFCL de qualidade, a de Assis. Segundo o documento:

De todas as faculdades citadas – e a elas se deve acrescentar a de São José do Rio Preto, fundada em 1957 – apenas a de Assis, pelos métodos nela aplicados e pela categoria do seu corpo docente, representa uma experiência digna de ser tomada em consideração. As demais só contribuem para a dilapidação dos cofres públicos, para manobras eleitoreiras e para o desprestígio da cultura paulista. (*O Estado de S. Paulo* de 07/11/1960)

Entretanto, antes de declarar a supremacia da FFCL de Assis em relação às outras da época – embora apresentasse qualidades para isso – e baseados no tom excessivamente áspero do fragmento sobre as demais faculdades do interior, cabe questionar: primeiro, qual era a relação entre os responsáveis pelo jornal e os políticos das regiões que abrigavam as demais FFCL, e segundo, qual eram as relações com o corpo docente e diretores dessas faculdades. Provavelmente outros fatores foram importantes na formulação dessas críticas, como o fato de muitos professores da USP contrários à expansão estarem ligados a este jornal.

Por outro lado, a exaltação do jornal, acompanhada pela sociedade assisense, foi positiva para a FFCL de Assis, sobretudo para que se pudesse dar boa continuidade aos trabalhos e relações com a comunidade local. Porém, as críticas locais foram inevitáveis e, logo no início de 1960, após a seleção do vestibular da segunda turma de Letras, a opinião pública de Assis teceu opiniões pouco favoráveis, cobrando das autoridades da instituição o aumento do número de vagas, sob a alegação de que a seleção do início de 1960 preenchia apenas 19, isto é, somente duas vagas a mais que 1959. Essa manifestação através dos jornais locais continuou a cobrar o aumento de vagas para os próximos anos. (*A Gazeta de Assis* de 03/03/1960) O estranhamento e as críticas eram previstas, mesmo

que anteriormente tenha havido uma campanha promovida pela comunidade com o intuito de arrecadar fundos para as despesas referentes à instalação da faculdade. Segundo o depoimento de Soares Amora:

Aconteceu, no entanto, o que era previsível, as pessoas naturalmente não estavam bem informadas, não sabiam exatamente o que é que se ia fazer. Para alguns era “somente uma faculdade”. Na proporção em que se foi se explicando o que se ia fazer, foram surgindo, senão algumas divergências, algumas expectativas frustradas, quanto à possibilidade, talvez de alguma posição do corpo docente ou da direção. Todas as terras têm os seus pré-homens, suas pessoas proeminentes. Então foi preciso conduzir este esclarecimento, vamos dizer, conduzir essa política de acomodação entre a realidade e a expectativa com muita arte, com muito cuidado.<sup>70</sup>

Observa-se acima que a comunidade local ficou confusa, pois quase ninguém na cidade entendia o que era uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) e os métodos nela aplicados. Este fato mostra a dificuldade e a maneira dura como esse projeto da faculdade foi colocado em prática, principalmente em locais pequenos e isolados dos grandes centros, como Assis, que acompanhava as mudanças de meados do século XX da mesma forma que a maior parte do mundo, quando,

(...) para a maior parte do globo as mudanças foram igualmente súbitas e sísmicas. Para 80% da humanidade, a Idade Média acabou de repente em meados da década de 1950; ou talvez melhor, sentiu-se que ela acabou na década de 1960. Em muitos aspectos, os que viveram de fato essas transformações na hora não captaram toda a sua extensão, pois as experimentaram paulatinamente, ou como mudanças na vida dos indivíduos que, por mais

---

<sup>70</sup> AMORA, A. A. S. Antônio Augusto Soares Amora: depoimento [jan. 1992]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

dramáticas que sejam não são concebidas como revoluções permanentes. (Hobsbawm, 1995, p. 283)

Evidentemente, o desconhecimento dos munícipes em relação ao trabalho intelectual desenvolvido na faculdade gerou, além das críticas apresentadas, uma falha no entrosamento entre as partes, prejudicando, desse modo, o andamento das tarefas.

Exatamente no momento das primeiras críticas do jornal *A Gazeta de Assis*, o professor Antonio Candido e o diretor Amora, em entrevistas concedidas ao *Jornal de Assis*, em 1960, fizeram a seguinte advertência sobre o problema: “para que haja um bom desenvolvimento e repercussão da faculdade assisense, é necessário um bom entrosamento com a comunidade, isto é, um apoio integral da comunidade local junto à Faculdade.” (*Jornal de Assis* de 12/03/1960, entrevista com Antonio Candido; e *Jornal de Assis* de 02/04/1960, a entrevista com Soares Amora) Observa-se aqui, mais uma vez, que a oposição política entre os jornais *A Gazeta de Assis* (adhemarista) critica a FFCL, enquanto que o *Jornal de Assis* (janista) proporciona espaço e apoio à instituição.

## **2. 2 – O Corpo Discente.**

Em 1959, começou o primeiro ano letivo da FFCL de Assis, com 17 alunos matriculados, selecionados entre os 213 que se inscreveram no curso preparatório e prestaram o vestibular, no qual o candidato fazia quatro provas: de Português, Francês, Latim e Inglês.

A primeira turma de Letras Clássicas era composta por: Iraci Corrêa de Oliveira e Pedro Mercadante Leite do Canto, em Letras Neo-Latinas: Clarisse Santilli, Dagmar dos Santos, Maria da Conceição Castro Souza, Maria Helena Soares Pires, Maria Lúcia Soares Pires, Stella Maris de Almeida Moraes e Tereza de Jesus Pires Vara, em Anglo-

Germânicas: Alúisia Hanisch, Horácio Tucunduva Júnior, Lídia Ilda Herzog, Maria Amélia Kobal, Mário Harada, Pedro Caruso, Wanda de Oliveira Roselli e Vilma Rodrigues.<sup>71</sup> (Foto 13) Dos quais, somente dois – Mário Harada e Pedro Caruzo – não concluíram o Curso de Letras no final de 1962, mas colaram grau em 1963 como os demais.

A maioria deles era oriunda de Assis e a média de idade quando ingressaram na faculdade era de aproximadamente 25 anos, boa parte tinha o magistério e lecionava em escolas da cidade e alguns poucos já possuíam um curso superior.

Ocorrida em fevereiro de 1963, a formatura da 1ª Turma – também chamada “Turma de 1962 – José Santilli Sobrinho” – foi a consolidação da FFCL e do processo de interiorização, assim como todas as outras formaturas das primeiras turmas das FFCL paulistas. No evento de Colação de Grau, o Prof. Dr. Antônio A. S. Amora (Paraninfo), o Governador do Estado, o Prof. Carlos Alberto A. de Carvalho Pinto e o deputado José Santilli Sobrinho foram homenageados de modo especial pela Comissão Pró-Instalação da Faculdade. O Baile de Gala dos formandos aconteceu no Salão do Clube Recreativo de Assis e foi abrilhantado pela orquestra de Dick Farney. (*A Gazeta de Assis* de 27/01/1963 e 02/02/1963).

Da primeira turma de Assis, Clarisse Santilli (irmã do então deputado José Santilli Sobrinho), Tereza Vara e Wanda de O. Roselli fizeram especialização no ano de 1963, obtendo, assim, a mesma formação que tinham alguns dos seus professores do 1º ano. Naquele tempo, essa especialização correspondia a um mestrado de hoje, podendo o especialista lecionar no ensino superior.

O que facilitou a continuidade dos estudos destas alunas e posteriormente de outros, mesmo num curso de licenciatura, foi a ideia da orientação dos alunos desde o 1º

---

<sup>71</sup> ROSELLI, W. de O. Wanda de Oliveira Roselli: depoimento [jun. 1992]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

ano, determinada pelo diretor Soares Amora a fim de proporcionar boa formação aos alunos. Fato este também esclarecido por Antonio Candido em depoimento oral:

O professor Amora estabeleceu que os alunos deveriam escolher orientadores para fazer trabalhos e realizar pesquisas. Eram poucos alunos e isso era uma coisa que em São Paulo nunca existiu, só em nível de Pós-Graduação. E lá [na Faculdade de Assis] era no 1º Ano. Então os meus alunos eram, vamos dizer, seis no 1º Ano, porém só uma me escolheu. Que foi a Teresa Vara, só. Por exemplo, a Wilma Rodrigues, a Wanda Roselli e a AluÍzia Hanisch, acho que elas escolheram os professores de alemão e de inglês. Na parte Vernácula quase todos os alunos preferiram o Prof. Neif Safady, um professor que tinha muito carisma e os alunos ficavam com ele. Foi ótimo ficar só com a Teresa, porque aí, uma vez por semana, nós passávamos horas juntos e eu ia entrando nos estudos dela e pude realmente formar uma pessoa.<sup>72</sup>

A orientação de alunos – juntamente com o tempo integral – significou o desenvolvimento da pesquisa na FFCL e representou mais uma inovação nos programas de ensino da época, criando uma tradição presente também no Curso de História, como se verá adiante. (Fotos 14, 15 e 16)

Sobre o destino de alguns alunos da primeira turma, depois de formados, testemunhos orais indicam que grande parte não ficou em Assis, sendo aproveitados em outras áreas, principalmente na capital paulista.<sup>73</sup> Uma das alunas, Maria Amélia Kobal, diz que começou a lecionar por breve período e depois foi trabalhar em uma multinacional na capital, como secretária executiva bilíngue. A mesma reconhece os excelentes cursos

---

<sup>72</sup> CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]; op. cit.

<sup>73</sup> DUARTE, A. N. Abílio Nogueira Duarte: depoimento [fev. 1993] – CEDEM/UNESP-SP, op. cit.

de idiomas da FFCL de Assis e destaca também que a faculdade se orientava por um tipo de formação humanista.<sup>74</sup>

Os nomes dos alunos da 1ª turma, arrolados anteriormente, foram fornecidos pelo testemunho de Wanda Roselli, porém, devido à incompletude de algumas informações, a investigação precisou ser ampliada, juntando-se também as *Fichas dos Alunos*, que fazem parte do Arquivo Permanente da Secretariada FCL/Campus da UNESP-Assis/SP e podem ser encontradas na Seção de Graduação, organizadas por ordem dos anos de colação de grau. (ANEXO 1 - Quadro com os dados das Fichas dos Alunos) Esta fonte possibilitou um conhecimento aprofundado do corpo discente da FFCL da época, suscitando algumas questões como: Quem eram esses alunos? Qual o perfil desse corpo discente?

Das fichas, privilegiou-se para digitalização e composição do Anexo 1, um quadro amplo das primeiras turmas, o nome do aluno, ano de matrícula, idade de ingresso no curso, origem e procedência escolar. Chama-se a atenção do leitor para a análise desse quadro, que revela pontos como: a) a diminuição da média de idade dos alunos ao ingressarem na FFCL, que partiu de 25 anos da 1ª turma para 20 anos na segunda turma, chegando aos 18 anos nas turmas posteriores; e b) o fato de alguns estudantes da primeira e segunda turmas serem filhos ou parentes das elites locais, dado observado através da associação dos sobrenomes desses aos sobrenomes dos membros da Comissão Pró-Faculdade.

Ainda no quadro elaborado com as fichas cadastrais dos estudantes, um dado explícito é o do alto número de mulheres ingressantes no ensino superior. O aumento da demanda feminina no ensino universitário dos anos 1950 e 1960 é também fenômeno próprio do momento pós-guerra, pois, na primeira metade do século XX, as faculdades eram constituídas, em sua maioria, por homens. A mudança dos rumos de acumulação do

---

<sup>74</sup> KOBAL, M. A. Maria Amélia Kobal: depoimento [ago. 1992].– CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

capital nos anos 1950, que impulsionou principalmente o setor terciário (área de serviços), juntamente com a ampliação do interesse das mulheres pelos estudos e das condições para isso, fez a inserção das mulheres no mercado de trabalho crescer abruptamente. O historiador Hobsbawm (1995, p. 305) chama a atenção para esse dado, apontando que: “As mulheres também entraram, e em número impressionantemente crescente, na educação superior, que era agora a mais óbvia porta de acesso às profissões liberais.”

É significativo esse movimento do sexo feminino no ensino superior, pois, além de ser um meio de passagem às profissões liberais para as mulheres, foi também este movimento que corroborou na profunda mudança dos costumes na década de 1960. Ao se pensar na interiorização da educação superior no Estado de São Paulo, paralelamente se verá a mudança dos costumes e do papel da mulher nos lugares que receberam um instituto isolado. O fato de mulheres casadas e com filhos frequentarem uma faculdade em cidades de médio porte do interior do estado, mudou toda a configuração do espaço da mulher nessas sociedades, além disso, difundiu a emancipação feminina pelo interior.

O desdobramento resultante do aumento da demanda feminina nas faculdades seria sentido mais tarde, como parte da história do movimento feminista, é o que demonstra um dos principais historiadores do século XX:

A entrada em massa de mulheres casadas – ou seja, em grande parte mães – no mercado de trabalho e a sensacional expansão da educação superior formaram o pano de fundo, pelo menos nos países ocidentais típicos, para o impressionante reflorescimento dos movimentos feministas a partir da década de 1960. (Idem)

O êxito da interiorização do ensino superior para atender as regiões do Estado de São Paulo pode ser comprovado quando se verifica a origem e a procedência dos alunos a partir da segunda turma de Letras, assim como das duas primeiras turmas do Curso de

História. Na análise das fichas dos estudantes, percebe-se que muitos eram procedentes das escolas de Assis; embora alguns viessem de outras cidades para frequentar os cursos que antecederiam o nível superior, principalmente porque na região do Vale do Paranapanema, Assis era a cidade que congregava o maior número de escolas. Grande parte dos alunos vindos de outras escolas era de cidades da região, como Ourinhos, Palmital, Cândido Mota, Maracaí, Presidente Prudente, Rancharia, Paraguaçu Paulista e cidades do norte do Estado do Paraná, como Londrina e Cornélio Procópio. (*Jornal de Assis* de 18/02/1961, texto intitulado “Os Exames Vestibulares”, assinado por José de Assis)<sup>75</sup>

A presença dos alunos da região foi um elemento chave na mudança de costumes da cidade a começar pela primeira moradia estudantil, que não era exatamente uma república ou moradia, mas uma pensão localizada à Rua Luiz Pizza nº 165, próxima ao Bispado e à Escola de Comércio (E. E. “Carlos Alberto de Oliveira”). Tal endereço, próximo algumas quadras da antiga sede da FFCL de Assis, aparece nas fichas de muitos alunos, bem como no depoimento de um deles, Antônio Dimas de Moraes, que sugere ainda o fato de não serem da cidade como um fator de liberdade que lhes permitia serem mais atrevidos. Segundo Dimas, que posteriormente tornou-se professor da USP, Assis

... era uma comunidade muito pequena e havia uma coisa que precisava elaborar um pouco – havia um clima de tensão meio forte entre aqueles que eram da cidade, e os que não eram da cidade. Mas uma tensão que existia no nível das relações pessoais, sociais, porque, digamos assim, os da cidade seriam mais conservadores, e os de fora da cidade os mais atrevidos.<sup>76</sup>

---

<sup>75</sup> Cf. também DIAS, L. Lourival Dias: depoimento [jun. 1992]. – CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

<sup>76</sup> MORAES, A. D. de. Antônio Dimas de Moares: depoimento [nov. 1991]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

A mudança de costumes provocada pela inserção dos alunos da FFCL, como, por exemplo, o hábito de fumar entre as alunas, chocava os habitantes mais conservadores. Outros episódios lembrados por Dimas reforçam essa mudança, como o fato de pelo menos duas alunas nesse período ficarem grávidas ainda solteiras e a ocorrência do entretenimento noturno de alguns estudantes acontecer nos bordéis da cidade, o que provocava certo descontentamento por parte dos frequentadores habituais e mais ilustres, como políticos e homens influentes da cidade e da região.<sup>77</sup> O meretrício assisense, daquele período dos anos 1950, era muito frequentado e obtinha prestígio na região, conforme visualizamos nos estudos historiográficos de Ivana Simili (1995). A menção aos bordéis aparece em alguns depoimentos orais e mostra uma característica marcante da memória coletiva sobre a cidade daquele período.<sup>78</sup>

Esses contatos e os “diferentes” hábitos dos alunos, contudo, geraram um estranhamento e uma tensão entre os acadêmicos e os munícipes. Fator que resultou numa sociabilidade cultural conflituosa no município, tendo sua maior manifestação com os atos de violência ocorridos no Golpe Militar de 1964. Tal relação de estranhamento, surgida nos primeiros anos, ainda pode ser observada atualmente, ainda que estes 60 anos passados tenham ampliado a tolerância. O distanciamento entre a sociedade local e a faculdade caracteriza um problema constante da universidade, sobretudo na área de ciências humanas. Ocorre, pois, que os alunos vindos de outras cidades, especialmente das maiores, são vistos com diferença, e alguns de seus comportamentos e costumes são

---

<sup>77</sup> Idem.

<sup>78</sup> MORAES, A. D. de. Antônio Dimas de Moares: depoimento [nov. 1991]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit. & SOBRINHO, J. S. José Santilli Sobrinho: depoimento [nov. 1999]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit. No testemunho de PRADO, A. L. de A. Antônio Lázaro de Almeida Prado: depoimento [set. 2000]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.; o mesmo relata um ocorrido no qual o Prof. Naief Safady organizou junto com sua esposa (uma senhora argentina) um desfile de modas, no qual contratou algumas moças das casas de meretrício para desfilar. Segundo Prado, a justificativa do professor Safady era de que não havia modistas na cidade para fazer tal trabalho. Mas alguns moradores da cidade não gostaram.

desaprovados. Os estudantes representam um diferencial econômico e cultural positivo para a cidade, no entanto, ainda são considerados “intrusos” por parte da sociedade assisense.

Além da mudança de costumes no cotidiano do local, os alunos, com a orientação dos professores, influenciaram a vida cultural da cidade, principalmente pelas ações do C. A. (Centro Acadêmico).<sup>79</sup> Em outubro de 1959 ocorrem as primeiras eleições do “Centro Acadêmico XVI de Agosto”, com a vitória da chapa “Soares Amora”. A partir de 1960, este órgão sempre apareceu como o articulador das atividades culturais na faculdade. Entre os muitos eventos promovidos pelo C. A., descritos no item “Atividades Culturais”, deve-se citar o mais importante que seria o Clube de Cinema, que passou a ter mais importância nos anos posteriores a 1964. Com a instauração da ditadura militar no país, houve um fechamento temporário dos C. A., com isso as forças estudantis vão se agregar justamente nos Clubes de Cinema.<sup>80</sup>

A força dos Cineclubes, na década de 1970, é observada na vasta documentação existente, como nas Atas de Reuniões, no alto número de correspondências e folders de outros Cineclubes do país, num intenso material fotográfico sobre os filmes distribuídos juntamente com um material de crítica cinematográfica e documentos da “Federação Paulista de Cineclubes” e do “Conselho Nacional de Cineclubes”, que mantinham contato com o da FFCL de Assis e em vários cadastros de Rádios e Jornais para fazer divulgação. A influência do cinema foi fundamental no período da Guerra Fria, pois foi o principal veículo de expansão ideológica.<sup>81</sup>

---

<sup>79</sup> Sobre o C. A. os documentos principais são as Atas de Reuniões, com cerca de 100 folhas preenchidas que contém as reuniões entre março de 1959 a abril de 1966; as Atas de Assembleias Gerais Eleitorais; o Livro de Visitantes (em Eventos) à Faculdade, com poucas informações e faltando datas; e o Livro Lista do pagamento de anuidades do C. A., também com poucas informações.

<sup>80</sup> Informação de Marlene Ap. Souza Gasque, entrevistadora que colheu o depoimento do ex-aluno Antônio Dimas, durante sua participação na entrevista. In: MORAES, A. D. de. Antônio Dimas de Moares: depoimento [nov. 1991]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

<sup>81</sup> Caixas de documentos do cineclubes que se encontram no CEDAP / UNESP-Assis/SP. Recentemente uma pesquisadora trabalhou com esta documentação. (Sales, 2016)

Os grupos de teatro também estavam entre aquelas iniciativas dos estudantes que obtiveram êxito posterior – como o Clube de Cinema – e que, mais tarde, deram vida ao “Centro de Artes FAFIA”<sup>82</sup> e ao TEFLA (Teatro de Estudantes da Faculdade de Letras de Assis). Outras atividades dos alunos das primeiras turmas que merecem destaque foram: o Clube do Disco, que colecionava discos de vinil e marcava reuniões para audição pública de alguns exemplares da coleção; e o Clube da Leitura, organizado pela aluna Clarisse Santilli, inaugurado com a leitura de uma das peças do professor Cassiano Nunes Botica pelo Prof. Jorge de Sena. (*Jornal de Assis* de 25/02/1961)

Esses órgãos estudantis – orientados pelos docentes e lançados pelos poucos alunos dos primeiros anos da FFCL – não só em Assis, mas em quase todo o Brasil, foram a base para a criação de espaços democráticos de discussão dentro das instituições. A comunicação estabelecida por eles aliviou o isolamento das faculdades do interior e ainda promoveu a ampliação da organização dos estudantes. Nos anos seguintes, o principal reflexo dessas iniciativas foram as ações dos movimentos estudantis, tanto na reivindicação das reformas de base em 1963/64, quanto nos movimentos de 1968.

Das informações fornecidas pelas *Fichas dos Alunos*, o desdobramento da vida acadêmica de alguns merece destaque. De fato, de todos os nomes arrolados no quadro, constata-se que muitos deles prosseguiram na vida universitária, tornando-se posteriormente docentes da própria FFCL de Assis e da FFCL da USP, além de outras universidades. Além disso, os alunos da faculdade de Assis foram importantes para atender a demanda de professores do ensino secundário e do ensino superior. A ideia da interiorização, que buscava deslocar para o interior um desenvolvimento não só

---

<sup>82</sup> No CEDAP/UNESP-Assis/SP, há caixas de documentação sobre esse Centro de Artes que, como a documentação do cineclubes, são basicamente dos anos 1970. Entre esses documentos há um “Livro de Registros dos Associados do Centro de Artes da FFCL de Assis” (outubro e novembro de 1975), cópias da publicação no *Diário Oficial* do dia 03/07/1975, onde há o reconhecimento do Estatuto desse Centro de Artes e também cadastro de Rádios e Jornais.

industrial, mas também cultural, obteve sucesso com a difusão cultural, bem como pela formação humana qualificada na área educacional.

### **2. 3 – A criação do Curso de História.**

Em maio de 1961, a proposta de criação do Departamento de História da Cultura – que até então era uma disciplina auxiliar do Curso de Letras, elaborada pelo Prof. José Ferreira Carrato – foi aprovada e confirmada. Mais tarde, em 1962, esse Departamento criou o Curso de História que, em 1963, teve a matrícula de 19 alunos na primeira turma e funcionou no novo prédio, onde hoje é o atual Campus da Unesp/Assis. Esse curso era esperado, assim como o de Filosofia – que a Faculdade criou em 1969 e foi extinto em 1976, com a criação da UNESP. Os cursos da área de ciências humanas eram esperados, pois a ideia inicial da FFCL de Assis era formar um Centro de Estudos Humanísticos.<sup>83</sup>

O professor Virgílio Nóia Pinto, do primeiro corpo docente, chegou a Assis em 1963 e participou do projeto de implantação do Curso de História. O fato de Virgílio ser amigo de alguns professores que fundaram o Curso de Letras facilitou seu convite, que é descrito na sequência por seu testemunho oral.

Estava na Europa quando recebi o convite do professor José Ferreira Carrato, que fazia parte do grupo de Letras e foi um dos impulsionadores da criação do Departamento de História. Como eu estava trabalhando com o Fernand Braudel foi uma surpresa quando recebi a carta dele me convidando para fazer parte da equipe que implantaria o Departamento de História. (...) Eu tinha terminado a faculdade e ido para a França, porém, não possuía ainda nenhum vínculo com a profissão propriamente dita. Outro aspecto que

---

<sup>83</sup> PRADO, A. L. de A. Antônio Lázaro de Almeida Prado: depoimento [set. 2000]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

me interessou foi que eu havia sido criado, em grande parte da minha infância, em Paraguaçu Paulista. Era encostada a Assis e foi uma espécie de retorno à infância. (...) Terminei minha pesquisa na Europa e praticamente voltei direto, como sempre digo: de Paris a Assis. Em 1963 eu já tinha mudado para Assis, já estava instalado e fazendo parte do estudo, do projeto de implantação do curso de História, que contava, inicialmente, com o professor José Ferreira Carrato, comigo e os professores Antônio Pinto de Carvalho e Leônidas Hegenberg, do ITA, que também se interessou pelo projeto. Nós formamos o núcleo inicial do departamento que correspondia a Antônio Pinto de Carvalho, com Filosofia da História, o Carrato com História do Brasil, que era a área de domínio dele, e eu com a História Antiga e Medieval. O Leônidas ficou com a pesquisa, acho que a disciplina era Introdução à Pesquisa. (...) Fizemos o vestibular, tínhamos gente de várias cidades do entorno de Assis, além do pessoal de lá. (...) Até hoje o Departamento de História de Assis é um Departamento que tem peso. A coisa foi iniciada com muito empenho, conseguimos envolver aqueles alunos que tiveram desenvolvimento. Nós acompanhamos o desenvolvimento de pessoas que tinham sua formação no secundário do interior. (...) Hoje sei de vários que estão em postos importantes, além de terem prosseguido suas carreiras universitárias ou de professores do secundário. Da minha parte, trazia realmente uma bagagem muito atual, na medida em que tinha terminado um estágio na França, sobretudo com Fernand Braudel. Assim, pude transmitir, enquanto lecionei em Assis, metodologias e aspectos da história que estavam profundamente vinculados ao Grupo dos Anales. Pude desenvolver várias experiências que até hoje me são válidas. (...) Naquele período não se falava muito de uma história do cotidiano, mas já se fazia; muitas vezes, essa história do cotidiano era vista através de uma obra de literatura. Foram experimentos fundamentais e que eu trouxe depois, para a Universidade de São Paulo, a partir de 1965.<sup>84</sup>

---

<sup>84</sup> PINTO, V. N. Virgílio Nóia Pinto: depoimento [jan. 1992]. Entrevistadora: Tânia Regina de Luca. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

Percebe-se, no fragmento acima – que contempla a criação do Curso de História em detalhes – a referência especial a José Ferreira Carrato, idealizador do curso. Este também realizou sua pesquisa de doutorado em Assis, a tese “Minas Gerais e o Caraça”, orientada pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda, defendida em 1961 e publicada em fins de 1963, com um prefácio do orientador.<sup>85</sup>

Nóia Pinto é enfático quanto ao caráter da experiência que se fazia no período. O fato de o professor ter chegado da França em 1963, onde havia feito um estágio com o historiador Fernand Braudel, mostra a preocupação em se fazer um ensino de qualidade e atento às novas tendências, como tinha acontecido no Curso de Letras.

Tal episódio confirma e destaca a relevância intelectual da FFCL de Assis, tendo em vista o valor que o mestre francês estava tendo naquele momento. Para um curso de história, que iniciava suas atividades nos anos 1960 e contava com um discípulo de Braudel como professor, é algo que merece destaque. Segundo estudiosos do historiador francês, também pioneiro na USP, na primeira metade do século XX,

a década de 50 foi o coroamento da trajetória daquela busca de renovação das formas de entender e explicar a história, da crítica, repulsa e superação intelectual e institucional da história de nomes, datas e acontecimentos. Fernand Braudel, que se alinhara nessa vertente renovadora, arrebatou, então, o primeiro tento em sua trajetória profissional. (Martinez, 1999, p. 34)

O professor Virgílio conta também que desde o início houve um choque intelectual entre as tendências historiográficas no Curso de História de Assis, uma vez

---

<sup>85</sup> CARRATO, José F. *Dossiê dos Primeiros Anos*. Assis, 1988. Encadernado. Arquivo da FCL de Assis, CEDAP/UNESP – Assis/SP.

que Carrato tinha uma visão mais tradicional e ele não, devido às influências de Braudel. Ele também relata a significativa produção acadêmica da FFCL de Assis nesse período, onde realizou sua pesquisa de doutorado, pois levou todo o material que iria trabalhar.

Dentro da trajetória dos Cursos de História no Brasil, observa-se que os mesmos começaram a ganhar uma autonomia nos anos 1950. De acordo com Francisco Iglésias: “Foi um progresso a separação dos cursos de Geografia e História: a associação das duas especialidades era um erro na fase de apuro especializado em que essas matérias se encontravam. O curso de História, autônomo, é de 1955.” (Iglesias, 1979, p. 284)

Considerando a colocação do historiador, pode-se afirmar que o Curso de História de Assis é significativo pelo pioneirismo de suas atividades no início de 1963, ou seja, sete anos após o primeiro Curso de História autônomo, que foi o da USP. Iglésias, ainda destaca em seu artigo que as FFCL foram muito importantes para a disciplina de história no Brasil, visto que, sua difusão dependeu em grande parte da expansão destas faculdades. (Idem, p. 283)

Na análise da *Ficha de Aluno* de um dos integrantes do primeiro corpo discente do Curso de História, há a descrição da prova de habilitação para o ingresso e das disciplinas existentes no curso, inclusive as optativas. Nota-se que o exame de habilitação (vestibular) era composto de três provas: de Português, de História Geral e do Brasil, de Geografia Geral e do Brasil. As disciplinas do curso eram: Introdução aos Estudos Históricos, Antropologia Cultural, Geo-história, História Antiga, do Brasil, da América, Moderna, da Filosofia, Medieval e Contemporânea; e ainda as de Bibliografia e Documentação, Psicologia da Educação, Didática, Prática de Ensino de História, Administração Escolar, Teoria da História. Ao final do curso, o aluno escolhia um tema para desenvolver a chamada “Tese para Licenciatura”, seguindo a proposta aplicada no Curso de Letras.

O professor Ferreira Carrato organizou um “Dossiê dos primeiros anos” da FFCL de Assis que contém mais documentos sobre a criação do Curso de História. Entre esses, há os de tipo burocrático e os recortes de jornais.

Este livro não tem a intenção de descrever em profundidade o Curso de História, pois o mesmo surge depois de 1964, fim do recorte aqui proposto; entretanto ele herdou, em certa medida, a tradição formativa do Curso de Letras, mantendo a preocupação com a pesquisa. Embora o contexto político não tenha sido muito favorável, pois o governador Adhemar de Barros, eleito em 1962 e empossado em 1963, interrompeu muitas das políticas educacionais aplicadas até então, essas mudanças e os desdobramentos do curso o colocam num momento que se desliga da fase inicial da FFCL de Assis.

Nos anos seguintes, um exemplo, da relevância do Departamento de História da FFCL de Assis na área da pesquisa foi ressaltado por Carlos Guilherme Mota, na introdução de seu livro *Brasil em Perspectiva*, no qual há textos de professores do Departamento de História de Assis, como Virgílio Noya Pinto, José Ribeiro Júnior, Jaime Pinski e Nilo Odália, ao lado de outros nomes importantes da historiografia paulista e brasileira, como Emília Viotti da Costa, Boris Fausto, Fernando Novais, entre outros. (Mota, 1968)

#### **2. 4 – O Segundo Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária.<sup>86</sup>**

O evento que projetou a FFCL assisense, no meio intelectual brasileiro foi o 2º Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, realizado entre os dias 24 e 30 de julho de 1961.

---

<sup>86</sup> Uma versão resumida dessa parte foi publicada como um capítulo de livro em Araújo et al (2011, pp. 203-226).

Os congressos de crítica tiveram origem na Universidade do Recife/PE, entre os dias 7 e 14 de agosto de 1960, quando se realizou o primeiro deles. Por se tratar de um congresso patrocinado por uma universidade, seu idealizador e também secretário geral do evento – o crítico literário e professor daquela instituição – Eduardo Portella, reuniu força e apoio das autoridades brasileiras da crítica literária e primou pela qualidade universitária.

Nesse período, percebia-se no Brasil uma ligação muito forte entre o exercício da crítica e história literária e o ensino nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras.<sup>87</sup> As discussões desse congresso objetivavam especializar e formar o crítico literário dentro da universidade, ou seja, conceber os estudos da literatura, da crítica e história literária enquanto disciplinas necessárias aos Cursos de Letras das FFCL.

Para que o 2º Congresso fosse realizado na FFCL de Assis, ainda uma jovem faculdade pouco conhecida, foi preponderante a atuação do diretor Amora, que esteve presente no 1º Congresso, juntamente com seu colega Jorge de Sena e notou que o evento era uma boa oportunidade para promover a FFCL de Assis. Amora participou da 5ª Sessão Ordinária do evento do Recife, realizada em 13/08/1960, na qual foi decidido que a sede da 2ª edição seria Assis, conforme atesta a seguinte resolução:

Após a leitura de telegramas enviados pelo Reitor João Alfredo da Costa Lima e pelos Congressistas ao Presidente da República e ao Congresso Nacional, foi discutida e posta em votação a sede do II Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária. O professor José Carlos Lisboa mostrou a conveniência de sua realização na Universidade do Ceará ou na Faculdade de Filosofia de Assis, no Estado de São Paulo. Ato contínuo, o professor Antônio Soares Amora, diretor da Faculdade de Filosofia de Assis, informou que aquela

---

<sup>87</sup> CONGRESSO BRASILEIRO DE CRÍTICA E HISTÓRIA LITERÁRIA, 1º, 1960, Recife/PE. *Anais...* Recife: Universidade do Recife, 1960. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1964. 318 pp. 7 e 24.

cidade se sentiria honrada em poder abrigar no ano próximo os participantes do II C.B.C.H.L. Submetida à votação, ficou determinado que a Faculdade de Filosofia de Assis patrocinará o Segundo Congresso.<sup>88</sup>

Uma medida importante para a consolidação do congresso foi a integração do 2º C.B.C.H.L. ao Plano de Ação do Governo do Estado de São Paulo, recebendo total apoio do então governador Carvalho Pinto, responsável pelo plano de metas estaduais. O professor Jorge de Sena, encarregado de discutir com as autoridades locais os preparativos para o evento, realizou as primeiras reuniões no Rotary Club, no final do mês de outubro de 1960, e obteve amplo apoio dos assisenses. (*O Jornal de Assis* de 29/10/1960 e *A Gazeta de Assis* de 27/10/1960)

Sobre a realização do 1º Congresso em Recife/PE, é importante abrir um comentário sobre a presença, nesse evento, do filósofo francês Jean-Paul Sartre e de sua companheira Simone de Beauvoir. O filósofo foi um convidado ilustre e participou da edição recifense quando esteve no Brasil nos meses de agosto a novembro de 1960. Sartre, nessa época, se preocupava com as questões do terceiro mundo. (Almeida, 2009 & Almeida, 2001, pp. 78-88) Também “fugia de perseguições políticas na França devidas à oposição que fazia ao colonialismo francês na Argélia.” (D’Ambrósio, 2001, p. 12) Na companhia do escritor baiano Jorge Amado, passou também pelo IIESESP, FFCL de Araraquara – no domingo do dia 04 de novembro – onde proferiu uma conferência, em que estiveram presentes grandes nomes da intelectualidade paulistana. Entre esses, resalta-se alguns como, Fernando Henrique Cardoso e Ruth Cardoso (USP), Bento Prado Jr. (USP), Jorge Nagle, Miriam Moreira Leite (USP), Dante Moreira Leite, Nilo Scalzo (Jornalista), Michel Debrun (francês, professor-visitante da USP), José Celso Martinez

---

<sup>88</sup> Idem, p. 47.

Corrêa (dramaturgo, criador do Teatro Oficina), Dante Tringali, José Aluysio Reis de Andrade, Gilda de Mello e Souza (USP) e seu companheiro Antonio Candido, professor na FFCL de Assis em 1960.

Tanto a passagem de Sartre por Araraquara, quanto o 2º Congresso de Crítica, realizado em Assis no ano seguinte, mostram a importante contribuição dos Institutos Isolados e de suas Faculdades de Filosofia na promoção e fomento de práticas intelectuais de relevância no interior do Estado de São Paulo. No depoimento de Antonio Candido há mais referências sobre as preocupações de Sartre nesse período. Segundo o crítico:

Nesse momento era muito importante o Sartre político, sobretudo na defesa de Cuba. Os intelectuais de esquerda da França, nesse momento, estavam a favor de Cuba. O Sartre foi uma pessoa que representou o apoio a Cuba. Eu sei que o aspecto político da presença dele aqui foi muito grande. Era um intelectual participante, militante. Eu não tive contato com ele, só o vi dessa vez em Araraquara, mas lembro que a atmosfera era mais ou menos essa, era uma espécie de grande apreço pelo intelectual engajado, pelo intelectual que tinha atividade política.<sup>89</sup>

Quanto ao processo inicial de organização do 2º Congresso de Assis existem poucos dados disponíveis. Antonio Candido – que fora participante das reuniões iniciais – embora confesse ter poucas recordações, indica alguns esclarecimentos, como os citados abaixo:

Nós tivemos reuniões preparatórias aqui em São Paulo. Houve uma reunião preparatória na Faculdade de Filosofia, numa sala do quarto andar, estávamos o Antônio Soares Amora, o Wilson Martins e eu. O Wilson Martins ajudando a dar ideias – o crítico, o

---

<sup>89</sup> CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]; op. cit.

eminente crítico. (...) Lembro-me de duas coisas: desse dia, nós com o Wilson Martins no quadro negro traçando o Congresso, portanto escolhendo os temas. (...) E de uma conversa entre o Amora, o Jorge de Sena e eu, na qual o Jorge de Sena propôs que houvesse uma homenagem especial ao Álvaro Lins. Foi isso, mas o Álvaro Lins acabou não vindo.<sup>90</sup>

O 2º Congresso de Crítica literária gerou grande expectativa na cidade, tanto que os jornais locais começaram a noticiar o congresso e seus respectivos participantes em meados de março de 1961, voltando a dar ênfase no mês de julho através de um texto provavelmente fornecido pelos organizadores do evento. Entretanto, alguns nomes mencionados na programação não compareceram. (*Jornal de Assis* de 18/03/1961; *A Gazeta de Assis* de 15/03/1961; *Jornal de Assis* de 27/07/1961)

O crítico literário João Alexandre Barbosa contou como foi possível sua participação no congresso e enfatiza a sua surpresa com a recepção amistosa da cidade aos congressistas e com a FFCL de Assis, acrescentando que o evento foi essencial para sua carreira intelectual, como atesta um fragmento de seu depoimento:

Em 1961, quando eu fui ao Congresso, eu escrevi o texto que está nos *Anais, História da Literatura e Literatura Brasileira*, e tratava-se de uma leitura que eu fazia da *Formação da Literatura Brasileira* do Antonio Candido, sobre a qual eu tinha feito uma resenha em 1960. A obra saiu em 1959, em 60 eu escrevi uma resenha sobre a *Formação*, que foi publicada através de amigos numa revista do Rio de Janeiro chamada *Comentário*. O texto do Congresso de Assis foi uma reflexão sobre História Literária e História da Literatura a partir da leitura que eu tinha feito da *Formação da Literatura Brasileira*. (...) Eu vim para o Congresso de Assis de uma forma muito curiosa. Eu tinha um grande amigo

---

<sup>90</sup> Idem.

que era um intelectual de primeira ordem, o Alexandre Eulálio Pimenta da Cunha, que foi depois professor da UNICAMP. (...) O Alexandre era uma pessoa ligada a todo mundo, ele conhecia todos os intelectuais porque trabalhava na *Revista do Livro*, no Instituto Nacional do Livro, foi o editor da *Revista do Livro*. Então ele me falou do Congresso de Assis e disse: “Você tem que ir.” E eu digo: “Mas eu não vou Alexandre, como é que eu vou para São Paulo?” Ele me disse: “Você vai pelo Rio, você vai como se fosse da delegação carioca.” E eu fui para Assis. Pela primeira vez eu fui a São Paulo, quer dizer, Assis foi a cidade que eu conheci em primeira mão em São Paulo, pois não conhecia a cidade de São Paulo. Eu e minha mulher (Ana Mae Barbosa) fomos do Recife para o aeroporto de Congonhas, em São Paulo. Em Congonhas pegamos um pequeno avião que levou todos os congressistas para Assis. E Assis tinha um campo de pouso meio esquisito, na época era de barro, uma coisa muito estranha, mas chegamos aqui. (...) Ficamos hospedados no Hotel Santa Rosa, a maioria ficou ali. E a FFCL de Assis foi um espanto para mim – nessa época eu começava a dar aulas nas Faculdades de Filosofia do Recife –, foi fantástico ver o modo de trabalhar na Faculdade, no Instituto Isolado de Assis. Os professores todos usavam aquele avental branco, pareciam cientistas, davam tempo integral, passavam o dia todo na Faculdade e os alunos também. Enfim, para mim foi extraordinário. E os grandes professores, que eu conhecia de artigos, de ensaios. Eu tinha vinte e quatro anos, então eram todos esses professores que eu lia, o Vítor Ramos, o Jorge de Sena, o Candido, o Amora. Eu os conhecia por meio dos livros ou dos artigos que eles publicavam no *Suplemento Literário* do *O Estado de São Paulo*, mas não os conhecia pessoalmente. Aqui eu conheci o Antonio Candido, conheci pessoalmente também o grupo concreto, o Haroldo, o Augusto e o Décio. Foi a primeira vez que eu os conheci, depois fiquei muito amigo deles. E outros como o Roberto Schwarz. O Roberto ainda não trabalhava com o Antonio Candido, só posteriormente é que ele vai para os Estados Unidos, faz o mestrado, volta e passa a trabalhar com o Antonio Candido, foi o primeiro a trabalhar com ele. (...) Nós fomos bem recebidos, muito bem tratados diante da Faculdade, foi extraordinário, a cidade estava toda voltada para o Congresso e era

menor do que é hoje. (...) A organização do Congresso foi surpreendente, foi talvez o melhor Congresso que já se fez na área de Literatura, extremamente bem organizado. O Amora foi o grande organizador, juntamente com o Antonio Candido e o Jorge de Sena.<sup>91</sup>

A maioria das entusiasmadas informações de João A. Barbosa são confirmadas na comparação com a principal fonte disponível para a análise: *Os Anais do II Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária. Assis 24 – 30 de Julho de 1961. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis. Editora Gráfica Irmãos Andrioli S. A. São Paulo, 1963*, assinado pela comissão de redação.

Nesse documento há a indicação das outras edições do congresso: do terceiro, ocorrido em 1962, na Paraíba e do quarto, programado para realizar-se em Brasília no ano seguinte. As discussões presentes no final de cada sessão plenária do evento foram registradas por taquígrafos do congresso, o que, na verdade, possibilitou a edição dos *Anais*. Isso mereceu o agradecimento na apresentação, bem como aos membros da comissão de redação – a Prof<sup>a</sup>. Nelly Novaes Coelho, responsável pela organização do material a ser publicado, e o Sr. Carlos Felipe Moisés, revisor das provas tipográficas. Os *Anais* também foram dedicados “à memória de Lúcia Miguel Pereira, outra importante investigadora das Letras nacionais.” (C.B.C.H.L., 2.º, 1961, Assis/SP. *Anais...1963*, p. 13-14)

O 2º Congresso de Crítica da FFCL de Assis seguiu as mesmas orientações que presidiram o 1º em Recife:

---

<sup>91</sup> BARBOSA, J. A. João Alexandre Barbosa: depoimento [nov. 2001]. Entrevista e transcrição: Fábio Ruela de Oliveira. 1 fita cassete (60 min) Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

o estudo da Crítica e da História Literária em seus aspectos universais e brasileiros sendo acentuado pelos promotores que a ênfase seria colocada sobre os aspectos brasileiros, visando-se com isso à aprofundar e a desenvolver no País o estudo da Crítica e da História Literária, seu ensino, seu exercício e suas aplicações à literatura brasileira. (Idem, p. 17)

Contudo, procurou deixá-las melhor definidas, centrando as atividades em dois pontos: “1) balanço das orientações e dos métodos da Crítica e da Historiografia Literária atuais; 2) exame da situação presente da Crítica, da Historiografia Literária e da Literatura brasileiras.” (Idem) Assim, os trabalhos encaminhados (relatórios, teses e comunicações dos participantes) deveriam seguir rigorosamente essa proposta e cumprir a cláusula das normas do Congresso de que as teses a serem apresentadas fossem “rigorosamente inéditas.”

Além de discutir trabalhos de qualidade e de reavaliar a crítica literária brasileira daqueles anos, o êxito do evento ocorreu, sobretudo, por causa dos intelectuais, não só do mundo das letras, que estiveram presentes e cujos nomes podem ser visualizados no ANEXO 2, ao final. Entre eles – alguns bem conhecidos no meio acadêmico –, estão estudiosos da literatura brasileira e portuguesa; críticos de literatura, teatro e cinema; historiadores e representantes das associações e uniões literárias do país.

Na noite de 23/07/1961, no teatro da Faculdade, houve a sessão de abertura do evento, presidida pelo diretor Soares Amora, secretariado por Jorge de Sena. Estavam presentes na mesa diretora as autoridades:

D. José Lázaro Neves, Bispo Diocesano de Assis; Sr. José Augusto Ribeiro, Prefeito Municipal; Prof. Dr. Sérgio Buarque de Holanda, Presidente de Honra do Certame; Dr. Francisco Siqueira, Representante do Sr. Secretário da Educação do Estado de São Paulo; Prof. Joel Pontes, Secretário Geral do I Congresso, em Recife; Dr. Waldomiro Galvão,

Representante do Sr. Juiz de Direito da Comarca. (Idem, p. 27. Cf. também as fotos 17 e 18)

O Presidente da Mesa, diretor Amora, proferiu um breve discurso no qual leu a mensagem do então Governador do Estado, Carlos Alberto A. de Carvalho Pinto, que não pôde comparecer.<sup>92</sup> Jorge de Sena, tomando a palavra, enfocou o preparo do evento e evidenciou o sucesso da realização, mesmo com as dificuldades provenientes do fato de ser em Assis, segundo ele, uma “pequena, ainda que progressiva cidade do interior paulista”.

Sena leu também uma saudação enviada pelo professor Alceu Amoroso Lima, um dos Presidentes de Honra, que justificava sua ausência por se considerar um crítico do passado e destacava a importância de Silvio Romero (1851-1914) para a crítica literária brasileira do século XIX. Ressaltou ainda a contribuição do impressionismo francês para a crítica e a útil contraposição feita a esse movimento por Benedetto Croce. Sobre a contribuição de Croce, Amoroso Lima coloca:

Quem nos libertou do unilateralismo impressionista foi Benedetto Croce. Por ele e com ele, sem dúvida, alargamos o nosso campo de visão crítica, não por antítese ao Impressionismo, mas por uma nova libertação: a dos nossos pontos de vista puramente individuais, isto é, do próprio crítico, numa tentativa de devolver aos *autores* e às *obras aquilo* que o *crítico* tinha chamado para si. Essa volta à objetividade, não por um repúdio ao subjetivismo impressionista, mas por uma superação, é que consideramos a lição recebida de Benedetto Croce. (C.B.C.H.L., 2º, 1961, Assis/SP. *Anais...* 1963, p. 40)

---

<sup>92</sup> Segundo os *Anais*, o motivo da ausência do Governador era porque naquele momento recebia em São Paulo a Missão Russa que visitava o Brasil. É importante pensar essa ocorrência da visita dos russos com o período pós-guerra, ou seja, vivia-se um período de indefinição ideológica no Brasil e americanos e russos estavam interessados em ampliar seus espaços de alinhamento ideológico, principalmente na América Latina.

Segundo a carta de Amoroso Lima, uma das heranças concretas da lição de Croce, que colocaria a Crítica Literária brasileira “nos rumos de uma nova objetividade”, começava a ter sua expressão graças aos Congressos de Recife e de Assis. Mais adiante, é possível ver que o período em que esse evento ocorreu marcou uma guinada significativa nos estudos literários, principalmente por estar buscando a objetividade e a profissionalização do crítico, a fim de tirar os estudos literários e a crítica do campo do diletantismo, sem, contudo, menosprezar o exercício da crítica que se fazia nos jornais e suplementos literários, principal meio de atuação dos críticos até aquele momento.

Outro telegrama enviado ao congresso, lido por Jorge de Sena, foi o da Direção da União dos Escritores da U.R.S.S, no qual é ressaltado o interesse do povo soviético pela literatura brasileira e são arrolados os nomes conhecidos por lá: Machado de Assis, Castro Alves, Monteiro Lobato, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, Jorge Amado, dentre outros. Essa cordial comunicação dos soviéticos mostra a irradiação irrestrita do congresso e, por isso, mereceu uma resposta de agradecimento na sessão de encerramento.

No final da solenidade de abertura, o Sr. Waldomiro Galvão de Camargo, um advogado local que estava como representante do juiz, foi o orador da comunidade assisense em nome do prefeito municipal. Seu discurso anunciou a construção do novo prédio da FFCL, comunicando aos presentes que a maquete do projeto estava no saguão de entrada do recinto e que a pedra fundamental da obra seria lançada no decorrer da semana de realização do conclave literário. Destaca-se em sua fala a presença do otimismo característico do período:

O povo brasileiro está, indiscutivelmente, em plena ascensão cultural, e disso temos mostra pelo interesse cada vez maior pela produção literária e pela importância e valor que, nos dias que correm, está sendo dada à Crítica Literária. Esta nossa jovem

civilização, iniciada pelos portugueses, prossegue ascencionalmente para o mundo. Brasília é hoje um símbolo da capacidade humana. (C.B.C.H.L., 2º, 1961, Assis/SP. *Anais...*1963, p. 43)

A presença do intelectual Sérgio Buarque de Holanda na sessão de abertura e em outras mesas deve ser destacada. Segundo os depoimentos de João A. Barbosa e do Prof. Antônio L. A. Prado, aquele foi um dos que mais conheceram a literatura colonial brasileira, cuja obra de referência é *Antologia da Literatura Colonial Brasileira*<sup>93</sup>, embora outras confirmem a autoridade crítico literária de Sérgio Buarque, como, por exemplo, *O Espírito e a Letra* e o *Livro dos Prefácios*, editados pela Companhia das Letras.<sup>94</sup>

Com relação ao programa temático do Segundo Congresso, destaca-se a relevância da maioria das teses apresentadas. No entanto, ficaram evidentes as de Anatol Rosenfeld e de Adolfo Casais Monteiro, pois proporcionaram os melhores debates, além de estarem intimamente conectadas às transformações dos estudos literários de então. A descrição dos *Anais* será completada com os depoimentos orais, tentando estabelecer a maior compreensão possível das teses e dos debates. Todavia, não é o objetivo deste livro aprofundar a discussão desses estudos e do tema crítica literária.

A primeira das teses, apresentada na manhã de 24/07/1961, foi o relatório do ensaísta alemão Anatol Rosenfeld *A Estrutura da Obra Literária*. (Foto 19) Anatol orbitou entre outros intelectuais estrangeiros que, refugiados do nazismo vieram morar

---

<sup>93</sup> BARBOSA, J. A. João Alexandre Barbosa: depoimento [nov. 2001]. CEDEM/UNESP-SP. op. cit. & PRADO, A. L. de A. Antônio Lázaro de Almeida Prado: depoimento [set. 2000]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

<sup>94</sup> Um fato pitoresco ocorreu em torno da pessoa de Sérgio Buarque durante sua estadia em Assis, lembrado e descrito pelo funcionário Divo Vara, em depoimento oral: “Eu me lembro, inclusive, de um fato pitoresco, aliás, que foi o pai do Chico Buarque de Holanda, o Sérgio Buarque de Holanda. É que a gente deu tíquete para ele, para uma semana de refeição e ele, no dia seguinte, veio falar para mim: ‘Olha, acabaram os meus tíquetes de refeição.’ E eu: ‘Mas professor, o senhor comeu tudo isso?’ ‘Não, eu bebi.’ Ele tomou tudo em uísque. Então nós tivemos que complementar.” In: VARA, D. Divo Vara: depoimento [dez. 1991]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

no Brasil, contribuindo muito para a formação da cultura brasileira, como o austríaco Otto Maria Carpeaux e o húngaro Paulo Ronai. (Santana, 2001, pp. 105-110) Nesse relatório, Anatol vai lançar as bases teóricas para a interpretação da obra literária que, segundo ele, seria a melhor forma de estudar o objeto estético:

No entanto, o prazer estético é rigorosamente referido ao objeto, à obra; é nela que reside o valor que suscita a nossa valorização. Se a crítica é a tentativa de motivar e ‘justificar’ essa valorização, ela consistirá essencialmente na análise e na interpretação do objeto em que reside o valor. O conhecimento da estrutura fundamental desse objeto parece, pois, imprescindível ao crítico para que possa exercer a sua função de modo consciencioso. (C.B.C.H.L., 2º, 1961, Assis/SP. *Anais...*1963, p. 49)

Em seu relatório, Anatol Rosenfeld busca uma objetividade que a análise do estético da obra literária poderia proporcionar. Para se alcançar esse objetivo Anatol leva em conta a totalidade das camadas e os elementos da obra, que segundo ele forneciam e sugeriam novas pistas para a compreensão da estrutura. Como referência do trabalho, o autor usa os pensadores Hegel e Benedetto Croce, fornecedores desse instrumental totalizante na medida que compreendem que o estético se refere à totalidade, também objetivo de Rosenfeld. Comprova-se isso no trecho abaixo:

O que importa é compreender e fazer compreender a função das partes e camadas até os mínimos detalhes de som, ritmo, melodia, palavra, oração, estilo, perspectiva, atmosfera, para mostrar a eficácia e o sentido dos elementos no todo da obra, a cooperação das partes e camadas na organização total. A interpretação move-se constantemente entre os elementos e o todo, o todo e as partes e camadas. Ela descobrirá na substantivação de um verbo o sentido da totalidade e o sentido dessa totalidade a guiará na descoberta de outros detalhes significativos. (Idem, p. 69)

Da discussão do texto dialético de Anatol Rosenfeld – prestigiada por um seletor público (Foto 20) –, participaram Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Jonas Speyer, Augusto de Campos, Carlos Burlamáqui Kopke, Wilson Martins, Antonio Candido, Wilton Cardoso, Roberto Schwarz e Manuel Cerqueira Leite, sendo a sessão presidida por Soares Amora e Jorge de Sena. Na abertura do debate, Haroldo de Campos – poeta concretista – primeiro adverte o expositor de que seu ponto de vista tende a eliminar a dicotomia clássica entre forma e conteúdo, depois faz uma objeção à posição assumida por Anatol quanto à minimização do aspecto tipográfico. Haroldo de Campos

chama a atenção para a importância da planificação espacial contida na poesia de vários poetas contemporâneos estrangeiros, insistindo em que a chamada materialidade tipográfica não pode ser deixada de lado, uma vez que ela vem-se mostrando de fundamental importância na renovação da poesia contemporânea, a partir da obra de Mallarmé, cuja poesia ganhou especial ênfase devido ao aspecto visual oferecido pela disposição e tipos das letras. (C.B.C.H.L., 2º, 1961, Assis/SP. *Anais...* 1963, p. 71)

Décio Pignatari (Foto 21) entra na discussão para reforçar as colocações de Haroldo de Campos sobre a questão da performance espacial e da utilização de recursos tipográficos. O expositor responde manifestando-se de acordo com H. Campos quanto “à impossibilidade de uma dicotomia entre forma e conteúdo, uma vez que concebe a obra literária estruturada em várias camadas, conforme destacado em seu trabalho.” Com relação aos sinais tipográficos, o autor admite que não considerou a poesia concreta e propõe problemas de ordem ontológica quanto a ela.

Na continuação, o Prof. Jonas Speyer e Augusto de Campos – irmão de Haroldo e também concretista – voltam a falar sobre o aproveitamento dos sinais visuais, citando

os ideogramas da poesia arcaica chinesa. Em seguida, Carlos B. Kopke pede esclarecimentos a Rosenfeld sobre as camadas de que fala na exposição e entra, na sequência, em um debate com Wilson Martins acerca do catártico e das reações do leitor diante da obra. Em meio a tais debates, Antonio Candido intervém e redireciona a discussão, apontando que as últimas colocações de Kopke e Martins desviavam o foco do tema discutido. Em seguida, ressalta a relevância do trabalho de Rosenfeld e

intervém, procurando chamar a atenção dos aparteantes para o fato de estar havendo um pequeno desfoque do problema discutido. Pois, uma vez que o relator se coloca claramente numa posição ontológica diante da crítica, toda a discussão que se afastar desse ângulo de visão estará fugindo ao âmbito do tema. Lembra, portanto, que o autor está colocando o problema crítico no sentido de saber quais os componentes e realidades da obra no seu momento como um absoluto, e que mesmo que esse absoluto não possa ser captado na experiência literária, há claramente um esforço crítico nesse sentido. (Idem, p. 75)

No depoimento de Antonio Candido, mesmo dizendo não lembrar detalhes do congresso, faz um destaque para a tese de Anatol Rosenfeld e afirma que “em Assis surgiram coisas importantes, sobretudo a comunicação do Anatol Rosenfeld. Foi muito importante.”<sup>95</sup>

No encerramento da sessão, ocorreu um pedido de esclarecimento por parte de Roberto Schwarz e a discordância de Manuel Cerqueira Leite sobre a postura do expositor em aproximar Hegel e Croce. Anatol não prolongou o debate devido ao tempo esgotado e propôs-se a discutir posteriormente com Manuel a respeito da discordância colocada, pois o presidente encaminhara outra exposição.

---

<sup>95</sup> CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]; op. cit.

Em meio aos debates que se seguiram após a apresentação de Rosenfeld, destaca-se a presença dos concretistas<sup>96</sup>, que, de acordo com João Alexandre Barbosa, acaloraram a discussão.<sup>97</sup> Sobre a participação dos concretistas no congresso, o depoimento de Antonio Candido oferece informações relevantes:

Nós decidimos convidar os concretistas. Eu me lembro perfeitamente, o Jorge de Sena, o Amora e eu. Eles eram jovens, estavam começando. E nós resolvemos: “Essa é uma rapaziada interessante, é um pessoal que tem ideias, vamos convidá-los!” A decisão de convidar os concretistas foi nossa, do Sena, do Amora e minha. Para eles foi muito bom, pois foi a primeira vez que eles estiveram numa tribuna oficial. E eles foram, o Décio Pignatari, o Haroldo de Campos, o Augusto de Campos e o José Lino Grünwald, com suas senhoras. Eles estiveram lá e puderam falar e apresentar suas teses.<sup>98</sup> (Foto 22)

A presença dos concretistas mereceu destaque nesta pesquisa, pois os *Anais* sugerem uma contraposição forte nas intervenções deles. No entanto, o crítico João Alexandre Barbosa afirma em seu depoimento que tais posições não eram tão díspares. Segundo ele, a essência da crítica estrutural era compartilhada tanto pelos concretistas quanto por Anatol, Antonio Candido e Casais Monteiro, representantes da crítica estrutural que se formava naquele momento. Tais colocações podem ser verificadas no

---

<sup>96</sup> “(...) o Concretismo, iniciado em 1956 (quando os concretistas realizaram uma exposição de poemas-cartazes no Museu de Arte Moderna de São Paulo), teve significado histórico relevante, inclusive por haver posto drasticamente de lado as opções de tipo nacionalista, produzindo como se o espaço literário fosse uma realidade acima do âmbito dos países e, portanto, o escritor não precisasse justificar-se pela referência a qualquer aspecto local, mas apenas à elaboração da linguagem. Com isso manifestava-se uma forma de maturidade da consciência literária e um momento antitético da oscilação pendular entre localismo e cosmopolitismo, própria da literatura dos países colonizados. (...) Na poesia o Concretismo rejeitou a expressão subjetiva e preconizou o fim do verso, com a liberdade de combinar e desarticular as palavras segundo afinidades sonoras, dispondo-as como realidade visual. Dos poetas concretos destacam-se Décio Pignatari, Haroldo de Campos e seu irmão Augusto de Campos, que são ao mesmo tempo os fundadores, os teóricos e os principais realizadores. A sua atividade tem cunho polêmico de ânimo transformador; e talvez, nela, seja mais importante a parte doutrinária e crítica.” (Candido, 1999, pp. 95-96)

<sup>97</sup> BARBOSA, J. A. João Alexandre Barbosa: depoimento [nov. 2001]. CEDEM/UNESP-SP. op. cit.

<sup>98</sup> CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]; op. cit.

depoimento de João A. Barbosa transcrito abaixo, no qual ele ressalta a importância do evento na promoção de um espaço de discussões:

É interessante, retrospectivamente, colocar por exemplo, que não havia muita diferença entre a posição do Haroldo de Campos e a do Antonio Candido. Não havia muita diferença porque a posição do Haroldo era uma posição de leitura da estrutura da obra, da relação entre significante e significado. Esta também era a posição do Antonio Candido, quer dizer, o Antonio Candido recusava em todas as intervenções dele – e isso pode ser visto nos *Anais* –, e recusa, uma leitura literal da obra. Ele está sempre pensando numa relação de tensão dialética e o Haroldo defendia essas posições também. É claro que o Haroldo defendia isto intensificando o lado da modernidade, da contemporaneidade, da coisa tipográfica, do foco visual, de que tudo isto entra na obra. Mas não eram distantes as diferenças, tanto que nós conversávamos muito, quer dizer, estávamos sempre juntos, o ambiente foi inteiramente favorável à discussão intelectual. (Fotos 23, 24 e 25) Não havia essa diferença que parece existir hoje, campos opostos, etc... As brigas eram de detalhes, de ênfase, muito mais de ênfase do que de princípios.<sup>99</sup>

Presidida por Sérgio Buarque de Holanda, a segunda tese, de Adolfo Casais Monteiro, apresentada à Mesa Diretora composta por Antônio A. S. Amora, Jorge de Sena e José Santilli, também não se distanciou do tema da primeira. Casais apresentou o relatório *A Crítica Sociológica*, no qual ele propõe rever a situação dessa crítica e resolver seus mal-entendidos, pois, segundo ele, “por crítica sociológica se entende um grupo de interpretações sistemáticas, cuja unidade é menos real do que à primeira vista parece.” Assim, para o autor, essa falta de unidade na definição teórica resultou numa série de

---

<sup>99</sup> BARBOSA, J. A. João Alexandre Barbosa: depoimento [nov. 2001]. CEDEM/UNESP-SP. op. cit.

confusões e equívocos que marcou “quase toda a crítica sociológica.” (C.B.C.H.L., 2º, 1961, Assis/SP. *Anais...1963*, pp. 95-117. Cf. Foto 26)

De acordo com Casais Monteiro, nem mesmo a crítica da primeira metade do século XX, representada principalmente pelo marxismo, escapou dessas confusões e cita como exemplo o russo G. Plékhanov, que desconsiderou em sua obra o elemento estético. Para contrapor Plékhanov, ele apresenta a obra do filósofo marxista húngaro Georg Lukács, pensador que privilegiou “os princípios de uma estética”, fornecendo assim, mais elementos para a crítica literária e colaborando na resolução dos equívocos criados por Plékhanov. Durante a exposição, Monteiro definiu: “Pela primeira vez em toda a história do marxismo, Lukács aborda literatura como literatura.” (C.B.C.H.L., 2º, 1961, Assis/SP. *Anais...1963*, p. 106) Sobre a obra de Lukács, Casais Monteiro ressalta ainda um aspecto bem conhecido, e presente nos verbetes introdutórios sobre o húngaro, o de que “sua obra, entretanto, não foi bem recebida pelos círculos marxistas ortodoxos e pelo Partido Comunista da União Soviética.” (JAPIASSÚ & MARCONDES, 1996, p. 168) No final de seu trabalho, Adolfo Casais Monteiro faz um balanço da situação da crítica antes da intervenção lukasiana, em um parágrafo que também sintetiza a análise:

Pretendendo integrar a literatura numa concepção de vida como consciência e objetivação, como pensamento e ação, a crítica sociológica, todavia, nos seus primeiros passos, (pois não podemos dizer que tenha saído ainda deste estádio), viu-se inutilizada pela força irreprimível duma retificação dos seus conteúdos, interpretados como relações mecânicas em vez de numa dialética dos valores humanos. Acorrentada a análises parciais, afinal subjetivas, ou relativistas, insusceptíveis de generalização e universalização, faltou-lhe a noção dum ‘social’ inclusivo, capaz de conter a totalidade da experiência humana, em vez de a restringir ao condicionalismo doutrinário. (C.B.C.H.L., 2º, 1961, Assis/SP. *Anais...1963*, p. 113)

Monteiro finalizou seu relatório, criticando o condicionamento doutrinário do marxismo naquele momento e ressaltando a obra de Lukács como seu atestado de apoio incondicional ao crítico húngaro. Reforçando a importância desse pensador para os novos rumos e possibilidades que se deveriam tomar os estudos literários e a crítica, diz ele que:

Duma maneira geral, e nisto a exceção que a obra de Lukács constitui abre as perspectivas de um novo caminho, pôs mais empenho em encontrar na literatura o reflexo aparente dos fatores socioeconômicos do que em investigar a transformação paralela destes e daquela, para se começar por saber em que medida e de que maneira a literatura se insere na vida humana, isto é, na realidade da consciência e da experiência do homem. (Idem, p. 114)

Terminada a exposição de Casais Monteiro, Haroldo de Campos toma a palavra para discordar em um ponto, o “de que a posição de Lukács seja isolada frente à ‘literatura oficial’ soviética, lembrando que no início do movimento futurista russo, a ideia de ‘vanguarda’ estava ligada à ideia de participação” e que esta teria sido lançada por Maiakowski. No aspecto geral, H. Campos apoiou a linha crítica adotada pelo autor da tese concluindo “que o valor do trabalho de Casais Monteiro está em mostrar a possibilidade que poderá ter um crítico sociológico.” Monteiro agradeceu a interferência de Haroldo de Campos, “declarando-se satisfeito, pois notou que começava a parecer possível o estabelecimento da Crítica Sociológica, através de um caminho palpável e concreto.”

Em seguida, Roberto de Paula Leite apoiou a exposição de Monteiro e apontou a influência que o marxismo pode exercer num mundo inspirado numa estrutura. Depois, Jorge de Sena chamou a atenção em sua longa fala sobre questões conceituais a respeito

do marxismo que, “para se evitar mal-entendidos, era necessário ter presente, que na discussão, o marxismo, obviamente, não vinha sendo discutido através do prisma econômico ou como filosofia política.” (Idem, pp. 119-121) Entretanto, a intervenção significativa ficou por conta de Antonio Candido, que fez uma longa reflexão em torno da tese de Monteiro, de modo a sintetizá-la. Posteriormente, estas ideias concretizaram-se em texto. Segue abaixo a transcrição de algumas partes da intervenção reunidas nos *Anais do Segundo Congresso*:

ANTONIO CANDIDO DE MELO E SOUSA. Ressalta que não poderia deixar de fazer algumas sugestões marginais ao relatório apresentado, mesmo porque sua maneira de encarar a literatura coincide perfeitamente com a de A. C. Monteiro, mormente no que dizia respeito ao ponto de vista **sociológico** no estudo crítico, o qual ao contrário da opinião comum da Crítica, não é um fenômeno obsoleto, pertencente ao passado, mas sim uma tentativa em andamento, tentativa que já começava a se concretizar em alguns resultados positivos dentro da orientação sociológica dos estudos literários, como ficava bem claro na tese em foco. (...) Observa ainda Antonio Candido, estar bem claro hoje que a contribuição econômica ao ponto de vista sociológico já esta desmoralizada e superada, e que a contribuição sociológica aplicada à concepção do fenômeno literário em geral, adquire agora um significado mais amplo. Lembra, a esta altura que na coletânea de Engels, podemos apreciar a ênfase que é dada aos fatores sociais da Literatura, bem como notar, nas atuais linhas críticas marxistas, de vários grupos e fases, tentativas de vivificar a Crítica formalista e a sociológica com elementos da Crítica estética. (...) É o momento em que a Sociologia deixa de ser **essência** para se tornar **elemento de estrutura estética da obra**, posição para a qual muito contribui Mathews que, graças à sua formação liberal-sociológica não-marxista ou ligeiramente marxista, pôde reformar a visão da literatura norte americana. A verdade, afirma o aparteante, é que atualmente se está esboçando um movimento dos mais notáveis na Crítica e no estudo estrutural da obra literária,

movimento começado no campo linguístico, com os poetas, e que se vai ampliando na medida em que se aproxima da **estrutura** real da obra literária. Nessa nova posição está presente todo o conjunto da experiência humana, não mais como **elemento de valorização**, mas como **ingrediente** que compõe a obra e que a Crítica estuda como **elemento presente**, como elemento **integrante, estrutural** da obra literária. E conclui: Tenho a impressão de que, na medida em que percebemos que o enfoque social-literário não é mais, hoje, o problema de buscar critérios extra-literários para a avaliação de uma obra, precisamos ver em que medida a estrutura literária indica o momento em que o ponto de vista social poderá ter interesse. (Idem, p. 121 – Grifos do documento)

Adolfo Casais Monteiro agradeceu a intervenção de Antonio Candido e sugeriu:

que reduzisse a ensaio as inestimáveis reflexões que acabara de fazer, pois isto iria contribuir na resolução da grande confusão que existe entre Sociologia e interpretação literária, confusão essa que, talvez, estejamos em vias de superar, através da compreensão dos vários sentidos que podem ter o valor social na Literatura e **dentro** da literatura. (Idem, grifos do documento)

Posteriormente, Antonio Candido segue a sugestão de Casais Monteiro e publica, em 1965, o livro de estudos *Literatura e Sociedade*, que traz então o ensaio teórico *Crítica e Sociologia (Tentativa de esclarecimento)*, no qual ele – sempre reservado para escrever textos teórico-metodológicos, preferindo praticá-los em seus estudos literários –, tenta esclarecer as questões teóricas sobre a crítica sociológica e estética. Nesse texto, Candido vai conceituar o método da crítica estrutural que, salvo engano, constituiu um divisor de águas nos estudos literários do período. Influenciado por Georg Lukács<sup>100</sup>, assim como

---

<sup>100</sup> Na entrevista de 1974, Antonio Candido comenta suas preocupações acerca da estruturação e de suas leituras de Lukács. Observe: “(...) distingo uma terceira fase (entre suas fases teóricas), mais recente, onde

Casais Monteiro, Antonio Candido formulou o princípio da crítica estrutural e sua relação com a Sociologia, conforme se nota nas palavras abaixo:

Quando fazemos uma análise deste tipo [estrutural], podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo.

Neste caso saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o *externo* se torna *interno* e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. O elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros. Neste nível de análise, em que a estrutura constitui o ponto de referência, as divisões pouco importam, pois tudo se transforma, para o crítico, em fermento orgânico de que resultou a diversidade coesa do todo. (Candido, 2000, p. 8)

Após a definição acima, Antonio Candido frisa que tal ideia “legitimava a orientação sociológica, sempre possível” e marcava também “a superação da crítica moderna ao sociologismo crítico e sua tendência devoradora de tudo explicar por meio dos fatores sociais.” Mais que isso, esforça-se em não deixar confusões, distinguindo tal

---

a preocupação teórica se subordina ao interesse pela estruturação. Não pela estrutura propriamente dita; mas pela estruturação, isto é, o processo por meio do qual o que era condicionante se torna elemento interno pertinente. A preocupação não é mais tanto o condicionamento quanto o próprio sistema. Não o sistema isolado, tomado em si, mas na medida em que é uma fórmula através da qual o *externo* se torna *interno*. O interesse pela funcionalidade leva ao interesse pela estrutura, num sentido diferente dos estruturalistas, pois o que se indaga é como a estrutura se estrutura. Talvez tenha havido aí alguma influência de Lukács, que li em traduções italianas no começo do decênio de 50. Mas posso dizer que não estava consciente dela quando pela primeira vez formulei em público aquela preocupação. Foi no II Congresso de Crítica e História Literária, realizado em Assis em 1961.” (Candido, 1974, p. 11)

postura estrutural das estruturalistas. Candido reconhece a instabilidade de sua formulação crítica naquele momento, no entanto, é severo em fazer a distinção com o estruturalismo, sobretudo, porque via falhas neste método, como se pode perceber:

Esse estruturalismo radical, cabível como um dos momentos da análise, é inviável no trabalho prático de interpretar, porque despreza, entre outras coisas, a dimensão histórica sem a qual o pensamento contemporâneo não enfrenta de maneira adequada os problemas que o preocupam. (Idem, p. 15)

Para elucidar ainda mais essas questões, é viável acompanhar novamente os esclarecimentos de Antonio Candido por meio do trecho de sua entrevista, que apresenta a trajetória histórica da crítica literária e os modelos que a orientaram naqueles momentos do 2º Congresso. Observe:

Dos debates do Congresso, o que eu me lembro é que para mim foi muito importante porque eu tomei a palavra numa discussão – tem até um retrato no qual eu estou falando com a mão no bolso. (Foto 27) Foi nessa ocasião, acho que na comunicação do Casais Monteiro, que eu fiz a intervenção. Nos *Anais* ela não saiu muito bem, então eu redigi e publiquei depois. Isto foi importante porque essas minhas ideias foram definidas em Assis, isto é, eu amadureci essa ideia “do interno e do externo” em Assis, durante o Congresso, quando eu formulei. Foi importante, porque você sabe, em crítica eu sou muito pouco teórico e muito mais analítico. Para mim, você fazer a postulação teórica é uma coisa importante, mas não é o fundamental para a literatura. O importante é você mostrar como é que aquilo funciona. A crítica está cheia de belas teorias, mas na prática todo mundo cai naquela rotina. O ensaio *Crítica e Sociologia* é um texto bem teórico, entretanto, é uma teoria que traz um exemplo com o *Senhora* de José de Alencar. (Idem, p. 7) O que significa que eu não estou falando da boca pra fora. Eu achava, por exemplo,

muito infrutífera o tipo de crítica do René Wellek, o famoso René Wellek, que sabe falar sobre Literatura, mas não sabe analisar Literatura. O Afrânio Coutinho que sabe falar sobre Literatura, mas não sabe analisar Literatura. Eu prefiro não saber falar, mas saber analisar. Então esse trabalho é uma teoria que remete ao meu esforço de sempre mostrar como é que você, na prática, mostra a transformação do externo no interno. Isso é o importante para mim. No Lukács você já encontra coisa muito parecida com isso: “o importante é como é que você faz” dizia ele. Isso é o que eu quero ver. Lembro-me de um colega nosso, que esteve em Assis aliás, e propôs fazer uma conferência sobre o Kafka, e ele dizia que ia fazer uma conferência moderna, de acordo com os processos estilísticos, com atenção ao texto, rejeitando o biografismo e rejeitando a coisa histórica e sociológica. Então ele começou: “Franz Kafka nasceu em Praga, em 28 de maio, etc, etc...”, e fez toda a biografia do Kafka. Entendeu? Isso é o que se faz muito em crítica. O Silvio Romero, que é um crítico sociológico, faz isso; ele faz uma introdução admirável, mostrando como é que você precisa de Geologia, de Química, de Física, de Astronomia, de tudo para entender a obra, depois analisa a obra como qualquer outra pessoa. A minha preocupação foi sempre transformar a teoria em prática crítica. Enfim, eu fiz a formulação disso em Assis e depois fiz tentativas subsequentes. A minha preocupação durante o período em Assis – que desenvolvi não só no Congresso, mas também por meio dos cursos que dei lá –, foi achar que no ensino da literatura a coisa fundamental é a inteligência do texto. Mas que o texto não é um absoluto em primeiro lugar, o texto não é um incondicionado, o texto vem de alguma coisa e vai para alguma coisa. Naquele momento – ainda não tinha entrado o estruturalismo – estava muito em voga a estilística, e esta tendia a reduzir o texto a uma série de achados felizes que permitiam, através da intuição chegar a intenção. Isso me seduziu apenas em parte. O que me interessava e sempre me interessou mais – sobretudo por causa da minha formação sociológica – é ver como é que o não literário se transforma em literário. (...) Eu sempre me preocupei muito, vamos dizer, com aquilo que está antes do texto e aquilo que está depois do texto. Antes do texto você tem a personalidade do autor, tem o meio social do autor e as influências

estéticas do autor. Depois do texto você tem: a ação sobre o público, o significado histórico, o destino da obra. Tudo isso forma o estudo da literatura. Eu sempre fui contra a mutilação do ensino de literatura. Por exemplo, o grave erro do estruturalismo, a meu ver, foi querer encontrar uma espécie de absoluto universal que está por baixo de todos os textos. Dessa forma você mata a especificidade do texto. Hoje já passou o estruturalismo, mas naquele tempo eu ficava um pouco contristado de ler teses de estudantes daqui e de teóricos europeus, pois pareciam que todas as obras se reduziram a um modelo único. Se você reduz alguma coisa a algum modelo único você mata a coisa. (...) A estrutura profunda não é o essencial, o essencial é o que está revestindo essa estrutura. A compreensão desse revestimento também é necessária para entender a estrutura. O estruturalismo só considerava a estrutura, o esqueleto. Ninguém consegue fazer só isso, mas eles tendiam a isso. Os estruturalistas tinham aquela mania de dizer, que tudo é binário, que através de uma relação binária você entende todo o conto do século XIX, você reduz o conto popular a cinco modelos, essas coisas todas. Existem, é claro, as tendências do espírito humano, tendências intemporais, arquetípicas, mas o importante é perceber como essas tendências arquetípicas revestem formas concretas de acordo com a época. Então aquela minha comunicação de Assis marcou um momento de amadurecimento destes meus pontos de vista.<sup>101</sup>

Para cotejar as declarações de Antonio Candido e finalizar esta exposição das duas principais teses do Congresso e afirmar a posterior utilização destas ideias no curso de Letras, existem os comentários de Teresa Vara, que admite ter usado esse método posteriormente, quando ela passou a ser professora na USP. Segundo ela, Candido e seus pares da crítica estrutural revolucionaram os moldes de análise literária do período. De acordo com ela:

---

<sup>101</sup> CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]; op. cit.

Esse aprendizado do concreto se aprofundou, depois, nos cursos de Literatura, nos primeiros contatos com o poema e o romance, o mesmo desafio da forma e da construção e com ela a noção de estrutura; ali desenvolvíamos um trabalho rigoroso de sensibilidade e percepção na leitura dos textos literários, descobríamos a relação das partes com o todo, a visão do detalhe e do conjunto, que nos permitiam, depois, saltar dos romances para o cinema, o quadro, a fotografia e os cenários do cotidiano; os primeiros cursos de Literatura reforçaram a percepção estética junto com a noção de estrutura a partir da qual se captavam os elementos de organização interna do romance, que podiam estar vinculados aos desejos e paixões, aos conteúdos biográficos e sociais. Por detrás dessa trama finíssima e sutil, invisível a olho nu, podíamos, enfim, captar o elemento social externo como elemento interno de organização do romance; isso na década de 60, revolucionava os moldes de análise e interpretação da obra literária. (Vara, 2001, p. 85)

Embora os apontamentos da orientanda de Antonio Candido tentem desmontar a complexidade dessa metodologia para facilitar a compreensão, eles dão provas do pioneirismo da mesma, ao reafirmar o alto nível intelectual e a importância dos debates em curso no 2º Congresso de Crítica, para a formulação e posterior difusão prática desses referenciais nos cursos de Letras.

Como colocado anteriormente, o propósito deste livro é mais uma exposição do que um aprofundamento das questões teórico-literárias em debate, todavia, é necessário exceder e descrever os pormenores, pois eles permitem as conexões históricas legitimadoras do momento de revolução e mudança da crítica literária, bem como da conjuntura de paradigmas nas ciências humanas entre os anos 1950 e 1960. A definição conceitual da crítica literária de Antonio Candido foi certamente o principal resultado

desses conclaves literários – de Recife-PE (1960) e Assis-SP (1961), especialmente o último.

Essas discussões, presentes na organização curricular dos Cursos de Letras da época, foram colocadas no âmbito do ensino universitário, visando atingir sua prática e colher seus possíveis desdobramentos. Tais debates nortearam também a chamada *Mesa Redonda: Problemas do Ensino de Literatura*, ocorrida no congresso em 26/07/1961 (Fotos 28 e 29), com os seguintes objetivos:

*Organização* – A par das discussões correspondentes ao temário do Congresso, seus promotores projetaram a organização de uma Mesa Redonda, com elementos expressamente convidados, destinada a completar, do ponto de vista do ensino universitário, o exame dos temas do Congresso. Essa Mesa Redonda, que se subordinaria ao tema, *O Ensino da Literatura em conexão com os modernos Métodos da Crítica*, por proposta de sua Secretaria, integrada pelos Professores Jesus Bello Galvão e Naief Safady, veio a se orientar no sentido da discussão de um problema menos amplo, mas com a vantagem de estar ligado mais diretamente à realidade brasileira e particularmente à finalidade e aos currículos de ensino do Curso de Letras das nossas Faculdades de Filosofia. Ficou, assim, a Mesa Redonda do Congresso restrita à discussão dos *Problemas do Ensino de Literatura*. (C.B.C.H.L., 2º, 1961, Assis/SP. *Anais...* 1963, p. 637)

Para preparar a pauta das discussões, a mesa elaborou um primeiro questionário-base, encaminhado a uma centena de professores de literatura das diferentes universidades brasileiras, com o propósito de colher informações sobre suas experiências no âmbito universitário e suas opiniões acerca dos problemas do ensino de Literatura.

Depois deste primeiro questionário, a Secretaria organizou um segundo, que funcionou como base para as discussões da Mesa Redonda do 2º Congresso: o 2º *Quest.*

-*Base acerca dos Problemas do Ensino Superior da Literatura*, permaneceu em sintonia com as discussões dos dois congressos ocorridos e tinha o seguinte conteúdo:

TEMA I – *Objetivam* as Faculdades brasileiras de Filosofia: ‘Formar professores com espírito crítico, respeitadas sempre as opções vocacionais emergentes, mesmo fora do terreno propriamente profissional – professor ou crítico literário.’

TEMA II – Para tanto, devem ser tomadas tais providências: 1. Ministrando cursos em profundidade, não em extensão; 2. Partir da aquisição de técnicas de leitura e interpretação (análise dos textos) para chegar ao domínio consciente da teoria literária; 3. Subministrar antes a teoria literária e descer, então, ao estudo e análise do texto; admissível transitória simultaneidade de processos; 4. Ensinar a ler, selecionar e pensar criticamente o texto; 5. Reformular a metodologia, uniformizando-a inclusive; 6. Dissociar o ensino da língua, do ensino da respectiva literatura, sobretudo nas letras estrangeiras; 7. Reestruturar os currículos.

TEMA III – Solução para problemas extra-escolares, fatores da deficiência do ensino de Literatura; 1. Trabalho, em regime de tempo integral ou dedicação plena, de professores e alunos; 2. Localização das Universidades em pequenos centros urbanos; 3. Contratação de monitores estrangeiros, recém-saídos das Universidades e especializados na *metodologia* do ensino e da pesquisa; 4. Extinção da vitaliciedade de cátedra; 5. Instalação de Centros ou Institutos de estudo e pesquisa de Língua e Literatura. (Idem, pp. 638-639)

Segundo os *Anais*, o início da discussão fugiu do primeiro item proposto para se concentrar no item 7 do tema 2 – a reestruturação dos currículos, pois tal questão era a mais preocupante para todos. Entre os participantes assinala-se Wilton Cardoso (na Presidência), Jorge de Sena, Jonas Speyer, Joel Pontes, Clemente Segundo Pinho, Hércio Martins, João Alexandre Barbosa, Antonio Candido, Wilson Martins, Vítor Ramos,

Adolfo Casais Monteiro, Carlos Burlamáqui Köpke, Stanley R. Cerqueira, Jesus Bello Galvão e outros. (Idem, p. 640) No longo debate sobre a questão curricular, destacaram-se alguns pontos importantes que tinham íntima conexão com a experiência desenvolvida pela FFCL de Assis.

Foi debatida a possibilidade de inserção – nos currículos de Letras – das disciplinas de Teoria Literária e Introdução aos Estudos Literários, sobre o que se manifestaram Vítor Ramos e Jonas Speyer, professores da FFCL assisense, mencionando o êxito na criação da Cadeira de Introdução aos Estudos Literários, desde o início da Faculdade. Na sequência, Hécio Martins apresentou um *Projeto de Resolução* proveniente dos debates, deliberando que:

Os estudos universitários de Letras devem ser precedidos de um ano de trabalhos propedêuticos, assim organizados: 1. Introdução aos estudos literários; 2. Introdução aos estudos linguísticos; 3. História da Antiguidade (da Civilização e da Cultura) e da Idade Média (para o Curso de Letras Clássicas); 4. História da Idade Média e Moderna (para os Cursos de Letras Românicas e Germânicas); 5. Língua Portuguesa; 6. Língua Latina (para os cursos de Letras Românicas e Clássicas). (Idem, p. 645)

O projeto acima, aprovado em votação, desencadeou outras intervenções, como a do professor de história da FFCL de Assis José Ferreira Carrato, que destacou a importância das disciplinas de História no currículo de Letras e lembrou a experiência da FFCL de Assis “que implantou a Cadeira de História da Cultura, funcionando como um curso fechado, propedêutico e articulado com as várias seções de Letras, desde sua fundação.” (Idem, p. 645) Numa leitura atenta do 2º *Quest.-base*, percebe-se que as experiências propostas eram praticadas na FFCL de Assis, como, por exemplo, o Regime de Tempo Integral. A conclusão de que a experiência da faculdade assisense contribuiu

nos debates da Mesa Redonda é enfocada no depoimento de João Alexandre Barbosa, ao apontar que:

A mesa redonda sobre a discussão do ensino da Literatura foi fundamental naquele momento porque a FFCL de Assis podia dar uma grande contribuição. A experiência nela realizada foi singular com relação ao resto da universidade brasileira, isto é, em nenhum lugar do Brasil se fazia uma experiência tão radical de ensino literário quanto em Assis. Primeiro devido à qualidade intelectual dos professores, que era do mais alto nível no Brasil daquele momento. Segundo, pelas condições físicas, nas quais os professores podiam dar tempo integral. Hoje parece ser tolice, mas tudo isso foi fundamental naquele momento, quer dizer, o Estado de São Paulo pagava os professores para pesquisar e ensinar e no resto do Brasil isso era muito difícil. No Rio de Janeiro – que talvez fosse o lugar mais possível para isso, depois de São Paulo – ninguém dava tempo integral. Naquele tempo o professor de literatura era, ao mesmo tempo, funcionário de um Instituto de Previdência, ou jornalista – o que era o mais comum –, mas não existia professor em tempo integral. Então Assis tinha toda a possibilidade de discutir e propor em alto nível uma reflexão sobre o ensino da Literatura. Por isso essa Mesa Redonda ocorreu no âmbito do Congresso e foi importante. Para mim pelo menos foi, eu era um jovem professor de 24 anos e queria ouvir o que é que se estava fazendo. Para mim foi fundamental, foi a abertura do mundo.<sup>102</sup>

Na segunda sessão da mesa redonda, houve talvez uma das participações mais importantes, novamente com Adolfo Casais Monteiro. Antes de ler o projeto que iria propor à mesa, fez o anúncio oral, no qual se preocupava em colocar o especialista de crítica literária e literatura num âmbito maior dentro das ciências humanas:

---

<sup>102</sup> BARBOSA, J. A. João Alexandre Barbosa: depoimento [nov. 2001]. CEDEM/UNESP-SP. op. cit.

Em primeiro lugar, proponho a organização de um Curso de Língua e Cultura Nacional, curso que visa à formação humanística dos professores de língua e literatura nacional, formação esta que viria a impedir que o professor fosse mero especialista, e se encontrasse, ao tratar da respectiva especialização, bem enquadrado em todos os problemas da cultura a que pertence. (C.B.C.H.L., 2º, 1961, Assis/SP. *Anais...*1963, p. 647)

O professor Antonio Candido lembra que suas preocupações sobre o ensino de literatura, no período, também iam ao encontro das opiniões de Casais Monteiro:

Então eu tinha muita noção de que o ensino da literatura tinha que ser feito de uma maneira que mostrasse o que eu chamava, de “a eminente dignidade das Letras.” Então era preciso que o professor brasileiro de literatura fosse um pouco como seus colegas europeus e americanos, que conhecem a filosofia, a história e a sociologia, para poder situar a literatura e não ficar em posição de inferioridade quando fosse para discutir a função da literatura. A literatura da cidade, a literatura do estado, a literatura na vida. Isso fazia um pouco de falta para o professor de literatura. Acho que foi por aí que eu entrei no Congresso. O que eu pensava era isso e foi o que eu procurei desenvolver aqui em São Paulo.<sup>103</sup>

Ainda sobre a participação de Monteiro na Mesa sobre Ensino de Literatura, este fez a leitura do projeto intitulado *Plano e justificação de um Centro de Estudos e Pesquisas de Língua e Cultura Nacional*. (Idem, pp. 647-653) Casais Monteiro, que escreveu o projeto em tom de resposta, fez sugestões à “reforma das Faculdades de

---

<sup>103</sup> CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]; op. cit.

Filosofia” que se anunciava e ressaltou o caráter experimental de tal Centro de Estudos – podendo ser criado inicialmente numa universidade ou então independente dela – e indicou a necessidade de que se “procurasse dar solução às necessidades do ensino universitário no campo da cultura nacional, especificamente nos da língua e da literatura.” O proponente transmitiu, então, o objetivo do Centro de Estudos para com os estudos literários gerais, que se transcreve a seguir:

Para dar ao estudo da Língua e da Literatura a sua plena ressonância, importa que elas “surjam”, não como “expressão”, do meio, mas como uma das específicas partes que o constituem, como uma das faces da vida nacional e da cultura em que esta se integra. Daí a necessidade de integrar o seu estudo no da evolução através da qual se delinearão as modalidades da cultura nacional, ou seja, juntamente com a da formação histórica, econômica e política, e dando-se à *sociologia da cultura* o relevo que se torna indispensável para alcançar uma visão global e racional do presente. (...) Pois ao professor de literatura compete essencialmente mostrar, nas grandes criações dela, a própria síntese de todas as outras manifestações culturais. (Idem, pp. 647-648)

O interesse com a “cultura nacional” ficou mais explícito quando Casais Monteiro, que era português, refletiu sobre a necessidade da manutenção da proximidade entre as culturas lusitana e brasileira, sobretudo, porque tal reflexão era importante naqueles tempos em que Portugal passava pela ditadura salazarista. De acordo com ele,

cumpriria “dar realidade” à cultura luso-brasileira, não em posição a quaisquer outras, mas pela evidente necessidade de darmos ao conhecimento de nós próprios a preeminência que obviamente lhe cabe. E se aqui digo “nós”, incluindo portugueses e brasileiros, é por não me parecer que tenha sentido a separação, que só poderia ser

artificial, entre uma cultura brasileira e uma portuguesa; e digo ainda “nós” porque tão necessária se me afigura a sugerida “experiência” no ensino superior do Brasil como no de Portugal. Simplesmente, numa democracia vale a pena sugerir e tentar a realização dela, quando em Portugal, nem sequer me seria lícito expô-la através da imprensa. (Idem)

Adolfo Casais foi perseverante no sentido de conectar essas discussões sobre os estudos literários em um horizonte amplo. Assim fez no trecho acima com relação à situação portuguesa e estendeu-se ainda mais ao tratar também da universidade brasileira, ao ressaltar que o papel dela é muito mais complexo do que em outros países do velho mundo, cuja cultura estava formada. Segundo ele, “a universidade brasileira, que surgiu antes de ter ganho forma uma consciência cultural brasileira, que a tivesse podido amoldar às necessidades”, deveria desempenhar uma “função pioneira de orientar a cultura por novos caminhos substituindo a tradição que faltava.” (Idem, p. 650)

Monteiro finalizou a apresentação do projeto com o que “seriam as matérias do curso de Língua e Literatura Nacional (todas elas obrigatórias – as matérias optativas, e cursos mais especializados seriam assunto para estudo posterior)”. As matérias apresentadas e as ideias expostas acima sintetizam os desejos do autor e demonstram sua preocupação em constituir e colaborar num projeto nacional – igualmente um desejo do imaginário nacionalista das décadas de 1950 e 1960.

O projeto de Casais Monteiro foi submetido à discussão da Mesa e aprovado com uma breve resolução, depois encaminhado à plenária do 2º Congresso. (Idem. p. 657) As intervenções do debate partiram de Wilton Cardoso, Vítor Ramos, Sami Sirihal, Clemente Segundo Pinho, Carlos Burlamáqui Köpke, Antonio Candido, Carlos de Assis Pereira, Elvo Clemente, Hércio Martins, Naief Sáfady, Manuel Cerqueira Leite e Wilson Martins. Dentre elas, destaca-se a de Wilton Cardoso – que louvou a preocupação do proponente com as competências da universidade – e a de Antonio Candido – que destacou a boa

fundamentação do plano de Casais Monteiro, apontando que o mesmo apresentava viabilidade para a situação das seções de Letras das Faculdades de Filosofia. Entretanto, Candido acrescentou que não seria possível pensá-la antes de uma profunda mudança da estrutura curricular existente, pois, para ele, o padrão da USP seguia o modelo adotado pela Universidade do Brasil e não era muito bom. Além disso, ele chamou a atenção para o padrão da Universidade do Distrito Federal, engendrado por Anísio Teixeira. (Idem, pp. 655-656) No depoimento oral, Antonio Candido esclarece melhor sua intervenção de quarenta anos antes ao afirmar que:

Na Universidade do Distrito Federal o Anísio Teixeira criou coisas novas. Literatura Comparada, por exemplo, ele criou lá, era o único lugar no Brasil que existia. História da Arte também. Lá, eles estimulavam que o aluno de Literatura seguisse os Cursos de História e que o aluno de História seguisse os Cursos de Literatura.<sup>104</sup>

A ideia de criar uma intercomunicação fecunda entre os estudos, especialmente os históricos, sociológicos e estéticos, demonstrou ser a principal reivindicação dos acadêmicos de literatura daquele momento.

Posteriormente, em meio ao extenso debate em torno do projeto de Casais Monteiro, o concretista Décio Pignatari encaminhou outro projeto, também discutido e acatado, relativo ao item 5 do tema 3 – Instalação de Centros ou Institutos de Estudo e Pesquisa de Língua e Literatura – muito semelhante ao apresentado pelo crítico português. (C.B.C.H.L., 2º, 1961, Assis/SP. *Anais...* 1963, pp. 660-661)

No encerramento dos trabalhos, os alunos participantes do congresso fizeram uma solicitação, recebida e aprovada pela Mesa Redonda, com o seguinte conteúdo:

---

<sup>104</sup> CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]; op. cit.

Solicitam os alunos da Faculdade de Filosofia de Assis a necessidade da inclusão da Cadeira de Filosofia no currículo dos cursos de Letras. A título de informação: O Centro Acadêmico XVI de Agosto mantém, nesta Faculdade, um Curso de Introdução à Filosofia, o qual, dado em horas extras, é assistido pela quase totalidade dos alunos. (Idem, p. 663)

Também ocorreu o encaminhamento da proposta de Aída Costa de se pensar na elaboração de um Dicionário de Termos Literários. Essas colocações marcaram o encerramento da reunião sobre os problemas do ensino de literatura.

A descrição do evento desperta muitas reflexões, pois discutiu-se a constante preocupação em especializar a crítica, integrando-a com as demais disciplinas de ciências humanas. A essência das discussões conectou tais estudos e teorias com a sociedade e o elemento social, sendo também explícita a referência a um projeto nacional, porque o que se almejava – além de uma educação literária engajada, sem distanciamentos entre a disciplina e a sua aplicação nos currículos universitários – era a difusão maior da literatura no Brasil, para contribuir na interpretação da identidade brasileira por meio da literatura.

A crítica à rigidez curricular e ao especialismo entre as áreas é latente no conteúdo do congresso. O que ainda não foi resolvido nos dias atuais, nos quais o especialismo e a falta de atividades interdisciplinares dominam a universidade brasileira. Contudo, é significativo pensar que tal reivindicação contra o especialismo foi elaborada na primeira metade do século XX. Na origem das ideias de formação, em fins da década de 1950, é importante situar a influência de Antonio Gramsci. Suas categorias de entendimento, conhecidas por alguns dos congressistas de 1961, serviram de orientações às propostas educacionais de então. Gramsci, cuja voz alcançava eco naquele período, critica a

tendência das escolas voltadas para a especialização, uma vez que foi constante o desejo de se proporcionar uma formação cultural geral. (Gramsci, 1979, p. 119)

No encerramento do congresso, em 29/07/1961, foram feitas algumas resoluções importantes. (C.B.C.H.L., 2º, 1961, Assis/SP. *Anais...*1963, pp. 613-634) Entre elas: a votação das propostas de sede do 3º Congresso (com a sugestão da Universidade da Bahia e da Universidade da Paraíba – onde de fato foi realizado); a leitura feita por Jorge de Sena da carta dos ausentes, Óscar Lopes (delegado do Congresso em Portugal) e Antônio José Saraiva – impedidos pela ditadura salazarista de participarem do evento. Fato que moveu o crítico Hécio Martins, a propor de imediato a elaboração da carta de protesto que foi lida em seguida. Nos discursos de encerramento, Wilton Cardoso enfocou a importância do congresso que “perturbou a acolhedora mansidão da cidade de Assis”, e Jorge de Sena destacou a presença de uma juventude crítica, ressaltou alguns problemas discutidos no evento como a estrutura da obra literária, a crítica das fontes e o equacionamento da questão da crítica sociológica, que estava longe de ser um critério superado.

No discurso final, Soares Amora, em nome da Comissão Organizadora e do Governo do Estado, agradeceu a participação dos congressistas e felicitou os idealizadores do evento, desejando êxito aos organizadores do próximo, que se realizaria na Paraíba. Além da recepção de confraternização, com um churrasco na Fazenda Maracaí, do casal Paulo Rezende (Foto 30), o congresso de crítica ainda promoveu algumas apresentações culturais como espetáculos, exposições e atos sociais.

Embora o jornal *Folha de São Paulo* tenha feito somente duas notas sobre o congresso de Assis – nas edições de 28/07 e 30/07 de 1961 – houve uma ampla cobertura do evento de crítica literária em outros jornais de grande circulação, como é o caso de *O*

*Estado de S. Paulo*, que trouxe notas diárias durante a semana do congresso, descrevendo as apresentações de teses e as atividades realizadas. (Fotos 31, 32 e 33)

Entre outros congressos no mesmo ano, também noticiados pelos jornais, estão o 2º Festival do Escritor, no Rio de Janeiro e o 1º Simpósio dos Professores de História do Ensino Superior, na FFCL de Marília, realizado em outubro de 1961. (*O Estado de São Paulo*, edições de julho de 1961) Este último deu origem a ANPUH (Associação Nacional dos Professores Universitários de História) e é mais uma importante realização do sistema de Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo.

Segundo Antonio Candido e João Alexandre Barbosa, o 3º Congresso de Crítica, ocorrido em João Pessoa, também foi importante. A edição paraibana dividiu as atividades em duas partes, sendo uma delas teórica e a outra temática, tratando da obra do escritor paraibano José Lins do Rêgo. Os concretistas e alguns membros da FFCL assisense, como Teresa Vara e Vítor Ramos, estiveram presentes e apresentaram teses. Entretanto, sabe-se que os debates iniciados em Assis não continuaram, pois as edições seguintes, como o quarto congresso de crítica, marcado para Brasília, parece não ter se realizado, visto que não há dados disponíveis que comprovem sua realização.<sup>105</sup>

Além da unânime lembrança do 2º Congresso na maioria dos depoimentos orais pesquisados, outras referências destacam o significado desse evento para a formação da crítica literária brasileira e duas delas foram publicadas em grandes veículos de informação na segunda metade da década de 1990. A primeira foi o ensaio *Crítica literária no Brasil, ontem e hoje*, de Benedito Nunes, publicado na *Cult – Revista Brasileira de Literatura*, no qual o crítico paraense percorre as principais correntes da crítica literária no Brasil, desde Silvio Romero até os dias atuais, ressaltando o Segundo Congresso de Assis, onde “se manifestou as diversas mansões da crítica no período”.

---

<sup>105</sup> CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]; op. cit. & BARBOSA, J. A. João Alexandre Barbosa: depoimento [nov. 2001]. CEDEM/UNESP-SP. op. cit.

(Nunes, 1999) A segunda, publicada no Caderno “Mais!” da *Folha de S. Paulo*, foi uma entrevista de Roberto Schwarz, que relata os seus primeiros contatos com Antonio Candido e recorda o Segundo Congresso de 1961. (Schwarz, 1997) Vaidergorn (2003, p. 205) igualmente, escreveu que “os eventos que ocorriam nas FFCL marcaram época. Não foi só a famosa Conferência de Sartre; houve também, por exemplo, o Congresso de Crítica Literária de Assis de 1961.”

## **2. 5 – As atividades culturais realizadas junto à comunidade local.**

Embora tenha havido uma relação um tanto conturbada com a cidade de Assis, nos primeiros anos a partir de 1962, a FFCL proporcionou alguns serviços culturais à comunidade que, assim como demais cidades do interior paulista, era carente neste sentido. As primeiras manifestações partiram dos professores do corpo docente que, juntamente com os alunos, orientavam peças de teatro, promoviam cursos de cinema e apresentavam palestras sobre literatura. O propósito de criar um entrosamento com a cidade era explícito na realização, no início de cada ano letivo, das chamadas “Aulas Magnas”, cujo convite era aberto aos munícipes. (Ata de Reunião da Congregação da FFCL de Assis, de 07/12/1961, no 2º Livro de Atas de Reuniões dos Professores da FFCL de Assis; fl.05)

Os professores que viajaram ao exterior durante o período em que fixaram residência em Assis, no retorno, relatavam suas impressões sobre os países estrangeiros para a população local, por meio de entidades de classe como o Rotary, o Clube Sírio-Libanês, o Lions, entre outras. (A *Gazeta de Assis* de 10/01/1960) Da combinação entre a FFCL e essas organizações, foi possível promover várias atividades teatrais, musicais, projeções de filmes, palestras, dentre outras. A iniciativa do Clube Sírio-Libanês de Assis

e da faculdade viabilizou a apresentação do drama *Eles não usam Black-Tie*, do Teatro Arena de São Paulo, cujo elenco era composto por Vera Gertel, Oduvaldo Vianna Filho, Flávio Migliaccio, Xandó Batista, Lélia Abramo, Dirce Migliaccio, Henrique César, Francisco de Assis, Riva Nimitz e Milton Gonçalves. (*A Gazeta de Assis* de 05/09/1959)

Em março de 1961, a FFCL trouxe a Assis o crítico de cinema, Paulo Emílio Sales Gomes, para exhibir e discutir alguns filmes e também Florestan Fernandes para proferir uma conferência sobre a Escola Pública. (*Jornal de Assis* de 13/05/1961) Houve ainda o Clube do Disco, a promoção Noite do Romance – no Assis Tênis Clube, em 20/04/1960 –, os Ciclos de Audição de Música Clássica, em 1960, e a organização de um cursinho pré-vestibular pelo Centro Acadêmico XVI de Agosto. Em junho de 1959, com o apoio da Comissão Estadual de Teatro, a faculdade trouxe aos palcos da cidade Cacilda Becker e seu grupo.

Além dessas atividades, a Cadeira de História da Cultura, sob a responsabilidade de Ferreira Carrato, promoveu a instalação de um Museu do Ferroviário na cidade e aprovou os Estatutos da U.E.A. (União dos Estudantes Assisenses), em Assembleia de 22/03/1960, e, em 1961, o programa de rádio “Falam os Estudantes”, na Rádio Difusora de Assis.<sup>106</sup>

A realização do 2º Congresso de Crítica também resultou num momento de confraternização com a comunidade local através do Recital de Poesia de Paulo Autran, na noite de 24/07/1961, na qual o ator recitou poesias de Vinícius de Moraes, Mário Quintana, Cecília Meirelles, João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, entre outros. Na mesma noite, ocorreu o *Espetáculo Teatral da Companhia Tônia-Celi-Autran*, com a encenação da peça “Fim de Jogo”, de Samuel Beckett.

---

<sup>106</sup> CARRATO, José Ferreira. *Dossiê dos Primeiros Anos*. Assis, 1988. Encadernado. Arquivo da FCL de Assis, CEDAP/UNESP – Assis/SP.

Na noite seguinte, foi projetado o filme *Un Chapeau de Paille d'Italie*, seguido da palestra do crítico Paulo Emílio Sales Gomes, então Diretor da Cinemateca Brasileira. Em 26/07, o Grupo de Teatro Amador de alunos do TEFLA apresentou-se para os congressistas, representando a peça patrocinada pela FFCL, “As Noivas”, dirigida por Haydée Bittencourt, da Comissão de Teatro Estadual. (Foto 34) Houve ainda o lançamento do 2º Volume da *Revista de Letras da FFCL de Assis*, exposições de livros e documentos e, finalmente, o lançamento da pedra fundamental para a construção do novo prédio na Av. Dom Antônio. (Fotos 35 e 36) Vale ressaltar que, embora a comunidade assisense fosse leiga no tocante ao que se discutia no Congresso, ela prestigiou as atividades culturais.

Os funcionários também acompanharam e ajudaram na organização do segundo congresso e alguns documentos mostram a confraternização deles durante o evento. Outras fontes apontam que o convívio dentro da FFCL motivou alguns funcionários a tornarem-se alunos. Aparecida Carlos Carricondo, uma das primeiras funcionárias, que posteriormente estudou na FFCL de Marília, relaciona os nomes de colegas funcionários que começaram a entrar na FFCL depois de 1960, e alguns deles aparecem na Foto 37 do *Caderno de Fotos* ao final: João Nogueira Prado, Antenor Joaquim dos Santos (o Sr. Santinho), Waldenice Nigro, Evaristo, Dona Mercedes de Oliveira, Dona Hilda, Edna, Ruth, Osvaldo, entre outros.<sup>107</sup>

---

<sup>107</sup> CARRICONDO, A. C. Aparecida Carlos Carricondo: depoimento [nov. 1992]. Entrevistadora: Marlene Ap. de Souza Gasque. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

## 2. 6 – O novo prédio da FFCL de Assis (Campus da Unesp).

Devido ao fato do primeiro prédio da FFCL, anexo ao colégio Santa Maria, ser alugado, o desejo de construir um edifício próprio para a faculdade foi latente para o diretor Amora desde o momento inicial. Por isso, em fins de 1959, o diretor começou a aventar a possibilidade de adquirir um terreno para construí-lo. O deputado Santilli, então, sugeriu-lhe um terreno na Avenida Dom Antônio, próximo à saída para a rodovia que liga Assis ao Estado do Paraná, o que é observado pelo ex-secretário Divo Vara:

Existe também, vamos dizer, “a história do campus.” Eu creio que não tem muita gente que saiba. O deputado Santilli Sobrinho – que foi o criador do projeto da Faculdade e sempre esteve caminhando junto, amparando a Faculdade nesse tempo – tinha uns terrenos lá perto, onde hoje é a Faculdade. Ele fez menção de doar esses terrenos para a construção do prédio próprio. Muito bem. Aí nós fomos, ele, o Antônio Augusto Soares Amora e eu. Fomos fazer um reconhecimento do terreno. E o Prof. Amora disse: ‘Eu quero aqui.’ Foram três alqueires e pouco delimitados para que o Zeca [Santilli Sobrinho] doasse para a Faculdade. A doação teve um preço simbólico, foi o preço de um cruzeiro por alqueire, ou coisa assim. Mas ocorre que o Zeca não conhecia bem o que ele tinha por ali. E onde o Soares Amora delineou para o terreno a ser doado, dois alqueires não eram do Zeca. Então ele comprou, por um preço que eu não me lembro quanto, para doar à Faculdade, por um cruzeiro o alqueire. Então foi uma coisa bastante importante da parte do Santilli Sobrinho. Além de ser o dono do projeto de criação da Faculdade, foi também o doador do terreno. (...) E aí se começou a construir. Lançou-se a pedra fundamental. A cidade inteira prestigiando sempre. E assim começou, construiu-se o primeiro prédio.<sup>108</sup>

---

<sup>108</sup> VARA, D. Divo Vara: depoimento [dez. 1991]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit. Cf. também AMORA, A. A. S. Antônio Augusto Soares Amora: depoimento [jan. 1992]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

A partir das informações fornecidas por Divo Vara, começa a chamada “História do Campus” universitário atual. Como foi colocado, o diretor Amora sempre se preocupou em criar um espírito universitário na FFCL de Assis, o que também é expresso no próprio projeto arquitetônico, que planejou construir um prédio com aspecto de primeiro mundo, baseando-se nos *campi* universitários que ele conhecia do exterior – principalmente os norte-americanos. Assim, o projeto foi concebido pelo arquiteto João Walter Toscano e executado pelo engenheiro civil Jorge Fidelino Figueiredo, filho do eminente crítico português e cunhado do professor Amora.

O projeto arquitetônico de um campus suburbano foi desenvolvido rapidamente entre os anos de 1959 e 1960, para que pudesse entrar nos orçamentos do PAGE (Plano de Ação do Governo do Estado). O “Plano de Ação” de Carvalho Pinto, assim como para a realização do 2º Congresso de Crítica, foi fator decisivo nos planos do diretor Amora. Nessa altura, é possível afirmar que entre Jânio Quadros e Carvalho Pinto, o segundo foi o governador que mais colaborou para a expansão do ensino superior no estado.

A notícia do terreno foi recebida pela cidade no início de 1961 e, embora Divo Vara afirme que “a cidade prestigiou como sempre”, outras fontes acusam um processo polêmico de acomodação da ideia do novo campus. Segundo Amora, houve resistência por parte da cidade e também da comunidade acadêmica. Em depoimento, o diretor narra esse processo, falando inclusive da existência de índios no local do novo prédio:

Estávamos preocupadíssimos com isso, porque nas nossas congregações éramos (os primeiros diretores das FFCL de Assis, Marília e Rio Claro) constantemente interpelados sobre este crime de lesa majestade que era levar a Universidade de São Paulo para o interior do Estado, que é desfigurar a Universidade de São Paulo. Porque a USP é uma universidade de elite, e implantar uma unidade numa cidade de 35 mil habitantes, na boca do sertão que era Assis, onde eu encontrei índios no terreno da faculdade. Lembro-me

que ainda construí para dois índios que viviam lá. Mandeí construir a casinha deles, a água deles e demais coisas necessárias para não mexer com eles. Por aí se vê, que realmente, sair da Dr. Arnaldo, da Maria Antônia, da Praça da República, etc, etc... Enfim, sair da *urbs* paulista para a boca do sertão, isso era um crime. Havia uma incompatibilidade entre o interior e a universidade. Naquela época também sofremos, sofrer no bom sentido, pois fomos interpelados várias vezes, de maneira que cada um respondeu e procurou responder o melhor possível, pela sua incumbência. (...) Essa história de onde implantar sempre exigiu muito – desde o começo quando decidimos pelo colégio Santa Maria, no qual também surgiram várias hipóteses de locais –, porque sempre há muitos interesses imobiliários dentro de uma cidade. Então foi aquela polêmica. Quando foi para construir o Campus tivemos resistências na Câmara e outras coisas e problemas que se levantaram. Porque queriam que fosse instalada num bairro operário chamado Vila Operária, junto à Estação Sorocabana e aí houve o movimento dos funcionários da estação a favor da instalação. Portanto, foi preciso explicar-lhes o porquê de nós irmos para fora, para um terreno grande com uma mata nativa, o porquê do projeto arquitetônico, enfim várias explicações. Foi preciso uma sessão tumultuada, longa e cansativa que eu tive de enfrentar na Câmara dos Vereadores para fazer esse esclarecimento. E eles entenderam depois. Esta acomodação exigiu muito esforço, quer dizer, percebe-se que, se de um lado houve resistências a um estilo de vida, um estilo de comportamento que é da comunidade acadêmica e universitária, e do outro também houve resistências segundo os interesses locais da cidade.<sup>109</sup>

Além da dificuldade momentânea de explicar e acomodar o projeto do novo prédio entre a população local, a fala de Amora também recupera a questão da resistência da USP à interiorização da universidade. Mais ainda, desperta a reflexão de como o Brasil

---

<sup>109</sup> AMORA, A. A. S. Antônio Augusto Soares Amora: depoimento [jan. 1992]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

era novo, haja vista a informação ressaltada de que o Campus da FFCL, por ironia da história, se estabeleceu num local habitado por indígenas. Naqueles anos a dialética transcendia as teorias manifestadas no congresso e se tornava visível por essas ocorrências que marcavam as contradições de um país periférico em desenvolvimento.

As manifestações de resistência mencionadas pelo diretor Amora foram correntes no jornal *A Gazeta de Assis* (nas edições de 13/01/1961, 31/01/1961, 16/02/1961, 18/02/1961, 14/03/1961 e 06/04/1961), que, a partir desse período, passou a ter uma postura de oposição à Faculdade. Mais tarde, este jornal começou ainda a reivindicar cursos noturnos para a FFCL, alegando que “só os ricos poderiam estudar no sistema vigente.” (*A Gazeta de Assis* de 31/08/1962 e 01/09/1962) Em 1964, a oposição do jornal à Faculdade aparece de forma mais contundente.

No início de 1961, o arquiteto João Walter Toscano e o diretor Amora fizeram uma minuciosa exposição do projeto do campus à Câmara Municipal, na qual o arquiteto mostrou detalhadamente “a gênese plástica e artística de seu trabalho arquitetônico, localizado no meio de uma vegetação natural, em terreno de 75.000 m<sup>2</sup>, no qual seriam levantados 6.300 m<sup>2</sup> de construção, de um edifício moderno e funcional, dotado de um teatro planejado na parte cênica por Aldo Calvo, o criador do teatro de Brasília.” (*Jornal de Assis* de 22/04/1961)

A explicação, acompanhada da projeção de diapositivos, preocupou-se com a questão urbanística, pois o arquiteto apontou que a uniformidade funcional de certos conglomerados arquitetônicos, como a Faculdade, comporia um elemento piloto importante para redirecionar o desenvolvimento urbanístico de Assis que, segundo ele, crescia sem um plano diretor. Prosseguindo, Toscano evocou novamente o planejamento de Brasília e acrescentou que “no futuro edifício da Faculdade a tendência seria definir o eixo educacional da cidade, eixo esse que em todas as cidades modernas (é o caso das

chamadas cidades universitárias) localizava-se fora do centro urbano, por infinitas razões de ordem técnica, estética e pedagógica.” (*Jornal de Assis* de 22/04/1961)

Os esclarecimentos contentaram as autoridades locais e a construção, iniciada em meados de 1961, terminou no segundo semestre de 1962 e as instalações foram ocupadas com pleno funcionamento, em 1963. O edifício com estrutura de concreto armado e aparente, que destacava algumas paredes de ferro e vidro e outras com elemento vazado, seguia o projeto exposto anteriormente, muito parecido com a arquitetura de Brasília, conforme se pode notar numa observação cuidadosa do atual Prédio 1 do Campus da UNESP de Assis/São Paulo. (Foto 38)

Uma descrição detalhada deste projeto arquitetônico do primeiro edifício da Faculdade de Assis pode ser observada num livro do arquiteto Toscano (2002, p. 46):

Um dos primeiros edifícios projetados para a UNESP, foi concebido a partir de conceitos claros e então renovadores do papel da universidade e sua inserção na comunidade, conceitos esses desenvolvidos por grupos de professores que iniciaram os muitos institutos isolados no estado. O edifício tem a horizontalidade como caráter preponderante. Rampas ligam o acesso às salas de aula que se dispõem em dois níveis, um deles semienterrado. No fechamento da circulação horizontal entre as salas foram utilizados elementos vazados de concreto, moldados no local, que proporcionam boa ventilação.

Ao longo da fachada oposta sudeste, fechada com vidro, estão dispostos os ambientes de serviço e administração, as salas de departamentos, auditórios e salas de aula.

No fim dos anos 1950, João Walter Toscano, um jovem recém-formado que tinha acabado de ganhar o concurso de arquitetura para a construção do Iate Clube de Londrina, foi convidado por Amora, porque este gostou do projeto elaborado para a Faculdade de

Itu, o qual também fora elogiado pelo crítico de arte Lourival Gomes Machado. Toscano tornou-se nome de destaque na história do ensino superior paulista, pois desenvolveu também o projeto arquitetônico para a FFCL de Araraquara. João projetou ainda outros dois prédios para a USP, o Anexo Vila Penteado Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e o Centro de Ciências. (Idem)

Em depoimento oral, o arquiteto João Walter Toscano lembra afetuosamente o projeto de Assis e afirma que a concepção deste estava embasada teoricamente na experiência de Brasília e visava criar um ambiente muito agradável aos estudos. O arquiteto conta que participou do processo de escolha do terreno, sobrevoando o local com um avião “teco-teco” e depois fazendo estudos topográficos. Expõe ainda mais detalhes do projeto original do campus, colocando que havia preocupação paisagística e que a partir desse primeiro prédio se formaria uma grande praça na frente e ao redor dessa praça – propícia aos encontros e relacionamentos – se construiriam outros blocos. Toscano também lamenta a não continuidade desse projeto, atribuída, por ele, aos governos da ditadura que o abandonaram, e cita como exemplo, a construção do teatro da faculdade, do qual foi feito apenas o buraco das fundações – sem conclusão até hoje –, e depois feita uma adaptação de um salão de atos no interior do primeiro prédio. O arquiteto critica ferozmente o tratamento dado à arquitetura no Brasil, que acarreta abandonos de projetos e intervenções equivocadas nos antigos projetos descaracterizando-os. A exemplo disso, menciona os estacionamentos e o estilo arquitetônico predominante na construção de escolas, chamadas por ele de estilo “barracão”, que é simplesmente um corredor com várias salas, feio e sem o conforto e a estrutura necessária para os estudos.<sup>110</sup>

---

<sup>110</sup> TOSCANO, J. W. João Walter Toscano: depoimento [mai. 1994]. Entrevistadora: Anna Maria Martinez Corrêa. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

A nova localização da FFCL, criticada pela sua distância do centro da cidade, começou a afastar os seus poucos frequentadores externos da faculdade. Um deles, o advogado Waldomiro Galvão de Camargo, que foi aluno ouvinte de alguns cursos conta seu processo de distanciamento devido à localização do novo prédio. Observe suas memórias:

Foram duas causas para o meu afastamento da Faculdade e da Faculdade para comigo. Foi construído o prédio, a Faculdade, em certo momento, deixou de ficar lá no prédio do Colégio de Freiras Santa Maria e foi para o prédio novo. Então ficou muito distante, mesmo de carro levava tempo, o trânsito foi ficando mais denso e mais perigoso. De noite também era muito escuro, então eu me afastei, acabei por me afastar completamente. Eu não pude mais frequentar nem como ouvinte.<sup>111</sup>

Fundamentando-se no depoimento acima, percebe-se que o distanciamento que começou a ocorrer anteriormente, devido às primeiras críticas à FFCL e também em relação aos alunos, acabou por se agravar com a localização do novo prédio. Um pouco da consolidação desse distanciamento e a animosidade do povo da cidade – que outrora colaborava para a concretização da FFCL, segundo a Placa de Fundação (Foto 39) – serão acompanhadas no capítulo seguinte.

Com a entrada do Governador Adhemar de Barros, em 1963, os projetos de construção no campus foram abortados, como este Teatro, ao lado do Prédio 1, popularmente conhecido como “Buracanã” ou “Piscinão”, ou o buraco de fundações que o arquiteto Toscano se referiu acima. Outro projeto que teve sua construção parada durante algum tempo, na fase da estrutura de concreto, foi o Prédio 2, onde atualmente

---

<sup>111</sup> CAMARGO, W. G. de. Waldomiro Galvão de Camargo: depoimento [mar. 1993]. Entrevistadora: Glacyra Lazzari Leite. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

está localizada a Biblioteca e os departamentos de Psicologia.<sup>112</sup> De acordo com o arquiteto, essa também não deveria ser a localização desse segundo prédio.<sup>113</sup>

Tais fatos, além de demonstrarem as mudanças de rumos do ensino superior no Brasil na época, constituem indícios das políticas pós 1964, que colocaram fim ao projeto inicial da FFCL, bem como promoveram a substituição dos projetos do ensino superior em andamento no período.

---

<sup>112</sup> PRADO, A. L. de A. Antônio Lázaro de A. Prado: depoimento [set. 2000]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

<sup>113</sup> TOSCANO, J. W. João Walter Toscano: depoimento [mai. 1994]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

### **3 – A mudança de rumo com o golpe de 1964 e a animosidade local.**

“Há muita coisa para desenterrar e examinar, porque o pleno entendimento daquele golpe dentro do golpe implica uma revisão mais profunda das preliminares no período 63-64.” (Dines, 1998, p. 11)

Se é necessária a revisão do golpe de 1964 – como entendimento do golpe de 1968 e do Ato Institucional nº 5 e da série de repressões e mudanças que dele decorreram, conforme sugere a epígrafe de Alberto Dines acima –, certamente é justificável observá-lo no âmbito universitário, que constituiu um gueto de oposição ao regime instalado e onde as consequências negativas foram intensas.

Para a FFCL de Assis, que era um fragmento da universidade e da população estudantil da época, o golpe de 1964 deixou profundas marcas no imaginário dos indivíduos que o presenciaram e configurou uma ruptura do projeto iniciado na segunda metade da década de 1950. Não é o objetivo aqui aprofundar o estudo do golpe, mas iniciar uma averiguação de sua ocorrência nos aspectos gerais (a universidade brasileira) e nos particulares (a FFCL de Assis), a fim de ressaltar e indagar algumas consequências.

Sendo 1964 a delimitação final de investigação da história da FFCL de Assis, cabe explicar o motivo de esta ser a data limite – já que o modelo dos Institutos Isolados acaba somente em 1976, com a criação da UNESP (Universidade Estadual Paulista), agrupando essas faculdades – e o que ocorreu de concreto na legislação do ensino superior daquele ano, pois foi neste espaço de tempo que todas as mudanças oficializadas em 1968 e 1976 começaram a ser pensadas.

Ao observar os aspectos mais gerais, ou seja, os acontecimentos e problemas vividos pela universidade brasileira no mesmo período, é possível localizar indícios importantes, como expõe Salmeron (1999), ao citar o caso da demissão geral dos professores da Universidade de Brasília, devido à violência e às retaliações ocorridas em 1964. Salmeron, que coloca a expressão “universidade interrompida” no título de seu livro, também transmite a ideia de que tal data marcou uma interrupção do projeto universitário fundador da instituição. Esse processo de “interrupção da universidade” estava colocado desde 1962.

Da mesma forma, o golpe de 1964 estabilizou um novo modelo de ensino, formado gradativamente nos anos anteriores. Segundo Cunha (1989, p. 13), a “institucionalização do regime autoritário, em 1964, permitiu por sua vez, a realização de uma nova política educacional, já esboçada antes do golpe, que teve seus pontos culminantes na reforma de 1968 e na lei de diretrizes e bases do ensino de 1º e 2º graus de 1971.” Tal colocação está diretamente ligada à ascendência do modelo norte americano difundida no período pós-guerra, cujas provas, principalmente para os países subdesenvolvidos, eram os incentivos americanos à “Pesquisa e Desenvolvimento” [Research & Development], que se tornaram fundamentais para o crescimento econômico” desses países, pois visavam promover as pesquisas técnicas que refletissem diretamente no mercado. (Hobsbawm, 1995, p. 261)

Ainda sobre estas mudanças, Florestan Fernandes, em texto de 1966, portanto contemporâneo ao golpe, faz uma descrição do redirecionamento dos modelos no ensino superior brasileiro, afirmando que:

Os modelos institucionais vigentes, particularmente no setor educacional e com respeito ao ensino universitário, possuem as mesmas origens e sofrem os mesmos percalços. Extraídos inicialmente do estoque cultural ibérico, sofreram renovações durante o ciclo de emancipação política (sob a predominância da influência francesa, ocasionalmente substituída ou suplementada pela influência alemã ou inglesa) e recebem, agora, o impacto da posição hegemônica dos Estados Unidos. (Fernandes, 1976, p. 146)

A hegemonia americana na educação ocorreu por meio de acordos fechados entre o governo norte-americano e o brasileiro, empossado em 1964. Algumas observações sobre esses acordos são destacadas pela historiadora Anna Maria, ao apontar que

o governo de 1964, objetivando o controle da educação, dava instruções para a adaptação das escolas superiores. Os acordos MEC-USAID faziam recomendações a respeito das modificações que deveriam ser feitas nessas instituições com a finalidade de ‘modernização’, respaldando-se em modelos empresariais de organização. (Corrêa, 1998, p. 180)

A institucionalização das orientações dos acordos MEC-USAID (MEC: Ministério da Educação e Cultura [Brasileiro] – USAID: United States Agency for International Development, ou, Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional), aconteceu em 1968, com a reforma universitária. Marilena Chauí descreve essa reforma pelo seu conteúdo autoritário e apresenta algumas pistas do modelo norte-

americano que, então, começava a prevalecer nas universidades brasileiras. Observe a descrição:

Realizada a partir de 1968 para resolver a “crise estudantil”, a reforma universitária foi feita sob a proteção do Ato Institucional nº 5 e do Decreto nº 477, tendo como pano de fundo uma combinação do Relatório Atcon (1966) e do Relatório Meira Mattos (1968). O primeiro preconizava a necessidade de encerrar a educação como um fenômeno quantitativo que precisa ser resolvido com máximo rendimento e mínima inversão, sendo o caminho adequado para tal fim a implantação de um sistema universitário baseado no modelo das grandes empresas “com a direção recrutada na comunidade empresarial, atuando sob sistema de administração gerencial desvinculada do corpo técnico-científico e docente.” O segundo preocupava-se com a falta de disciplina e de autoridade, exigindo a recondução das escolas superiores ao regime de nova ordem administrativa e disciplinar; refutava a ideia de autonomia universitária, que seria o privilégio para ensinar conteúdos prejudiciais à ordem social e à democracia; e interessava-se pela formação de uma juventude realmente democrática e responsável que, ao existir, tornaria viável o reaparecimento das entidades estudantis de âmbito nacional e estadual. O Relatório Meira Mattos propõe uma reforma com objetivos práticos e pragmáticos, que sejam “instrumento de aceleração do desenvolvimento, instrumento do progresso social e da expansão de oportunidades, vinculando a educação aos imperativos do progresso técnico, econômico e social do país.” (Chauí, 2001, p. 47)

Pelas indicações das duas autoras acima, observa-se que não se tratava somente de orientações e mudanças de cunho institucional, mas que, implicitamente, as orientações do MEC-USAID pressupunham reformas de estado que, por sua vez, refletiam um momento de transição da lógica capitalista, do Estado de Bem-Estar sustentado pelo fordismo para a lógica de acumulação flexível que – configurada no final

da década de 1960 – fomentava a área de serviços, culminando em uma grande demanda de profissionais, principalmente nas áreas técnicas. (Silva Júnior & Sguissardi, 2001, p. 104) Assim, tais mudanças na universidade aconteceram em sintonia com as mudanças econômicas do período.

Sabendo que o regime de Tempo Integral acabou antes, ou logo depois de 1964, e que passou-se a incentivar o ensino técnico, percebe-se que o sentido do trabalho educacional mudou e o ensino de cunho cultural e humanístico, voltado para a pesquisa, perdeu espaço ao se adequar à lógica do mercado, que busca resultados mais imediatos. É o que indica os apontamentos do economista João Manuel e do historiador Fernando Novais, quando afirmam que: “A aprendizagem vai se tornando predominantemente um meio de profissionalização, para enfrentar a concorrência no mercado de trabalho, começando a se desvencilhar, assim, dos conteúdos éticos que continha até então.” (Novais & Mello, 1998, p. 642)

Entre os conteúdos éticos apontados pelos autores, pode-se situar a consciência política, incentivada em fins da década de 1950 e contemplada dentro de um programa de ensino que desejava a formação cultural geral, voltada para a realidade social dos indivíduos e para sua emancipação. Uma parcela do resultado dessa perspectiva educacional está presente nos constantes movimentos estudantis na década de 1960.

A “crise estudantil”, apontada anteriormente por Marilena Chauí, foi o crescimento do movimento estudantil, cujo ápice aconteceu justamente em 1968. A expansão universitária ocorrida no final dos anos 1950 proporcionou um aumento significativo no número de estudantes, que passaram a mobilizar-se, formando um grupo conciso contra o golpe e a repressão. Além disso, apresentavam propostas para substituir as políticas vigentes, principalmente a partir de 1962, dentro do contexto do governo João Goulart, no qual reivindicaram uma reforma universitária.

Mundialmente, o movimento estudantil era espaço onde as ideias de esquerda eram mais difundidas, como observou o principal historiador do mundo contemporâneo:

O ressentimento contra um tipo de autoridade, a universidade, ampliava-se facilmente para o ressentimento contra qualquer autoridade e, portanto (no Ocidente), inclinava os estudantes para a esquerda. Assim, não surpreende de modo algum que a década de 1960 se tenha tornado a década da agitação estudantil *par excellence*. (Hobsbawm, 1995, p. 295)

O interesse pelo marxismo foi muito forte entre os jovens acadêmicos do período. Num ensaio que descreve a experiência de estudantes organizados num grupo de estudos que intencionava fazer uma séria leitura de *O Capital* – de Karl Marx –, Roberto Schwarz afirma que “esta prática começou a aumentar e o costume entrou para o movimento estudantil, já no âmbito da resistência de 64. Note-se que, na época, os círculos de leitura de Marx se multiplicaram em todo o mundo, uma ‘coincidência’ que vale a pena examinar.” (Schwarz, 1999, p. 87)

O Movimento Estudantil de 1963, encabeçado por alguns alunos de Assis, representou uma das forças da manifestação política local, ao lado dos ferroviários, que tinham organizado greves anteriormente, junto com outras regiões do Estado e também compunham a frente de resistência ao golpe de 1964 na cidade. (*Voz da Terra* de 17/11/1963, 30/11/1963 e 14/12/1963 e *Voz da Terra* de 30/06/1979 – Suplemento Especial: “A história de 1964 em Assis”)

Essa movimentação, na qual os mais conservadores da cidade posicionaram-se de forma apática, fez parte do fenômeno de reivindicação das “Reformas de Base” que aconteceu também nas demais estâncias do país, então sob o governo de João Goulart.

Nos seus dois anos de vigência (setembro de 1961 a março de 1964), um novo contexto político-social emergiu no país. Este novo quadro caracterizou-se por uma intensa crise econômico-financeira, frequentes crises político-institucionais, extensa mobilização política das classes populares, ampliação e fortalecimento do movimento operário e dos trabalhadores do campo, crise do sistema partidário e acirramento da luta ideológica de classes. (Toledo, 1997, p. 9)

Uma possível solução para coibir os movimentos de contestação ao regime ditatorial estava no bojo das orientações americanas, com a sugestão de construir as faculdades em forma de campus suburbano: com jardins e afastadas do centro da cidade. Se, de um lado, a tranquilidade do campus foi positiva para os estudos, de outro, afastou as faculdades e o movimento estudantil do centro urbano, colaborando para o distanciamento entre ambos.

É importante lembrar que tais projetos estão presentes não só na história da FFCL de Assis, cujo funcionamento passou a ser no prédio da Av. Dom Antônio, ocasionando esse citado distanciamento, mas também em outras experiências de FFCL paulistas e igualmente da UnB e da USP.<sup>114</sup> O marco de consolidação desse afastamento entre estas partes foi o golpe de 1964. (Vaidergorn, 2003, p. 205), pois a maioria da população interiorana representava o pensamento conservador, principalmente os adhemaristas, mais fortes depois de 1963 com a entrada do novo governador.

Em todo o Brasil daquele período, principalmente nas cidades do interior, foram comuns não só as passeatas, greves e manifestações pró-Goulart, mas também as “Marchas da Família, com Deus pela liberdade”, alinhadas à direita política, reforçando

---

<sup>114</sup> É preciso considerar que há 60 anos, todos estes campi universitários ficavam distantes alguns quilômetros dos centros das cidades e suas malhas urbanas, separados por campos com vegetações, pastagens e culturas agrícolas, tendo apenas uma via de acesso nem sempre asfaltada. Atualmente, como no caso de Assis, as malhas urbanas se aproximaram e cercaram o campus outrora distante.

a manifestação anticomunista presente em quase todo o mundo, conforme relatam os jornais locais da época. (*Voz da Terra* edições de 1963 e de 19/04/1964) A “luta ideológica de classes” foi intensa nesse período, por isso está presente em vários jornais locais e nacionais, atingindo, assim, a maioria do povo, que não tinha uma compreensão clara do que era o comunismo. A comunidade local não sabia exatamente o que era o comunismo e tal desconhecimento abriu margem para um senso comum favorável ao golpe militar, que passou a classificar, de modo equivocado, a postura crítica dos membros universitários (observada por meio das manifestações estudantis contra o golpe militar) como comunista, confusão característica da época da Guerra Fria, uma vez que a perseguição não era só aos comunistas, mas também aos nacionalistas. O principal desdobramento do golpe e dos conflitos existentes entre a comunidade local e a faculdade, foi a violência deflagrada a partir de 1º de Abril de 1964.

Grande parte dos depoimentos orais analisados traz lembranças negativas a respeito do período, sobretudo dos atos de violência ocorridos. Entre eles, o professor Virgílio Nóia Pinto, do Curso de História, conta que:

O golpe de 64, nas faculdades do interior, ainda precisa ser estudado, porque as pessoas que representavam o sistema que estava sendo implantado eram pessoas do interior, que não tinham nenhuma visão das coisas. Tem coisas engraçadíssimas, até livro de capa vermelha era procurado. Uma ignorância a serviço do poder. Fizeram um estrago na biblioteca de Assis.<sup>115</sup>

As informações acima coincidem com as de outros depoimentos, como o da ex-aluna Wanda Roselli, que relata o fato das pessoas da cidade apoiarem o golpe de 1964 e

---

<sup>115</sup> PINTO, V. N. Virgílio Nóia Pinto: depoimento [jan. 1992]. CEDEM/UNESP-SP. op. cit.

o fazerem “porque havia aquele pavor de comunismo que todo mundo tinha” e que “muita gente os via (os alunos da faculdade) como comunistas, mas sem conceber exatamente o que significava.”<sup>116</sup> Os relatos orais dos professores Antônio Lázaro de A. Prado e Júlio G. Morejón confirmam os primeiros reflexos negativos do golpe militar para o pessoal da faculdade, com prisões de professores e alunos.

Os principais prejudicados foram os membros e lideranças do movimento estudantil, diretamente ligado às lutas políticas por uma definição dos rumos de desenvolvimento socioeconômico à esquerda e, conseqüentemente, contrários à política instaurada.

Como representante da UNE (União Nacional de Estudantes), o ex-aluno Antônio Dimas de Moraes acabou sendo preso com outros colegas por liderar o pequeno movimento estudantil na FFCL de Assis, cujo corpo discente contava com pouco mais de cem alunos e nem todos participavam. A amarga experiência de Dimas e de seus colegas presos pode ser observada no relato abaixo:

Eu me lembro até hoje da entrada gloriosa do Onosor Fonseca na Cadeia Pública de Assis; porque eu fui preso num sábado à tarde, no dia quatro de Abril de 1964. A polícia chegou lá, não deu nem tempo de falar. Pegou, pôs no camburão, levou discretamente, não fez espalhafato. Isso de sábado para o domingo, quer dizer, você nem consegue perceber muito que está acontecendo. É como assalto, é como acidente. Você só vai tomar consciência da coisa depois. Eu fiquei trancado de sábado para o domingo.<sup>117</sup>

O episódio relatado acima pode ser mais bem detalhado no esclarecimento do Inquérito Policial aberto na ocasião, segundo o qual, em 1º de Abril de 1964, os estudantes

---

<sup>116</sup> ROSELLI, W. de O. Wanda de Oliveira Roselli: depoimento [jun. 1992]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

<sup>117</sup> MORAES, A.D. de. Antônio Dimas de Moraes: depoimento [nov. 1991]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

organizaram uma assembleia na FFCL para decidirem seu posicionamento frente ao golpe militar, contando com a participação de alguns professores que pediam cautela aos estudantes, pois o clima na cidade estava tenso e a espionagem e a delação prevaleciam naquele momento. Após a assembleia, os nomes dos envolvidos foram entregues a polícia que deteve os estudantes Dimas e Onosor. No inquérito, arquivado um ano depois,

foram indiciados outros membros da Faculdade para prestarem esclarecimentos, entre eles estavam os professores: Antônio L. de A. Prado, Leônidas H. B. Hegenberg, Lúcia Ferreira dos Santos, Virgílio B. Noya Pinto e Onosor Fonseca (foi preso); e os alunos: Antônio Dimas de Moraes (foi preso), Izabel Jorge, Marisa Amaral Gurgel, Maria Regina de Oliveira, Maria Helena Ribeiro Tucunduva, Carlos Erivany Fantinati e Carlos Alberto de Oliveira.<sup>118</sup>

Tal fato repercutiu negativamente para a FFCL e para a cidade, pois além das prisões, houve a apreensão do “material subversivo” encontrado com Dimas (documentos e panfletos da UNE) e com Onosor (vários livros arrolados na folha 150 do Inquérito Policial).

Outro segmento da cidade que sofreu com a repressão de 1964 foi o movimento dos ferroviários, no qual alguns trabalhadores foram presos e tiveram materiais apreendidos. Na fotografia que está anexada no Inquérito Policial nº 54/1964, o leitor observará este material. (Foto 40)

Antonio Candido, que em 1964 estava na USP, conta em depoimento que a Faculdade de Assis perdeu bons professores por causa do golpe. Segundo ele, o professor exilado, opositor ao salazarismo português e membro do PCP (Partido Comunista

---

<sup>118</sup> O Inquérito Policial (I.P.) nº 55/1964, do Arquivo do Fórum da Comarca de Assis, Cartório do 3º Ofício, caixa nº 169, sob a custódia do CEDAP – UNESP/Assis-SP.

Português), Vítor Ramos, por pouco não foi preso, pois foi avisado e fugiu para São Paulo.<sup>119</sup> A situação de Vítor Ramos e sua necessária ausência na faculdade são narradas de forma sutil numa ata de reunião do “Conselho de Administração da FFCL de Assis”. (Ata da Reunião do Conselho de Administração da FFCL de Assis, de 10/06/1964, fl. 13; no *Livro de Atas do Conselho Interdepartamental e do Conselho Administrativo*)

O clima de intranquilidade aparece numa Reunião do Colegiado da FFCL, ocorrida em setembro de 1964, conforme atesta a citação abaixo:

Solicitou a palavra o aluno Antônio Dimas de Moraes para declarar que lamentava a ausência da maioria dos corpos docentes, administrativos e discentes à festa que o Centro Acadêmico realizou em comemoração a data de aniversário de instalação da FFCL. O senhor presidente (da reunião) ponderou que o clima de intranquilidade que todos passaram talvez tenha sido o motivo dessa ausência. (Ata da Reunião do Colegiado de 09/09/1964; no *2º Livro de Atas de Reuniões dos Professores da FFCL de Assis*, fl. 24)

Outro aspecto marcante foi o adiamento da “Formatura da Turma de 1963”, até então marcada para o início de abril de 1964, devido aos acontecimentos relativos ao golpe. (*A Gazeta de Assis* de 04/04/1964) Na capital paulista, as notícias acerca do adiamento da colação de grau dos formandos de 1963 da FFCL/USP, igualmente em razão do golpe de estado, davam mostras da atmosfera do período. (*O Estado de S. Paulo* de 02/04/1964)

Essas ocorrências fizeram o diretor Amora sair da Faculdade no mesmo ano, como ele mesmo afirma: “Eu saí de Assis em 64, com a revolução. Começaram os atos de violência, eu tive que intervir para libertar professores presos (...)”<sup>120</sup>

---

<sup>119</sup> CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]; op. cit.

<sup>120</sup> AMORA, A. A. S. Antônio Augusto Soares Amora: depoimento [jan. 1992]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

O golpe militar e seus desdobramentos, como as prisões de membros da FFCL, culminaram em um distanciamento ainda maior entre a população e a faculdade. Segundo o depoimento de um médico assisense, Maurício Castro Santos, a animosidade local foi muito intensa no momento do golpe de 1964 e “criou-se uma atmosfera da população contra a faculdade”.<sup>121</sup> Esse aspecto foi observado no jornal local, *A Gazeta de Assis*, na primeira página do dia 14/04/1964, com o artigo “A crise e os intocáveis”, que atacava diretamente a faculdade, mencionando o distanciamento desta, louvando a polícia que estava “espantando os esquerdistas” e reivindicando a condenação “da patifaria que a pregação subversiva representa nos quadros da escola.” (ANEXO 3)

Com as várias retaliações às FFCL, até mesmo algumas metodologias nela aplicadas foram abolidas, como o “Método Paulo Freire”, usado nas faculdades de São José do Rio Preto e de Marília. (*O Estado de S. Paulo* de 16/04/1964 – “Ministro da Educação Flávio Suplicy de Lacerda abolirá o método Paulo Freire”, p. 18)

A ideia inicial de constituir Centros de Estudos Humanísticos autônomos, a partir dos Institutos Isolados, não se concretizou completamente, mas vale lembrar que um Instituto Isolado com uma FFCL, embora não fosse considerada uma universidade, pretendia crescer e tornar-se uma. (Corrêa, 1998, pp. 123-124)

Depois de Soares Amora, quem assumiu a direção da FFCL de Assis foi o professor Júlio Garcia Morejón, que também tinha outras atividades em São Paulo e era auxiliado pelos professores Antônio Lázaro de Almeida Prado e Rolando Morel Pinto, que assumiu efetivamente em 1967, após a gestão de J. G. Morejón.

As mudanças educacionais foram profundas a partir de 1968, mas durante o intervalo 1964–1968, a FFCL de Assis ainda procurou manter a tradição de pesquisa. Em seu depoimento, Jaime Pinsky, que chegou a Assis em 1966, dá muitas informações sobre

---

<sup>121</sup> SANTOS, M. de C. Maurício de Castro Santos: depoimento [jun. 1992]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

a fase em que o professor Amora ainda era o diretor e afirma que sua permanência em Assis foi muito produtiva intelectualmente.<sup>122</sup>

O ano de 1964 marcou, portanto, o início de várias reformas cujos desdobramentos puderam ser sentidos nos anos seguintes com a criação da UNESP (Universidade Estadual Paulista), em 1976, que integrou a FFCL de Assis e os outros Institutos Isolados paulistas.

É possível afirmar que as medidas adotadas em 1964 engendraram as raízes da chamada “universidade operacional” discutida na introdução. Além disso, 1964 e 1976 marcam trajetórias diferentes na história das faculdades paulistas, pois as mudanças de 1976 ocorreram dentro do governo militar consolidado e do modelo americano constituído nas universidades. O ano de 1964 marcou a transição dos modelos e a interrupção de vários projetos, tanto que alguns chamam de “o monumental revertério de 64”. (Arantes, 1994, p. 76)

---

<sup>122</sup> PINSKY, J. Jaime Pinsky: depoimento [fev. 1992]. CEDEM/UNESP-SP; op. cit.

## Considerações finais

Após a fase inicial aqui narrada, e que também é um retrato da transição de modelos no ensino superior brasileiro, a FFCL de Assis continuou sua trajetória rumo a sua ampliação e a sua consolidação como universidade.

Essa fase posterior merece destaque, pois é um fruto decorrente das atividades realizadas nos primórdios da instituição. Em 1966, foi criado o Curso de Licenciatura em Psicologia, sendo completado com o Curso de Formação de Psicólogos, em 1972. O Curso de Filosofia, instalado em 1968 e extinto em 1976, foi transferido para o Campus de Marília, obedecendo à reformulações correspondentes à criação da UNESP.

No ano de 1976, o IIESESP de Assis, com sua FFCL, e os demais institutos do interior do Estado de São Paulo foram integrados em uma universidade denominada Universidade Estadual Paulista (UNESP), com a Lei-Estadual nº 952/1976, sob o nome de “Universidade Júlio de Mesquita Filho”, cujo estatuto foi aprovado pelo Decreto-Lei nº 9449/1977. A denominação inicial de FFCL, também chamada de FAFIA (Faculdade de Filosofia de Assis), foi mudada com a criação da UNESP para “Instituto de Letras História e Psicologia de Assis” (ILHPA). (Itavo, 1996)

Em 1988, foi autorizada a criação do Curso de Ciências Biológicas, o qual foi implantado em 1990. A partir da criação deste último curso, a nomenclatura da faculdade

mudou novamente, para Faculdade de Ciências e Letras – FCL de Assis, e assim permanece.

Hoje, o Campus da UNESP, FCL de Assis oferece cinco cursos de graduação (Ciências Biológicas, Engenharia Biotecnológica – criado em 2003, História, Letras e Psicologia) e programas de pós-graduação nas áreas de Biociências (Mestrado), História (Mestrado e Doutorado), Letras (Mestrado e Doutorado) e Psicologia (Mestrado e Doutorado). A pós-graduação nos primeiros cursos, Letras, História e Psicologia foram construídas a partir da década de 1980 e criaram tradição, produzindo e formando.

Os últimos dois cursos criados, Ciências Biológicas e Engenharia Biotecnológica, embora importantes e também pioneiros no Brasil na primeira década do século XXI, descaracterizaram parcialmente a ideia inicial, que era a de formar um centro de estudos humanísticos, como continua a existir com os três primeiros cursos.

Nos vários depoimentos utilizados neste trabalho, existem posições diversas a respeito da criação da UNESP, mas todos frisam que o modelo dos Institutos Isolados ficou ultrapassado. A UNESP constitui outro momento da história do ensino superior paulista que deve ser analisado em profundidade, considerando o processo de popularização e mais tarde, de democratização da universidade, ocorrido entre os anos 1970 e 1980.

Apesar de os Institutos Isolados não terem sido considerados uma universidade, eles são representativos para a história e a realidade brasileira das décadas de 1950 e 1960, num período comumente denominado de populista dentro da historiografia. É o que afirma Cunha (1989, p. 14), ao dizer que: “A organização do ensino superior na república populista pouco tinha de universitária no sentido estrito: havia mais estudantes nas escolas isoladas do que nas universidades.” A colocação ressalta a necessidade de estudar os primórdios da UNESP, através dos antigos Institutos Isolados. A fase inicial dessa

universidade paulista formou uma tradição de pesquisa que vai durar por muito tempo, haja vista que a UNESP, ao lado da USP e da UNICAMP – todas com inserção no interior do Estado de São Paulo – responde atualmente por grande parcela da pesquisa que se desenvolve no país.

Além da pesquisa, a UNESP também tem enorme impacto no interior, através da injeção de recursos financeiros diretos e indiretos nos municípios onde estão localizadas, além da prestação de serviços, sobretudo na área de saúde. (Bovo, 1999)

Na área de humanas, mesmo com poucos recursos e com prazos cada vez mais curtos, a pesquisa apresenta bom desenvolvimento, resultado possivelmente relacionado aos ideais pré-estabelecidos do ensino e da pesquisa, lançados em 1958, com a fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, conforme a história apresentada e discutida neste trabalho.

## Referências bibliográficas

ABREU, Dióres Santos. Uma contribuição para a história da UNESP. *História*, São Paulo, 8: pp. 87-100, 1989.

ADORNO, T.W. *Educação e Emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALMEIDA, Jozimar Paes. *A Extinção do Arco-Íris: A agroindústria e o eco-histórico*. Assis: Instituto de Letras, História e Psicologia, UNESP, 1988. Dissertação (Mestrado em História) ILHPA – UNESP/Assis, 1987.

ALMEIDA, Rodrigo Davi. Engajamento e Terceiro Mundo em Sartre. In: *Memória e Vida Social – História e Cultura Política ANO I – Vol. I* (UNESP / FCL de Assis, SP – Brasil. ISSN – 1519-3888) Maio de 2001.

\_\_\_\_\_. *Sartre no Brasil: expectativas e repercussões*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

ARANTES, Paulo Eduardo. *Um departamento francês do ultramar*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

ARAÚJO, Joana Luíza Muylaert de; SANTOS, Regma M. dos; RIBEIRO, Ivan M. (Orgs.) *Literatura e História: da instituição das disciplinas às releituras do cânone - Série “A Escrita literária: teorias, histórias e poéticas” nº 04; 1ªed.* Uberlândia/MG: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2011.

BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. *A construção do “herói”. Leitura na escola: Assis/SP – 1920/1950*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

BENEVIDES, Maria Victoria de M. *O Governo Kubitschek*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BERNARDO, Maristela V. C. *Re-vedo a Formação do Professor Secundário nas Universidades Públicas do Estado de São Paulo*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) PUC-SP, São Paulo, 1986.

BOSI, Alfredo. Entrevista concedida a José Corrêa Leite. In: *Teoria & Debate* nº 45, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

BOVO, José Murari. (org.) *Universidade e Comunidade: avaliação dos impactos econômicos e da prestação de serviços*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

BRETAN, Isaura Maria Accioli N. *Faculdades para Botucatu (SP): processo histórico de demandas sociais e políticas pela expansão do ensino Superior no Estado de São Paulo - 1947 a 1963*. Assis: Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, 1995. Dissertação (Mestrado em História). FCL/UNESP – Assis, 1995.

CANDIDO, Antonio. *Crítica Textual*. (Utilizado no Instituto de Estudos Brasileiros – IEB/USP). Curso Mimeografado, FFCL: Assis, 1959.

\_\_\_\_\_. *Dialética da Malandragem*. (p. 67-89) *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* nº 08 – USP/São Paulo – SP, 1970.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida à *TRANS / FORM / AÇÃO*. *Revista de Filosofia da FFCL de Assis*, Assis/SP, v. 1, 1974.

\_\_\_\_\_. *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida a Gilberto Velho e Yonne Leite (Museu Nacional, UFRJ). Edição de texto de Dora Rocha. Colaboração de Eunice Personini. Publicada em junho de 1993. In: *Cientistas do Brasil – Depoimentos*. Edição comemorativa dos 50 anos da SBPC. São Paulo 1998.

\_\_\_\_\_. *Iniciação à Literatura Brasileira: resumo para principiantes*. 3ª ed. São Paulo: Humanitas / FFLCH/USP, 1999.

\_\_\_\_\_. *Florestan Fernandes / Antonio Candido de Mello e Souza*. 1ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

\_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. 8ª ed. (Coleção Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro). São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.

\_\_\_\_\_. *Na sala de aula – Caderno de análise literária*. 8ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

\_\_\_\_\_. *Portugueses no Brasil*. In: Candido, A. *O Albatroz e o Chinês*. RJ: Ed. Ouro sobre o Azul, 2004.

CHAUÍ, Marilena de Souza. A universidade Operacional. In: *Folha de S. Paulo – Caderno “Mais!”*, 09 mai. 1999.

\_\_\_\_\_. Entrevista. In: *Revista Caros Amigos* de Agosto de 1999.

\_\_\_\_\_. Universidade em liquidação. In: *Folha de S. Paulo – Caderno “Mais!”*, 11 jun. 1999.

\_\_\_\_\_. A universidade em ruínas. (pp.211-22) In: TRINDADE, Hégio. (org.) *Universidade em ruínas: na república dos professores*. – Petrópolis, RJ: Vozes / Rio Grande do Sul: CIPEDDES, 1999.

\_\_\_\_\_. *Escritos sobre a universidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CHAUVEAU, Agnés & TÉTART, Philippe (orgs.) *Questões para história do presente / Tradução Ilka Stern Cohen*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. Assis em Mosaico: caminhos para construção de uma história (1905-1955). São Paulo: All Print Editora, 2009.

CORRÊA, Anna Maria Martínez. *Para preparar a mocidade... Fragmentos de memórias na história da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araraquara: 1923-1976*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. *Poder Local e Representatividade Político Partidária no Vale de Paranapanema. 1920 - 1930*. Assis: Instituto de Letras, História e Psicologia, UNESP, 1988. Tese (Livre Docência em História) IHLPA – UNESP/Assis, 1988.

CUNHA, Luiz Antônio. *A Universidade crítica: o ensino Superior na República Populista*. (Coleção Educação em questão) Rio de Janeiro: F. Alves, 1989.

D'AMBRÓSIO, Oscar. O dia em que Araraquara foi existencialista. In: *Jornal da UNESP*, ANO XVI – nº 159; Universidade Estadual Paulista / Setembro, 2001.

DANTAS, Antônio de Arruda. *Memória do patrimônio do Assis (História)*. Editora Panartz. São Paulo, 1978.

DINES, Alberto. Memórias da violência (final). Caderno “Ilustrada” (p. 11) *Folha de S. Paulo*, 19 dez. 1998.

DURHAM, Eunice. O Ensino Superior na América Latina: Tradições e Tendências. In: *Novos Estudos – CEBRAP*, São Paulo, p. 91-105, nº 51, jul., 1998.

Edição alusiva aos 50 anos da morte de John Maynard Keynes. Caderno Mais! (pp. 4-8) In: *Folha de S. Paulo*, 21 abr. 1996.

FERNANDES, Florestan. *Circuito Fechado: quatro ensaios sobre o poder institucional*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1976.

FONSECA, Sérgio. Educação e Atualidade Brasileira: Trajetória de Paulo Freire entre as décadas de 1950 e 1960. In: *Memória e Vida Social – História e Cultura Política ANO I – Vol. I* (UNESP / FCL de Assis, SP – Brasil. ISSN – 1519-3888) – Maio de 2001.

FREITAS, Sônia Maria. *Reminiscências*. São Paulo: Maltese, 1993.

GIAVARA, Eduardo. *O sonho iluminado: a hidrelétrica de Salto Grande: memória e representação*. Assis: Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, 2001. Dissertação (Mestrado em História). FCL /UNESP – Assis-SP, 2001.

GOMES, Angela M. de C. Notas sobre uma experiência de trabalho com fontes: Arquivos privados e jornais. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 1, 2: pp. 259-283, set. 1981.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991* (tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IGLÉSIAS, Francisco. A História no Brasil. (pp. 266-301) In: FERRI, Guimarães & MOTOYAMA, Shozo (coords.) *História das Ciências no Brasil (v.1)*. São Paulo: Editora da USP, 1979.

ITAVO, Maria Cecília de Faria. *As manifestações estudantis no Campus de Assis (1983-1995)*. Assis: Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, 1996. Dissertação (Mestrado em História) FCL/UNESP – Assis-SP, 1996.

JAPIASSÚ, Milton & MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

KENSKI, Vani Moreira. Memória e Prática Docente. *Seminários*. (pp. 101-114). Campinas. CMU/Unicamp, 1989.

LEITE, Beatriz Westin de C. Os Institutos Isolados de Ensino Superior de São Paulo na visão do Conselho Universitário da USP (1947-1963). *História*, nº 16, (pp. 255-278) São Paulo, 1997.

LIMA, Eunice L. G. & RIBEIRO, Arilda I. M. *A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente (1959-1976): Gênese da FCT*. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2013.

MARTINEZ, Paulo Henrique. Fernand Braudel ou O Sorriso da História. In: CATANI, Afrânio Mendes. & MARTINEZ, Paulo Henrique. (orgs.) *Sete ensaios sobre o Collège de France*. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 72) – São Paulo: Cortez, 1999.

MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*. Trad. Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: Ed. Hucitec & Ed. Pólis, 1984.

MOREJÓN, Julio G. “Una experiencia inolvidable”. In: *O Mestre – Homenagem das Literaturas de Língua Portuguesa ao Professor Antônio Soares Amora*. Vários autores. Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes; Centro de Estudos Portugueses. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. Coordenação, organização e edição: Maria Helena Nery Garcez, Rodrigo Leal Rodrigues. São Paulo: Green Forest do Brasil Editora, 1997.

MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Brasil em Perspectiva*. Rio de Janeiro e São Paulo Difel – Difusão Editorial S.A., 1968.

\_\_\_\_\_. *Ideologia da Cultura Brasileira: Pontos de partida para uma revisão histórica*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1977.

NEGT, Oskar. *O que há de político na política? Relações de medida em política. 15 propostas sobre a capacidade de discernimento* / Oskar Negt, Alexander Kluge; tradução João Azenha Júnior; colaboração Karola Zimber; revisão da tradução Carlos Eduardo Jordão Machado. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

NEVES, João Alves das. Antônio Soares Amora – Mestre das Letras Portuguesas no Brasil. (pp. 272-279) In: *O Mestre – Homenagem das Literaturas de Língua Portuguesa ao Professor Antônio Soares Amora*. Vários autores. Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes; Centro de Estudos Portugueses. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. Coordenação, organização e edição: Maria Helena Nery Garcez, Rodrigo Leal Rodrigues. São Paulo: Green Forest do Brasil Editora, 1997.

NOVAIS, Fernando A. & MELLO, J. M. C. de. Capitalismo tardio e sociabilidade Moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. (org.) *História da vida privada no Brasil*. (v.4.) São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

NUNES, Benedito. Crítica literária no Brasil, ontem e hoje.(pp.20-24) In. *Cult – Revista Brasileira de Literatura*. nº 26, ano III, set/1999.

OLIVEIRA, Newton Ramos. *Sapere Aude (A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto no período de 1957 a 1964)*. São Carlos: Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos. Dissertação (Mestrado em Educação) CECH – Universidade Federal de São Carlos, 1989.

PÉCAULT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil – Entre o povo e a nação*. Tradução: Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Editora Ática S. A., 1990.

PRADO, Antônio Lázaro de Almeida. Entre a Arte e a História. In: *Voz da Terra* (p. 2), Assis/SP, Terça 21/01/2003.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: *Ciência e Cultura (SBPC)*. Volume 39, número 3. ISSN: 0009-6725. (pp. 274-86), Março de 1987.

ROLL, Eric. *História das doutrinas econômicas*. São Paulo: Editora Nacional, 1962.

ROMANELLI, Otaíza de O. *História da Educação no Brasil: 1930-1973*, 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

RAMASSOTE, Rodrigo Martins. Antonio Candido em Assis e depois. (pp. 103-128) In: *Revista do IEB*, nº 50, 2010.

SALES, Priscila Constantino. *Cultura e política no Clube de cinema da Unesp/Assis: um projeto de formação e interiorização da cultura cinematográfica (1960 – 1983)*. 178 f./

Dissertação de Mestrado – Orientador: Dr. Hélio Rebello Cardoso Junior. Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista; Assis/SP, 2016.

SALMERON, Roberto A. *A universidade interrompida: Brasília 1964-1965*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

SANTANA, Josué. A presença crítica de Anatol Rosenfel: um brasileiro por adoção. (pp. 105-10) In: *Memória e Vida Social – História e Cultura Política*. ANO I – Vol. I (UNESP / FCL de Assis, SP – Brasil. ISSN – 1519-3888), Maio de 2001.

SANTOS, Gilda da Conceição. Para saber a cor da imprescindível liberdade ou alguns (des)caminhos de Jorge de Sena. In: *O Mestre – Homenagem das Literaturas de Língua Portuguesa ao Professor Antônio Soares Amora*. Vários autores. Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes; Centro de Estudos Portugueses. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. Coordenação, organização e edição: Maria Helena Nery Garcez, Rodrigo Leal Rodrigues. São Paulo: Green Forest do Brasil Editora, 1997.

SANTOS, Guarino Fernandes dos. *Nos bastidores da luta sindical*. 1ª ed. São Paulo: Ícone Editora, 1987.

SANTOS, Joaquim F. dos. *FELIZ 1958 – O ano que não devia terminar*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

SCHWARZ, Roberto. Do lado da viravolta. (Entrevista) In: HADDAD, Fernando (org.) *Desorganizando o consenso: 9 entrevistas com intelectuais dissidentes*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. *Seqüências Brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida. *Folha de S. Paulo*, Caderno “Mais!” (pp. 6-7), 1º junho de 1997.

SILVA JUNIOR, João dos Reis. & SGUISSARDI, Valdemar. *Novas Faces da Educação Superior no Brasil – Reformas do Estado e mudanças na produção*. 2ª ed. Rev. – São Paulo: Cortez; Bragança Paulista, SP: USF-IFAN, 2001.

SILVA, Egydio Coelho da. Entrevista concedida à estudante de História da Unesp de Assis, Eneida Cintra. *Voz da Terra – Assis/SP*, 14 jul. 2000.

SILVA, Ricardo Siloto da. *Urduídas e tessituras urbanas. Na história das cidades, a estruturação territorial de Assis*. Assis: Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, 1996. Tese (Doutorado em História). FCL/UNESP – Assis-SP, 1996.

SIMILI, Ivana G. *Memória da Prostituição: lembranças da “Casa da Antonieta”*. Assis: Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, 1995. Dissertação (Mestrado em História). FCL/UNESP – Assis-SP, 1995.

TANURI, Leonor M. A Faculdade de Filosofia e Ciência de Marília: origens. In: CARRARA, Kester. (org.) *Educação, Universidade e Pesquisa – Textos completos do III*

*Simpósio de Filosofia e Ciência: Paradigmas do Conhecimento no Final do Milênio.* Marília: UNESP-Marília-Publicações; São Paulo: FAPESP, 2001.

TOLEDO, Caio Navarro. *O Governo Goulart e o Golpe de 64.* São Paulo: ed. Brasiliense, 1ª edição 1982, 17ª reimpressão, 1997.

TOSCANO, João Walter. *João Walter Toscano.* Organização Rosa Camargo Artigas; Versão Sérgio de Souza Gabriel. São Paulo: Editora UNESP; Instituto Takano de Projetos Culturais Educacionais e Sociais, 2002.

TRINDADE, Hélgio. (org.) *Universidade em ruínas: na república dos professores.* Petrópolis, RJ: Vozes / Rio Grande do Sul: CIPEDDES, 1999.

Universidades fazem “vale-tudo” por aluno. In: *Folha de S. Paulo – Caderno Cotidiano*, 08 ago. 2001.

VAIDERGORN, José. *As seis irmãs: as FFCL do interior paulista.* Araraquara: UNESP-FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2003.

VARA, Teresa Pires. *Porta Retrato.* São Paulo: Duas Cidades, 2001.

VERGER, Jacques. *As Universidades na Idade Média.* Trad. Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora da UNESP, 1990.?

WEBER, Max. *Sobre a universidade: o poder do Estado e a dignidade da profissão acadêmica.* Trad. Lólio Lourenço de Oliveira; Revisão Técnica Augustin Wernet. (Coleção Pensamento e Ação; v.1) São Paulo: Cortez, 1989.

XAVIER, Lívio. Coluna Revista das Revistas – A Revista de Letras de Assis (nº 1). Suplemento Literário – *O Estado de São Paulo*, 12 nov. 1960.

## **Arquivos e documentos consultados**

### **ASSIS / SP**

#### **Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa – CEDAP – UNESP/Assis-SP.**

- Arquivo da Câmara Municipal de Assis:
  - Livro de Registros de Projetos de Lei nº 04 (Projetos números 06/1957 a 34/1960).
  - Livro de Atas nº 06 (25/06/1957 a 20/10/1959)
- Arquivo do Fórum da Comarca de Assis:
  - Inquérito Policial nº 55/1964, Cartório do 3º Ofício, caixa nº 169.
- Arquivo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis:
  - CARRATO, José F. *Dossiê dos Primeiros Anos*. Assis, 1988. Encadernado.
  - Caixas de Documentação do C.A.: \* Atas de Reuniões (março de 1959 a abril de 1966), \* Atas de Assembleias Gerais Eleitorais, \* Livro de Visitantes (em Eventos), \* Livro Lista do pagamento de anuidades do C.A.
  - Caixas de Documentação do Cineclube.
  - Caixas de Documentação do Centro de Artes (1975-76): Livro de Registros dos Associados do Centro de Artes da FFCL de Assis, Cadastro de Rádios e Jornais.
  - Livro de Atas de Reuniões da Congregação da FFCL de Assis.
  - Livro de Atas de Reuniões dos Professores da FFCL de Assis.
  - Livro de Atas do Conselho Interdepartamental da FFCL de Assis.

- Livro de Atas do Conselho Técnico Administrativo da FFCL de Assis.

- 2º Livro de Atas de Reuniões dos Professores da FFCL de Assis.

- Arquivo do Movimento Operário e Memória Sindical de Assis:

- *Dossiê dos Ferroviários*.

- Coleção de Fotografias: “Memória da Faculdade de Assis”. Apresenta cerca de 230 fotografias dos anos iniciais, entre elas o álbum encomendado pelo Diretor Amora ao fotógrafo Eduardo Ayrosa em 1959 e a coleção de fotos do II CBCHL de 1961, de autoria desconhecida. O *Caderno de Fotos*, no final do trabalho corresponde a nossa seleção de 40 fotos deste acervo.

- Hemeroteca – Jornais locais e regionais:

- *Jornal de Assis* (1956-1962)

- *A Gazeta de Assis* (1957-1964)

- *Voz da Terra* de 30 de junho de 1979 – Suplemento Especial: “A história de 1964 em Assis”

- *O Universitário*.

#### **Seção de Graduação da FCL/UNESP – Assis-SP.**

- *Ficha dos Alunos da FFCL de Assis* (Curso de Letras e História / 1958-1964)

#### **Biblioteca da FCL/UNESP – Assis-SP.**

- CONGRESSO BRASILEIRO DE CRÍTICA E HISTÓRIA LITERÁRIA, 2º, 1961, Assis/SP. *Anais...* Assis: IIESESP –FFCL, 1963. 663 p.
- Depoimentos orais do “Ciclo de Palestras em Homenagem ao Mestre: Antônio Soares Amora” promovido pelo IEVASA (Instituto de Estudos Vernáculos Antônio Soares Amora), realizado em Assis nos dias 16 e 17 de agosto de 1999.
- *Revista de Letras da FFCL de Assis*.

### **Hemeroteca do jornal *Voz da Terra* – Assis-SP.**

- *Voz da Terra* (1963-1964)

### **SÃO PAULO / SP**

#### **Arquivo da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.**

- *Projeto-Lei n.º 790 de 1956*. Dep. Santilli Sobrinho. Arquivo nº 28808 da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

#### **Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH/USP).**

- Centro de Estudos Portugueses (CEP): *O Mestre – Homenagem das Literaturas de Língua Portuguesa ao Professor Antônio Soares Amora*. Vários autores. Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes; Centro de Estudos Portugueses. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. Coordenação, organização e edição: Maria Helena Nery Garcez, Rodrigo Leal Rodrigues. São Paulo: Green Forest do Brasil Editora, 1997.
- Biblioteca da FFLCH/USP: CONGRESSO BRASILEIRO DE CRÍTICA E HISTÓRIA LITERÁRIA, 1º, 1960, Recife/PE. *Anais...* Recife: Universidade do Recife, 1960. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1964. 318p.
- Espaço de Pesquisa “Sérgio Buarque de Holanda”: *Ante-Projeto de Lei das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras*. Publicado em Setembro de 1953 e organizado de acordo com as resoluções do 1º Simpósio das Faculdades de Filosofia do Brasil, realizado em São Paulo de 04 a 11 de julho do mesmo ano.
- Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP): CANDIDO, Antonio. *Crítica Textual*. Curso Mimeografado, FFCL: Assis, 1959.

#### **Arquivo do Estado de São Paulo-SP.**

- Microfilme do Jornal: *O Estado de São Paulo* (Abr. 1960 – Jul. 1961 – Abr. 1964).

- Hemeroteca do Jornal: *Folha de São Paulo* (Jul. 1961 – Abr. 1964).

**Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.**

- Arquivo de História Oral do Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo. *Memória e História*. (1923-1976).

AMORA, A. A. S. Antônio Augusto Soares Amora: depoimento [jan. 1992].  
Entrevistadora: Teresa Maria Malatian; transcrição: Selma Ribeiro. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

CAMARGO, W. G. de. Waldomiro Galvão de Camargo: depoimento [mar. 1993].  
Entrevistadora: Glacyra Lazzari Leite. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

CARRATORE, Enzo Del. Prof. Enzo Del Carratore: depoimento [jan. 1992].  
Entrevistadora: Leonor Tanuri. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

CARRICONDO, A. C. Aparecida Carlos Carricondo: depoimento [nov. 1992].  
Entrevistadora: Marlene Ap. de Souza Gasque. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

DIAS, L. Lourival Dias: depoimento [jun. 1992]. Entrevistadora: Glacyra Lazzari Leite. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

DUARTE, A. N. Abílio Nogueira Duarte: depoimento [fev. 1993]. Entrevistadora: Glacyra Lazzari Leite. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

KOBAL, M. A. Maria Amélia Kobal: depoimento [ago. 1992]. Entrevistadora: Glacyra Lazzari Leite. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

KOBAL, J. Jefferson Kobal: depoimento [ago. 1992]. Entrevistadora: Glacyra Lazzari Leite. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

MORAES, A. D. de. Antônio Dimas de Moares: depoimento [nov. 1991]. Entrevistadora: Marlene Ap. de Souza Gasque. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

PINSKY, J. Jaime Pinsky: depoimento [fev. 1992]. Entrevistadora: Tânia Regina de Lucca, São Paulo-SP. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

PINTO, V. N. Virgílio Nóia Pinto: depoimento [jan. 1992]. Entrevistadora: Tânia Regina de Luca. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

ROSELLI, W. de O. Wanda de Oliveira Roselli: depoimento [jun. 1992]. Entrevistadora: Glacyra Lazzari Leite. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

SANTOS, M. de C. Maurício de Castro Santos: depoimento [jun. 1992]. Entrevistadora: Glacyra Lazzari Leite. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

TOSCANO, J. W. João Walter Toscano: depoimento [mai. 1994]. Entrevistadora: Anna Maria Martinez Corrêa. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

VARA, D. Divo Vara: depoimento [dez. 1991]. Entrevistadora: Tânia Regina de Luca. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

- **Depoimentos colhidos pelo autor durante a pesquisa, entre 1999 e 2001. Alguns deles foram doados ao Arquivo Oral do “Projeto Memória da Unesp” do CEDEM/UNESP-SP.**

BARBOSA, J. A. João Alexandre Barbosa: depoimento [nov. 2001]. Entrevista e transcrição: Fábio Ruela de Oliveira. 1 fita cassete (60 min) Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

CANDIDO, A. Antonio Candido de M. e Souza: depoimento [nov. 2001]. Entrevista e transcrição: Fábio Ruela de Oliveira, São Paulo/SP. 2 fitas cassete. Entrevista concedida ao autor.

MOREJÓN, J. G. G. Júlio G. Garcia Morejón: depoimento [nov. 2000]. Entrevista e transcrição: Fábio Ruela de Oliveira. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

PRADO, A. L. de A. Antônio Lázaro de Almeida Prado: depoimento [set. 2000]. Entrevista e transcrição: Fábio Ruela de Oliveira. Entrevista concedida ao Projeto

Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

SOBRINHO, J. S. José Santilli Sobrinho: depoimento [nov. 1999]. Participação Maria Ap. B. C. Santilli (Esposa do entrevistado). Entrevistadores: Paulo J. B. Santilli, Carlos E. J. Machado, Sérgio A. Q. Norte, Mariângela Q. Norte, Fábio Ruela de Oliveira, Eduardo Giavara. Transcrição: Fábio R. de Oliveira. 2 fitas cassete. Entrevista concedida ao Projeto Memória dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo; Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/UNESP-SP.

### **Outros depoimentos**

AMORA, A. A. S. Antônio Augusto Soares Amora: depoimento [nov. 1984]. Entrevista concedida à Maristela V. C. Bernardo. In: BERNARDO, Maristela V. C. *Re-vendo a Formação do Professor Secundário nas Universidades Públicas do Estado de São Paulo*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) PUC-SP, São Paulo 1986.

# **Anexos**

**ANEXO 1 – Quadro com os dados das *Fichas dos Alunos*.**

## Curso de Letras

### Alunos que colaram grau no ano de 1963.

Nome	Ano de Matrícula	Idade que ingressou	Origem	Procedência escolar	Naturalidade dos pais
Aluizia Hanisch	1959	19	São Paulo – SP		Iogoslávicos
Clarisse Santilli	1959	29	Assis – SP		Bras.
Dagmar dos Santos	1959	18	Platina – SP		Bras.
Horácio Tucunduva Júnior	1959	23	Assis – SP		Bras.
Iracy Corrêa de Oliveira	1959	19	Paulistânia – SP		Bras.
Lydia Hilda Herzog	1959	21	Assis – SP		Iugosl./Alem.
Maria Amélia Kobal	1959	18	Assis – SP	Colégio “Santa Marcelina” São Paulo	Bras.
Maria da Conceição C. Souza	1959	35	Assis – SP		Potug./Espan.
Maria Helena Soares Pires	1959	20	Duartina – SP		Bras.
Maria Lúcia Soares Pires	1959	29	Gália – SP		Bras.
Pedro Mercadante L.do Canto	1959	30	Mineiros do Tietê-SP		Bras.
Stella Maris de A. Moraes	1959	21	Assis – SP		Bras.
Teresa de Jesus Pires Vara	1959	27	Garça – SP		Bras.
Wanda de Oliveira Roselli	1959	37	Maracaí – SP	Colégio de Santa Inez – São Paulo.	Bras.
Wilma Rodrigues	1959	29	Assis – SP		Bras.

### Alunos que colaram grau em 1964.

Nome	Ano de Matrícula	Idade de ingresso	Origem	Procedência escolar	Naturalidade dos pais
Celina Ribeiro de Castro	1960	19	Assis – SP		Bras.
Cleonice Nicola Souza Lima	1960	19	Mococa – SP		Bras.
Eloide Sant’ana Carneiro	1960	26	Iepê – SP		
Erika Alice Furtwaengler	1960	19	Santo Anastácio-SP		
Iracema de Castro Oliveira	1960	19	Paraguaçu Pta. - SP		
Maria Angélica N. Pimentel	1960	19	Pres. Venceslau - SP		Bras.
Maria Ap.Eugenia de Andrade	1960	20	Itapetininga – SP		Bras.
Maria Ap. Paula do Canto	1960	19	Assis – SP		
Maria do Rosário G.Ribeiro	1960	19	Fartura – SP		Bras.
Maria Inez D’Arcadia	1960	19	Assis – SP		Bras.
Mário Harada	1959	18	Santos – SP		Japonesa
Myrian de Jesus P. Modotte	1960	19	Passa Quatro - MG		
Nites Therezinha Feres	1960	31	Lençóis Paulista - SP	Obs: Aluna licenciada em Filosofia pela USP.	Síria
Onosor Fonseca	1961	31	São Carlos – SP	Obs: já havia cursado o 1º ano na FFCL da USP.	Bras.
Paulo Fernandes Zanotto	1960	20	Ourinhos – SP	Instituto de Educ. de Assis	
Pedro Caruzo	1959	20	Cândido Mota - SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Sirley de Souza	1960	19	Cândido Mota - SP		Bras.

### Alunos que colaram grau em 1965.

Nome	Ano de Matrícula	Idade de ingresso	Origem	Procedência escolar	Naturalidade dos pais
Arlete Aparecida Bannwart	1961	19	Lins – SP		Bras.
Carlos Erivany Fantinati	1961	19	Ourinhos – SP		Bras.
Celina Marçal De Pieri	1961	20	Santo Anastácio - SP		Bras.
Celso Pontara	1961	19	Echaporã – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Edna de Almeida Moraes	1961	20	Assis – SP		
Eni da Silva Ferreira	1961	20	Avaré – SP		Bras.
Helena Fausta de Andrade	1961	18	Itapetininga – SP		
Ivone da Conceição Dias	1961	18	Assis – SP	Instituto de Educ. de Assis	Naturalizados
Ivone Rodrigues Rossetto	1961	20	Cerqueira César - SP		
Jurema Coelho Pires	1961	33	S. Pedro do Turvo-SP		Bras.
Lício de Antonio de M. Jabur	1961	33	Tatuí – SP	Cândido Mota – SP	Bras.
Maria Angela Grassi	1961	18	Avaré – SP		Bras.
Maria Aparecida Bomtempo	1961	19	Júlio Mesquita-SP		Bras.
Maria Aparecida de Campos	1961	18	Assis – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Maria Cecília Fontes	1961	21	Itapetininga – SP		Bras.
Maria Celeste Carmo	1961	18	Pres. Wenceslau - SP		Portug./Bras.
Maria de Lourdes Munhoz	1961	17	Araçatuba – SP		Bras.
Marisa Amaral Gurgel	1961	18	Álvares Machado - SP		Bras.
Marlene Lima dos Santos	1961	18	Cândido Mota - SP		Bras.
Mery João Haddad	1961	22	Cândido Mota - SP		Síria
Osvaldo Perino	1961	19	Ourinhos – SP	I.E. “Horácio Soares” – Ourinhos – SP	Bras.
Regina Muniz Arcos	1961	17	São Paulo – SP		Bras.
Rejane Rocha de Camargo	1961	18	Itapetininga – SP		
Sonia Brito	1961	20	Cerqueira César – SP		
Sonia Maria Poletto	1961	18	Assis – SP		Bras.
Silene de Jesus Marroni	1961	19	Cândido Mota – SP		Bras.
Tiyoko Momii	1961	18	Pres. Bernardes - SP		Bras. / Japonesa
Wilma M. Coronado Antunes	1961	17	Ibirarema – SP		

### Alunos que colaram grau em 1966.

Nome	Ano de Matrícula	Idade de ingresso	Origem	Procedência escolar	Naturalidade dos pais
Alba Regina Abreu Spinardi	1962	18	Campinas – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Antonio Dimas de Moraes	1961	18	Sorocaba – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Celia Manfio	1962	18	Cândido Mota – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Darcí Aparecida Trivelato	1962	19	Ribeirão Preto – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Eleuza Neves de Alencar	1962	18	Lucélia – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Ivone Jabur	1962	22	Guareí – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Izabel Jorge	1962	18	Pitangueiras – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Maria de L. Queiroz Assis	1962	20	Cândido Mota – SP	Colégio “Santa Maria” – Assis-SP	Bras.
Maria do Carmo Galego	1962	18	Pres. Bernardes – SP	Escola Normal Municipal de Santo Anastácio/SP	Espanhóis
Maria H. Ribeiro Tucunduva	1962	19	Ourinhos – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Maria Lúcia Ribeiro Sampaio	1962	19	B. de Campos - SP	Instituto de Educ. de Assis	
Maria R. Carvalho de Oliveira	1962	19	Olímpia – SP	Escola Normal Municipal de Santo Anastácio/SP	Bras.
Maria Sylvia Nogueira Romano	1962	18	São Paulo – SP	Instituto de Educ. e C. E. de Assis	Bras.
Marinela Caruso	1962	20	Assis – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras. / Italiana
Marlí Soubhia	1962	19	Urupês – SP	Instituto de Educ. de Assis	
Myrian Zahur Elias	1962	19	Pres. Bernardes – SP	Escola Normal Particular “São José” / Bauru – SP	Síria / Bras.
Neide Conceição Dias	1962	18	Assis – SP	Instituto de Educ. de Assis	Brasileiros Nats.
Solange de Oliveira Brito	1962	18	Paraguaçu Pta. – SP	Esc.Normal e Ginásio Est. de Cerqueira César/SP	
Sonia Regina Otoni da Fonseca	1962	19	Assis – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Suely Fadul Villibor	1962	18	Ouro Fino – MG	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Sumika Mori	1962	18	Araçatuba – SP	I. E. “Manoel Bento da Cruz” – Araçatuba – SP.	Japoneses
Tereza Garrote Porcel	1962	20	Sarutaiá – SP	I. E. e C. E. de Assis	Bras.

**Alunos que colaram grau 1967.**

Nome	Ano de Matrícula	Idade de ingresso	Origem	Procedência escolar	Naturalidade dos pais
Akiko Kadekaru	1963	19	Marília – SP	C. E. e I. E. “Fernando Costa” / Pres. Prudente/SP	Japoneses
Eleusis Mirian Camocardi	1963	20	Assis – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Elvira Satuki Obata	1961	18	Pres. Prudente – SP	C. E. e I. E. “Fernando Costa” / Pres. Prudente/SP	Bras.
Gessi de Oliveira	1963	30	Rancharia – SP	Esc. Normal “Fernando Costa” / Pres. Prudente/SP	Bras.
Maria Júlia Araújo	1963	20	São Manuel – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras. / Iugoslava
Maria Sanches de O. Costa	1963	20	Araçatuba – SP	I. E. “Manoel Bento da Cruz” / Araçatuba/SP	Bras.
Odete Perin	1961	20	Pres. Bernardes – SP	Col. Estadual “Culto à Ciência” / Campinas/SP	Bras.
Regina Nogueira	1963	19	Poços de Caldas–MG	C. E. e Esc. Normal “Nhonhô Braga” / Piraju/ SP	Bras.
Silvia Aparecida Gomes	1963	20	Cerqueira César – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.

**Alunos que colaram grau em 1968.**

Nome	Ano de Matrícula	Idade de ingresso	Origem	Procedência escolar	Naturalidade dos pais
Ana Maria Moraes Góes	1964	18	Londrina – PR	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Clélia Cândida Abreu Spinardi	1964	18	Pres. Prudente – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Edy Gomes Barbosa	1964	17	Assis – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Iumna Maria Simon	1962	18	Cerqueira César – SP	Esc. Normal e Gin. Est. de Cerqueira César/ SP	
Maria Helena Bello	1964	18	Itaju – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Maria Thereza Brandileone	1963	18	Assis – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Mercedes Sanfelice	1964	18	Primeiro de Maio–PR	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Nauta Lupozeli	1963	24	Assis – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Vandersí Pereira Sant’ana	1964	18	Iepê – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Yassuko Mori	1963	18	Araçatuba – SP	I. E. “Manoel Bento da Cruz” / Araçatuba – SP	Japoneses

## Curso de História

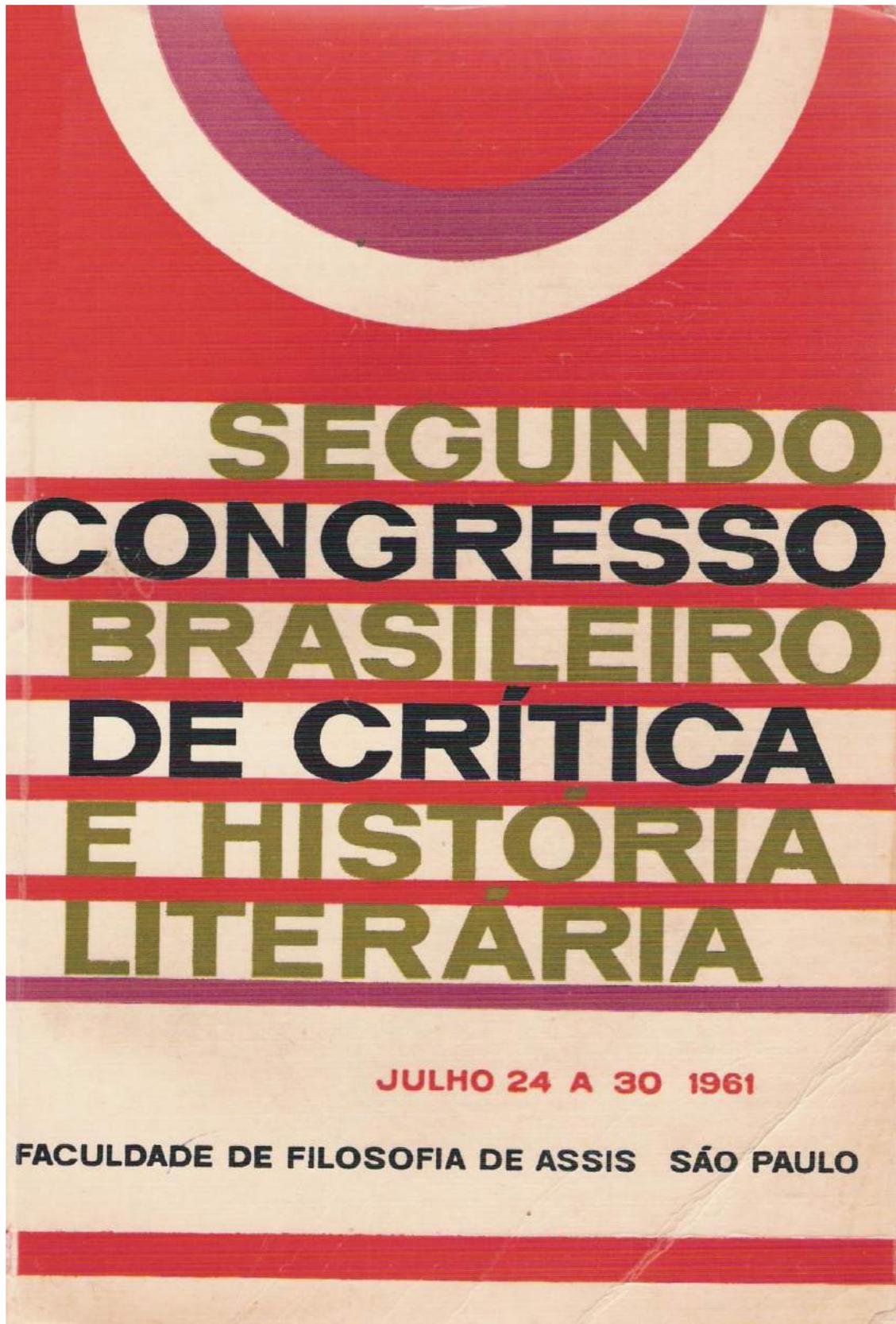
### Alunos que colaram grau em 1967.

Nome	Ano de Matrícula	Idade de ingresso	Origem	Procedência escolar	Naturalidade dos pais
Carlos Roberto de Oliveira	1963	18	Maracaí – SP	Colégio Comercial de Assis	Bras.
Dinorah Perlati Pinto	1963	24	Avai	Esc. Normal “ 7 de Setembro” São Paulo – SP	Bras.
Francisco de Melo Dias Neto	1963	18	Palmital – SP	C. E. E. N. “José J. Bittencourt” / Palmital – SP	Bras.
Giselda Couto Moreira	1963	18	Paraguaçu Pta. – SP	C. E. E. N. “Diva F. da Silveira” / Paraguaçu Pta. – SP	Bras.
Iracema de Oliveira	1963	19	Tarumã – SP	C. Esc. Normal Particular “Santa Maria” / Assis	Bras.
Maria Adelia Ribeiro	1963	19	Assis – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Neuza Dalaqua	1963	21	Manduri – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Rozina Dib	1963	27	Lutécia – SP	Instituto de Educ. de Assis	Sírios
Sidinei Galli	1963	19	Echaporã – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Terezinha Amalia Sanfelice	1963	27	Ribeirão Claro – PR	Colégio Estadual e E. N. de Assis	Bras.
Vanda de Andrade C. dos Santos	1963	18	Palmital – SP	Escola Normal “Santa Maria” / Assis – SP	Bras.

### Alunos que colaram grau em 1968.

Nome	Ano de Matrícula	Idade de ingresso	Origem	Procedência escolar	Naturalidade dos pais
Amélia Maria do Carmo Salgado	1964	18	Avaré – SP	I. E. “Cel. João Cruz” / Avaré – SP	Bras.
Aracy Tortolero Araújo	1963	25	Paraguaçu Pta. – SP	C. E. E. N. “Diva F. da Silveira” / Paraguaçu Paulista-SP	Bras.
Hatsuko Matsuda	1964	20	Maracaí – SP	I. E. “Fernando Costa” / Pres. Prudente – SP	Japonesa
Iene Helena Villa Tucunduva	1964	23	Echaporã – SP	Instituto de Educ. de Assis	Bras.
Ignez Caludino da Silva	1964	31	Passa Quatro – MG	Escola Normal Particular “Santa Maria” / Assis – SP	Bras.
Ivani Maciel	1964	20	Platina – SP	Escola Normal Particular “Santa Maria” / Assis – SP	Bras.
Maria Célia Ramos de Oliveira	1964	19	São Manuel – SP	E. N. Particular “Imaculada Conceição” / Ourinhos – SP	Bras.
Maria de Lourdes Arthuzo	1964	21	Palmital – SP	C. E. E. N. “Cel. José J. Bittencourt” / Palmital – SP	Bras.
Maria José Costa Matos	1964	18	Platina – SP	Instituto de Educ. de Assis	
Mariza Lisboa	1964	18	Rancharia – SP	I. E. “Dom Antônio José dos Santos” / Rancharia – SP	Bras.
Roberto Medeiros	1964	21	Palmital – SP	C.E.E.N. “Cel. José J. Bittencourt” / Palmital – SP	Bras.
Rosemary Barleto Reginato	1964	17	Ourinhos – SP	E. N. Particular “Imaculada Conceição” / Ourinhos – SP	Bras.
Teresinha Ap. Del Fiorentino	1964	18	S. Caetano do Sul – SP	E. N. Particular “Imaculada Conceição” / Ourinhos – SP	
Weimar Lúcia Dorini	1964	18	Cornélio Procópio – PR	E. N. Particular do Inst. “Sta. Marcelina” / Botucatu – SP	Bras.

**ANEXO 2 – Congressistas e Contribuições.**



Capa dos Anais do 2º Congresso, publicada em 1963. Concepção do artista plástico português exilado Fernando Lemos.

DIREÇÃO DO CONGRESSO – PRESIDENTES DE HONRA: Prof. Dr. Alceu Amoroso Lima; Prof. Dr. Álvaro Lins; Dr. Aristeu Seixas, Presidente da Academia Paulista de Letras; Dr. Arsênio Tavolieri, Presidente da Associação Paulista de Imprensa; Dr. Augusto Meyer, Diretor do Instituto Nacional do Livro; Prof. Dr. Austragésilo de Athayde, Presidente da Academia Brasileira de Letras; Cândido Jucá (Filho), Presidente da Academia Brasileira de Filologia; Prof. Dr. Gilberto Freyre; Dr. Hebert Moses, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Prof. João Alfredo da Costa Lima, Magnífico Reitor da Universidade do Recife; Prof. Dr. Nilo Pereira, Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Recife; Dr. Paulo Duarte, Presidente da União Brasileira de Escritores de São Paulo; Prof. Dr. Peregrino Júnior, Presidente da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro; Prof. Dr. Sérgio Buarque de Holanda; Dr. Sérgio Milliet.

PRESIDENTE EXECUTIVO: Prof. Dr. Antônio Augusto Soares Amora, da FFCL da USP, Diretor da FFCL de Assis.

SECRETÁRIO GERAL: Prof. Jorge de Sena, da FFCL de Assis.

DELEGADOS DA SECRETARIA GERAL: Em Recife, Prof. Joel Pontes, da FFCL da Universidade do Recife. No Rio de Janeiro, Sr. Alexandre Eulálio Pimenta da Cunha, Secretário da *Revista do Livro*. Em Portugal, Prof. Dr. Oscar Lopes.

COMISSÕES DA SECRETARIA GERAL:

Comissão Coordenadora das Teses e Relatórios: o Secretário Geral do Congresso, e os Professores Dr. Antônio Cândido de Mello e Souza, da FFCL da USP, e Dr. Rolando Morel Pinto da FFCL de Assis.

Comissão das Mesas Redondas: o Secretário Geral do Congresso e os Professores Dr. Jesus Belo Galvão, e o Dr. Naief Safady, da FFCL de Assis.

Comissão Diretora dos Serviços do Congresso: os Profs. da FFCL de Assis, Dr. José Ferreira Carrato, Chefe do Serviço de Relações Públicas do Congresso, que preside, Dr. Antônio Lázaro de Almeida Prado, Dr. Erwin Theodor Rosenthal, W. S. Jonas Speyer, Stanley Robson de Cerqueira, Dr. Vitor de Almeida Ramos; e os Srs. Horácio Tucunduva, Presidente do Centro Acadêmico XIV de Agosto, de Assis, Divo Vara, João Nogueira Prado e Roberto Roselli Lutti dos Serviços Administrativos da FFCL de Assis.

CONGRESSISTAS: Adolfo Casais Monteiro, Afonso Ávila, Afonso Romano de Santana, Aída Costa, Alexandre Eulálio Pimenta da Cunha, Alexandrino Eusébio Severino, Altino Martinez, Amihi Boianain, Anatol Rosenfeld, Antônio Augusto Soares Amora, Antônio Cândido de Mello e Souza, Antônio Lázaro de Almeida Prado, Ataliba T. de Castilho, Antônio Roberto de Paula Leite, Augusto de Campos, Benedito Nunes, Braga Montenegro, Carlos de Assis Pereira, Carlos Burlamáqui Kopke, Cléa Monteiro Beserra de Melo, Clemente Segundo Pinho, Décio de Almeida Prado, Décio Pignatari, Emanuel Pereira Filho, Elvo Clemente, Ênio Fonda, Enzo Del Carratore, Erwin T. Rosenthal, Francisco Isolino de Siqueira, Guilherme de La Cruz Coronado, Haroldo de Campos, Hélcio Martins, Hilário Máximo, Irene de Melo Neves, Ivana Versiani Galery, Jesus Belo Galvão, João Alexandre Barbosa, João B. Caminotto, João Climaco Beserra, Joel Pontes, José de Godinho, Jorge Cândido de Sena, Jorge Fidelino Figueiredo, José Antônio Benton, José Carlos Garbuglio, José Ferreira Carrato, José Lino Grünewald, José Paulo Checcheto, José Zironi, Lígia Maria Melo de Castro, Laís Maria Araújo, Luís Carlos Alves M. Arnulfo, Manuel Carlos Vieira, Manuel Cerqueira Leite, Maria Lúcia Campelo Souza, Maria Núbia da Câmara Borges, Maria Olga de Oliviera Orlândi, Massaud Moisés, Naief Safady, Nelly Novaes Coelho, Néelson Róssi, Nilo Scalzo, Olga Mil-Homens Costa, Odete Pereira Braga, Paulo Emílio Sales Gomes, Paulo Hecker Filho, Pedro Brod. Pedro Paulo Montenegro, Renato Jobim, Ricardo Navas Ruiz, Roberto Schwarz, Rolando Morel Pinto, Sami Sirihal, Segismundo Spina, Sérgio Buarque de Holanda, Silviano Santiago, Sônia Heinrich de Matos, Stanley Robson de Cerqueira, Temira Pontes, Vítor de Almeida Ramos, Virgínius da Gama e Melo, Wilson Martins, Wilton Cardoso, Winifred Kera Stevens, W. S. Jonas Speyer.

#### CONTRIBUIÇÕES

Relatórios: Anatol Rosenfeld, *A Estrutura da Obra Literária*. Adolfo Casais Monteiro, *A Crítica Sociológica*. Carlos Burlamáqui Kopke, *Conceito e Aplicação da Crítica Periodológica*. Décio Pignatari, *A Situação Atual da Poesia no Brasil*. Paulo Hecker Filho, *O Teatro Brasileiro*. Segismundo Spina, *A Crítica de Fontes*. Wilson Martins, *A Crítica como Síntese*.

Teses e Comunicações: Antônio José de Saraiva, *A Obra Literária como Significante*. Attilio Peduto, *Sulla Critica Letteraria Genesi-Dialettica-Prospettive*. Astrojildo Pereira, *Quincas Borba e a Crítica*. Cassiano Ricardo, *22 e a Poesia Hoje*. Euríalo Canabrava, *Interpretação do Poema Difícil*. Emmanuel Pereira Filho, *A Primeira Crônica do Brasil*.

Georges F. Listopad, *O Crítico Bedrich Vaclaveck e a Escola Sociológica de Praga*. Hécio Martins, *Como Eça de Queirós Elabora seus Personagens*. Joel Pontes, *O Teatro Sério de Artur de Azevedo*. João Alexandre Barbosa, *História da Literatura e Literatura Brasileira*. Oscar Lopes, *Postulados de uma Experiência de um Ensaio Crítico e Histórico*. Roberto de Paula Leite, *Arte e Realidade, Dimensões Antagônicas?* Silviano Santiago, *Um Manuscrito de André Gide no Brasil*. Virgínius da Gama e Melo, *O Romance Nordestino de 1928 a 1961*.

Teses recebidas fora de prazo: E. M. de Melo e Castro, *Três Poetisas Portuguesas Atuais* (Salette Tavares, Maria Teresa Horta e Maria Alberta Meneres). Luísa Dacosta, *Nicolau Tolentino e o Amor*. Taborda de Vasconcelos, *José Blanc de Portugal – “Anti-Cristo” Português*. Vítor de Sá, *Prolegômenos sobre a Crítica como Pedagogia Social*.\*

---

\* CONGRESSO BRASILEIRO DE CRÍTICA E HISTÓRIA LITERÁRIA, 2º, 1961, Assis/SP. *Anais...* Assis: IIESESP – FFCL, 1963. pp. 21-24.

## **ANEXO 3 – A Gazeta de Assis, edição de 14 de abril 1964.**

### **A crise e os intocáveis**

A Faculdade de Filosofia de Assis vive – e isso não é novidade – distanciada do povo. Deliberadamente ou não, os responsáveis pelos destinos da instituição timbram em mantê-la longe do povo, eqüidistante dos problemas da cidade.

Dizem que professores – nem todos, é claro – , são alérgicos ao povo. Dêsse mesmo povo que lhes não abriu os braços porque lhes abrisse o coração, quando aqui portaram.

A verdade, porém, é que a nossa escola, objeto de elogios até de órgãos da imprensa infensos à criação de Faculdades no interior, desconheceu a cordialidade e começou a dar-se ares de uma importância que tangenciou o ridículo.

Embriagados com os elogios – alguns imerecidos – os nossos sábios ergueram a murada do snobismo, que acabaria por separar, irremediavelmente, a escola da cidade.

Nenhum contacto, nenhuma aproximação, capaz de comprometer o cenáculo augusto, onde se agitam alguns bichaços intocáveis. E a cidade tolerou o desprezo injustificado, e bem ou mal, continuou a prestigiar a instituição que deveria ser – e infelizmente já não é –, motivo de nosso orgulho.

Agora, que a crise política que envolveu a nação atingiu, também, a escola de Assis, a cidade recebeu, indiferente, as notícias de que algumas prisões alcançavam alunos e assistentes.

Não reagiu e nem se impacientou. E não podia solidarizar-se, evidentemente, com os traficantes do credo vermelho.

Não desconhecia que por snobismo, pernosticismo, inadvertência o esquerdismo passara a ser a tônica que marcava atitude de certos alunos.

Estreita colaboração com a U.N.E., entidade subversiva que recebia dinheiro até da SUPRA, caracterizava o comportamento desses tolos, empavonados e enquadrados na “linha chinesa”.

É desagradável comentar estes fatos, notadamente quando a ação decidida e enérgica da polícia de Assis começa a espantar os esquerdistas.

Dir-se-ia que não é oportuno falar de certas verdades.

É mister, porém, dirigir uma advertência aos alunos decentes e honestos – felizmente, a maioria –, para que reajam não só contra essa pregação de ódio que vinha solapando, perigosamente, as bases da instituição, como também para derrubar, definitivamente, as barreiras que a separam das forças vivas desta cidade.

Êste o exemplo que se espera da escola. Esta a lição que ela deve dar.

Basta de omissões. Dessa omissão amiga da cumplicidade, co-irmã da covardia. Porque é incompreensível, e chega a ser degradante, que se não condene a patifaria que a pregação subversiva representa nos quadros da escola.

Necessário se faz que os alunos e professores NÃO COMPROMETIDOS, saiam do inquietante silêncio em que se meteram, e digam uma palavra capaz de espancar as dúvidas.

E essa definição é reclamada, sem vacilações e fraquezas. Chega de mágicas. De truque, manhas e pequenas espertezas.

Jogo aberto e franco. E com cartas na mesa.

Para que a opinião pública se convença e saiba que não está ou que vai ser enganada.

Ainda é tempo.

# **Caderno de fotos**



Foto 1 – Vista panorâmica de Assis em 1959. Ao fundo, à esquerda do Colégio Santa Maria, o bloco anexo de três pavimentos, o edifício da Faculdade. (Eduardo Ayrosa)



Foto 2 – O primeiro prédio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis. Na porta alguns estudantes e uma freira. E à direita ao fundo, o prédio do Colégio Santa Maria. (Eduardo Ayrosa)



Foto 3 – Uma das reuniões do 1º Corpo Docente realizadas em Assis. Na esquerda, da frente para o fundo os perfis de Vítor Ramos, Jonas Speyer e Julio Garcia Morejon. A partir do centro, no fundo (esq. p/ dir.), o secretário Divo Vara, o Diretor Antônio A. S. Amora e os professores Cassiano Nunes Botica, Joseph J. Van Den Besselaar, Stanley Robson de Cerqueira, Antônio Lázaro de Almeida Prado e Rolando Morel Pinto. (Eduardo Ayrosa)



Foto 4 – Os professores e as autoridades locais no Anfiteatro da Rádio Difusora de Assis para uma comunicação radiofônica. No microfone Waldomiro Galvão de Camargo. A sua frente nas primeiras fileiras Jonas Speyer, Amora, Stanley R. Cerqueira, José F. Carrato. Atrás de Soares Amora o Deputado Santilli Sobrinho com a mão esquerda no rosto. (autoria desconhecida)



Foto 5 – Anfiteatro da Rádio Difusora de Assis durante as programações de Inauguração da Faculdade. O Diretor Amora falando. Nas primeiras fileiras (lado esquerdo de Amora, da dir. p/ esq.): professores Jonas Speyer, Julio García Morejón e Naief Safady. Atrás deles: Antonio Candido, Rolando Morel Pinto e Erwin Rosenthal. No primeiro plano a direita os perfis de Vítor Ramos e ao seu lado S. Robson de Cerqueira. (autoria desconhecida)



Foto 6 – Atividades festivas da inauguração da FFCL de Assis. Nesta foto, bem a esquerda, observa-se Antonio Candido, mirando seu inesquecível sorriso ao diretor Amora (de perfil, entre os dois homens de costas). (autoria desconhecida)



Foto 7 – Visita dos professores e suas esposas às instalações do primeiro Edifício da Faculdade. O saguão de entrada. Ao lado esquerdo o deputado Santilli. À direita Soares Amora ao lado de Erwin Rosenthal e atrás deles Antonio Candido. (autoria desconhecida)

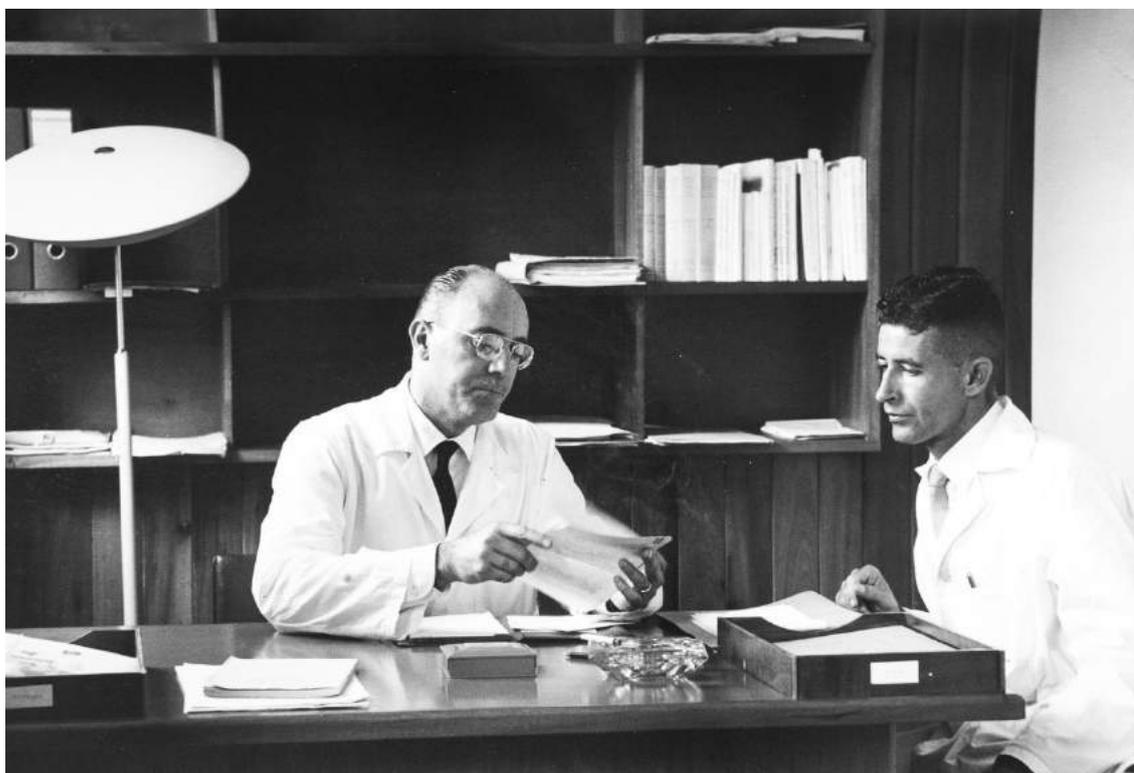


Foto 8 – O diretor Amora e o secretário Divo Vara cuidando do trabalho administrativo. (Eduardo Ayrosa)



Foto 09 – O diretor Amora com o Departamento de Letras Vernáculas: da esquerda para a direita os professores Rolando Morel Pinto (pernas cruzadas), Naief Safady e Antonio Candido. (Eduardo Ayrosa)



Foto 10 – O Departamento de Letras Anglo-Germânicas: da frente para o fundo, os professores Erwin Theodor Rosenthal, Stanley Robson de Cerqueira e Cassiano Nunes Botica. (Eduardo Ayrosa)



Foto 11 – O Departamento de Letras Românicas: da esq. p/ dir. os professores Julio G. Morejón, José Ferreira Carrato, Vítor Ramos e Antônio Lázaro de Almeida Prado. (Eduardo Ayrosa)



Foto 12 – Aula de Formação Pedagógica, com o professor W. S. Jonas Speyer, ao centro. (Eduardo Ayrosa)



Foto 13 – Os alunos da primeira turma, durante um intervalo nos pátios do fundo da Faculdade. (Eduardo Ayrosa)



Foto 14 – O professor Naeif Safady orientando uma aluna. (Eduardo Ayrosa)

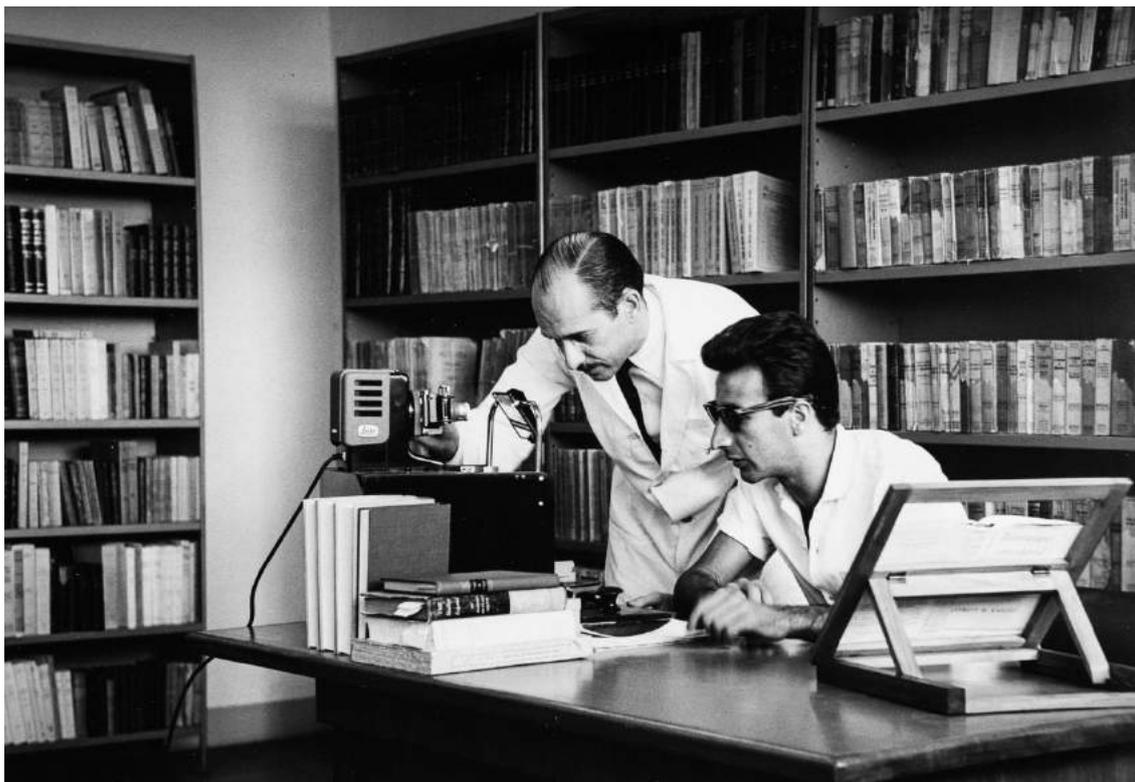


Foto 15 – O aluno Pedro Caruso, na aula prática de leitura de documentos literários, sob a orientação do Professor Antonio Cândido de Mello e Souza. (Eduardo Ayrosa)



Foto 16 – Grupo de alunos em hora de estudo. Ao centro Clarisse Santilli.



Foto 17 – Mesa da Solenidade de Abertura do 2º Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária: Em pé Jorge de Sena. Sentados, da esquerda para a direita: Sérgio Buarque de Holanda, bispo Dom José Lázaro Neves e o diretor Antônio A. S. Amora. (autoria desconhecida)



Foto 18 – O outro lado da mesma Mesa da Cerimônia de Abertura: (esq. p/ dir.) bispo Dom Lázaro, Diretor Amora, Prefeito José Augusto Ribeiro, Dr. Francisco Siqueira, representante do Secretário de Educação do Estado de São Paulo e em pé o Dr. Waldomiro Galvão de Camargo, representante do Juiz de Direito da Comarca. (autoria desconhecida)



Foto 19 – Apresentação da Tese de Anatol Rosenfeld. Da esq. p/ dir. Jorge de Sena (com cigarro na mão direita), Augusto S. Amora e Anatol Rosenfeld. (autoria desconhecida)



Foto 20 – Público da apresentação de Anatol Rosenfeld. Na 1ª Fila (esq. p/ dir. a partir do quarto homem): Wilton Cardoso, Décio Pignatari, Paulo Emílio Sales Gomes e Wilson Martins. Na 2ª Fila (esq. p/ dir.): José Lino Grünwald, irmãos Campos, padre marista de Porto Alegre, Paulo Hecker Filho, Nilo Scalzo (jornalista). Na 3ª Fila (esq. p/ dir.): José Ferreira Carrato, Antonio Candido, Décio de Almeida Prado, Joel Pontes e Benedito Nunes. (autoria desconhecida)



Foto 21 – Intervenção de Décio Pignatari nos debates em torno da Tese de Anatol Rosenfeld. (autoria desconhecida)



Foto 22 – Comunicação de Haroldo de Campos, tendo como espectadores Wilson Martins, Paulo Emílio, Décio de Almeida Prado, Jesus Belo Galvão (terno claro) e Maria Aparecida Brando Campos Santilli (que olha pra câmera). No canto esquerdo da foto vemos ainda Joel Pontes e Antônio Lázaro de Almeida Prado. (autoria desconhecida)



Foto 23 – Intervalo para um café: da esquerda para a direita: Luis Carlos Alves, José Lino Grünewald, Haroldo de Campos e esposa, Joel Pontes e Virgínius da Gama e Melo. (autoria desconhecida)



Foto 24 – Conversas na porta da Faculdade (esq. p/ dir.): Décio Pignatari, Benedito Nunes, Roberto Schwarz, José Lino Grünewald, Haroldo de Campos e Anatol Rosenfeld. (autoria desconhecida)



Foto 25 – Conversa informal no saguão de entrada da Faculdade: (esq. p/ dir.) Joel Pontes, João Alexandre Barbosa e Ana May Barbosa, Antonio Candido, Décio Pignatari e esposa. (autoria desconhecida)



Foto 26 – Apresentação da Tese de Adolfo Casais Monteiro. Compondo a mesa (esq. p/ dir.) Jorge de Sena, Adolfo Casais Monteiro, José Santilli Sobrinho, Sérgio Buarque de Holanda e Antônio A. S. Amora. (autoria desconhecida)



Foto 27 – Intervenção do Prof. Antonio Candido durante o Segundo Congresso. Não há certeza se esta foi sua intervenção na apresentação de A. Casais Monteiro ou na de Anatol Rosenfeld. (autoria desconhecida)



Foto 28 – Mesa Redonda Sobre os Problemas do Ensino de Literatura. (MRSPEL) Embaixo á direita: de batina, os dois padres maristas da Universidade Católica de Porto Alegre/RS, ao lado, de óculos, João Alexandre Barbosa, atrás dele, na 1ª Fila, Nelly Novaes Coelho. De baixo para cima à esquerda, sentados: Prof. Vítor Ramos (de costas), Wilson Martins, Adolfo Casais Monteiro, Antonio Candido, Wilton Cardoso, Enio Fonda, Carlos Burlamáqui Kopke, Stanley Robson de Cerqueira. Acima, do centro para a direita da mesa: Lourival Gomes Machado, Clemente Segundo Pinho e Jonas Speyer (calvos). Atrás deles, na 1ª fila, José Lino Grünwald e esposa, Décio Pignatari e Nilo Scalzo; na 2ª fila as alunas Teresa Vara, Wilma Rodrigues, Maria Helena Pires, Wanda de O. Roselli e Clarisse Santilli. (autoria desconhecida)



Foto 29 – Público do lado esquerdo na MRSPEL. Na 1ª fila, (esq. p/ dir.) Nilo Scalzo, Décio Pignatari, José Lino Grünewald e esposa; na 2ª fila, (esq. p/ dir.) as alunas Clarisse Santilli (óculos e blusa escuros), Wanda de Oliveira Roselli, Maria Helena Pires, Wilma Rodrigues e Teresa Pires Vara; 3ª fila (esq. p/ dir.) João Clímaco Bezerra, Braga Montenegro e Roberto Schwarz. (autoria desconhecida)



Foto 30 – Paulo Rezende Barbosa e esposa junto com Helena Amora e o diretor Soares Amora, durante o churrasco de confraternização do Congresso realizado na noite de 27/07/1961, na Fazenda Maracáí, propriedade do casal Rezende Barbosa. (autoria desconhecida)



Foto 31 – Apresentação do Trabalho de Alexandre Eulálio Pimenta da Cunha. Da esq. p/ dir. Amora, Jorge de Sena, Adolfo Casais Monteiro, Alexandre Eulálio P. da Cunha (falando), Jesus Belo Galvão e Hécio Martins. Alexandre Eulálio e Hécio Martins eram da delegação do Rio de Janeiro. (autoria desconhecida)



Foto 32 – Apresentação de Trabalho. Da esq. p/ dir. sentados: o bispo D. José Lázaro Neves, o Prof. Amora e o Prof. Antônio Lázaro de Almeida Prado e o professor italiano Atílio Peduto. (autoria desconhecida)



Foto 33 – Público da apresentação de trabalho de Wilton Cardoso. Na 2ª fila (dir. p esq.) Lourival Gomes Machado e Joel Pontes. Na 3ª fila (dir. p esq.) Vítor Ramos, Adolfo Casais Monteiro e Braga Montenegro. A primeira da 4ª fila é Ivana Versiani Galery. O segundo homem atrás de Adolfo C. Monteiro, ao fundo, é o professor Massaud Moisés (de óculos e bigode) tendo à sua direita Leila Perrone-Moisés. (autoria desconhecida)



Foto 34 – Apresentação teatral dos alunos da FFCL, encenando a peça “As Noivas”, durante as atividades culturais do 2º Congresso de Crítica. Grande público prestigiando. (autoria desconhecida)



Foto 35 – Os congressistas no terreno do Novo Prédio da FFCL, para a cerimônia de lançamento da pedra fundamental. (autoria desconhecida)



Foto 36 – Da esq. p/ dir. Jorge Fidelino Figueiredo (engenheiro responsável pela construção do novo prédio) e esposa, os casais Santilli Sobrinho e Soares Amora. (autoria desconhecida)



Foto 37 – Os primeiros funcionários da FFCL de Assis em pose para uma foto na porta da Faculdade, durante o 2º Congresso de Crítica. (autoria desconhecida)



Foto 38 – A arquitetura “bossa-nova” do novo prédio da FFCL de Assis, localização atual. Foto tirada logo após a conclusão das obras em 1963. (autoria desconhecida)



Foto 39 – Placa de inauguração da Faculdade contemplando os principais colaboradores de sua concretização. Ao final, lê-se a inscrição destacando o “POVO DE ASSIS”. Atualmente esta placa está localizada na parede direita do saguão de entrada do Prédio 1. (Eduardo Ayrosa)



Foto 40 – Fotografia colhida do “material subversivo” apreendido pela Delegacia Regional de Polícia de Assis, durante o golpe de 1964. Anexada à folha 212 do Inquérito Policial nº 54 / 2º Volume, de 1964. Arquivo do Fórum da Comarca de Assis / Cartório do 3º Ofício, cx. 168, sob a custódia do CEDAP (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa – UNESP/Assis-SP). Na inscrição vertical do pacote grande à esquerda é possível ler: “Material apreendido. Antônio Dimas de Moraes. Estudante.” (autoria desconhecida)





#### SOBRE O AUTOR

FÁBIO RUELA DE OLIVEIRA nasceu em Assis em 02 de outubro de 1976, cursou todo seu ensino básico na escola pública “Profª. Francisca R. M. Fernandes” (1983-1993), na Vila Glória em Assis. É graduado em história (1997) e mestre em história e sociedade (2002) pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Assis. Doutor em história social pela Universidade Federal Fluminense (UFF) em 2010. Apresenta 17 anos de trabalho contínuo no ensino superior público do Estado do Paraná, e atualmente é professor do Departamento de História da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), Campus Santa Cruz, Guarapuava/PR.